

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

(Ramo Profissionalizante)

Trabalho de Projeto

**Histórias de Mulheres sobre Autodefesa
– Tradução e Transformação em Análise
VOL. II**

Ilda Maria Severino Ambrósio

Orientador:

Prof. Doutor Luís Sérgio Pinto Guerra

Julho 2012

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Trabalho de Projeto

**Histórias de Mulheres sobre Autodefesa
- Tradução e Transformação em Análise –**

VOL. I

Ilda Maria Severino Ambrósio

Orientador:

Prof. Doutor Luís Sérgio Pinto Guerra

Julho 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu Orientador, Professor Doutor Luís Guerra, pelas suas sugestões e comentários, sempre pautados pela boa disposição;

A todas as professoras dos seminários deste Curso, pelas aprendizagens que nos proporcionaram;

À Professora Doutora Ana Clara Birrento, por todo o apoio prestado;

Às amigas e aos familiares que leram as histórias e me transmitiram a sua visão honesta como leitoras/leitores;

À Ana e ao Francisco, pela ajuda fundamental para a concretização deste projeto;

Aos meus filhos André, Ricardo e Daniel, porque cada um, à sua maneira, me tem colocado novos desafios, que me têm ajudado a crescer;

Ao Joaquim, meu amigo e companheiro, por estimular a calma, o bom humor e a motivação, fundamentais para a realização deste trabalho;

À minha mãe, por ter sido ao longo da sua vida uma lutadora e uma inspiração para as outras mulheres.

RESUMO

Este trabalho tem por base a tradução de histórias do livro *Her wits about her: Self-Defence Success Stories by Women*. Nele refletimos sobre as questões culturais, o papel do tradutor e do público-alvo, e sobre a tradução como transmissora de conhecimento. O tradutor surge como tridimensional, por ser leitor, criador e crítico. Conseqüentemente, deve adquirir conhecimentos e experiência úteis para a resolução de problemas que surgem ao longo do processo de tradução. Analisámos alguns, principalmente relacionados com diferenças linguísticas e culturais entre o Inglês e o Português, nomeadamente sobre a questão de género. No final, pedimos a leitores para nos darem o seu parecer sobre a tradução. Com base nos seus comentários, fizemos alguns melhoramentos, porque gostaríamos que os leitores sentissem empatia com o texto, através do qual pretendemos partilhar conhecimento, de forma a tornar as mulheres mais conscientes das suas capacidades, por forma a reagir perante um ataque.

Palavras-chave: Tradução, conhecimento, mulheres, autodefesa, transformação cultural.

ABSTRACT

The basis of this work is the translation of *Her wits about her: Self-Defence Success Stories by Women*. We considered cultural issues, the role of the translator and the target reader, and of translation as a vehicle for knowledge. The translator appears as a tridimensional figure: s/he is a reader, a creator and a critic. Therefore, s/he should acquire useful knowledge and experience to solve the problems s/he may encounter in the process of translation. We analyzed some of these problems, focusing on language and cultural differences between English and Portuguese, namely the gender issue. Finally, based on comments from a sample of readers regarding the translation, we revised it, in an effort to reinforce readers' empathy with the text, which is crucial, given that it aims to share knowledge, in order to make women more conscious of their abilities and enable them to react in case of attack.

Keywords: Translation, knowledge, women, self-defense, cultural transformation.

Índice

VOLUME I

| Capítulos | pág. |
|---|------|
| 1. Introdução – O Tempo das Primeiras Escolhas | 7 |
| 2. O Tempo do Leitor | 10 |
| 3. As Questões Culturais no Tempo | 13 |
| 3.1. Breve perspetiva histórica | 13 |
| 3.2. Aspetos culturais em <i>Her wits about her</i> | 15 |
| 3.3. A mulher na cultura portuguesa atual | 19 |
| 4. O Processo de Tradução-Criação | 22 |
| 4.1. Títulos | 23 |
| 4.1.1. O livro | 23 |
| 4.1.2. As partes do livro | 24 |
| 4.1.3. As histórias | 26 |
| 4.1.4. Outros títulos ou referências | 27 |
| 4.2. Aspetos formais | 29 |
| 4.3. Léxico | 30 |
| 4.4. Dificuldades linguísticas e culturais | 32 |
| 4.4.1. Unidades de Medida | 35 |
| 4.4.2. Referências Culturais | 36 |
| 4.4.3. Adjetivação | 38 |
| 4.4.4. O Discurso | 40 |
| 4.4.5. O Género | 43 |
| 4.5. Melhoria do texto | 49 |

| | |
|--|----|
| 5. O Tempo do Tradutor-Crítico | 53 |
| 6. Tradução – Ação – Transformação | 58 |
| Bibliografia | 63 |

Anexos

- O Produto da Criação: *Saber para Sobreviver – Histórias de Mulheres sobre Autodefesa*

VOLUME II

- O Texto Fonte: *Her wits about her – Self-Defence Success Stories by Women*

1. INTRODUÇÃO – O Tempo das Primeiras Escolhas

Este Trabalho de Projeto do Curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução tem como objetivos fundamentais os seguintes: refletir sobre a tradução (processo e produto), sobre o papel do tradutor nesse processo e como criador desse produto, bem como investigar a pertinência da área temática escolhida no contexto cultural atual.

Dividimos o Trabalho de Projeto em dois volumes, sendo o primeiro dedicado à concretização dos objetivos referidos anteriormente e o segundo constituído pelo texto fonte. Resolvemos colocar o texto fonte num volume separado, para tornar mais fácil a sua consulta. Pelo mesmo motivo, devido à sua dimensão, colocámos em anexo, no final do Volume I, a tradução realizada, apesar de a considerarmos parte integrante e fundamental deste Trabalho de Projeto.

O livro *Her wits about her: Self-Defence Success Stories by Women* constituiu o *corpus* objeto de tradução do nosso Trabalho de Projeto. Esta escolha surgiu um pouco por acaso, de entre algumas sugestões propostas pelo professor orientador. No entanto, já existia previamente uma vontade de trabalhar textos escritos por mulheres e que não estivessem muito recuados no tempo. Por esse facto, não foi difícil a escolha desta antologia, compilada por Denise Caignon e Gail Groves e publicada pela primeira vez nos EUA em 1987, que reúne testemunhos de mulheres sobreviventes a ataques e agressões, através da utilização de técnicas de autodefesa.

Este livro está dividido em sete partes ou secções, cujos títulos estão relacionados com o tipo de ataque ou com o tipo de estratégia utilizada na autodefesa. Pareceu-nos que este Trabalho de Projeto ficaria incompleto se escolhesse apenas algumas partes do livro, por isso, optámos por selecionar duas a três histórias em cada

uma das partes, na tentativa de corresponderem a uma amostragem de diferentes experiências e realidades e de constituírem desafios de tradução variados. Para além das histórias, considerámos que também seria importante traduzir as introduções no início de cada parte, porque ajudam a contextualizar as situações de ataque-defesa presentes nas histórias traduzidas. Nessa tradução omitimos informação, principalmente relacionada com histórias que não tinham sido selecionadas, por estar descontextualizada.

Nesta antologia, a autodefesa surge como reação natural ao ataque, como a única hipótese de sobrevivência existente para as mulheres. Na base da autodefesa encontramos a perspicácia, a intuição e a sensatez, competências fundamentais na gestão de conflitos ou de qualquer situação de violência. Apesar de todas as histórias revelarem vivências e experiências bastante difíceis, a tônica principal é positiva, devido ao facto de todas as histórias terem final feliz, principalmente porque as suas protagonistas conseguiram agir/reagir perante as adversidades. Este otimismo referido na introdução (p. xxxix),¹ através de “These success stories are meant to inspire you and make you feel strong”, inspirou-nos, sem dúvida, a escolher este livro.

Este trabalho está organizado por capítulos e alguns deles divididos em subcapítulos. Focámos a nossa atenção no tradutor como leitor, criador e crítico da sua obra, respetivamente nos capítulos dois, quatro e cinco. No capítulo três, as questões culturais estão em evidência, por ser fundamental a sua pesquisa e análise para a realização de uma tradução consistente. Do capítulo quatro, o mais longo, subordinado à análise do processo de tradução, constam as dificuldades e problemas encontrados, bem como as soluções consideradas mais adequadas. O sexto, ou último capítulo, constitui

¹ Nas citações referentes ao texto fonte, colocámos o número das páginas originais, que se encontram no Volume II. Não paginámos esse volume por considerarmos que poderia ser confuso para o leitor.

uma espécie de conclusão sobre a importância da tradução como processo de comunicação e aprendizagem.

Na identificação de alguns capítulos, utilizámos a palavra “tempo”, para enfatizar a necessidade de disfrutar de tempo em quantidade e qualidade, por forma a traduzir de forma refletida. A forma como vivemos e trabalhamos está dependente do tempo, talvez por isso ele seja frequentemente utilizado como desculpa para as nossas falhas e surge nas nossas conversas como um inimigo que gostaríamos que não nos atormentasse. Neste trabalho, pensámos inverter esta aceção comum, mas pouco razoável, porque o tempo continua a passar de forma regular e não controlável pelo ser humano. Pareceu-nos ser esta uma oportunidade de olhar para o tempo como algo positivo, que podemos disfrutar e gerir à nossa maneira. Concordamos com Raymond Williams, quando refere “To put on to Time, the abstraction, the responsibility for our own active choices is to suppress a central part of our experience” (1980:70). As pessoas que colocam as culpas no tempo, possivelmente nunca imaginaram o que fariam se ele parasse.

Tanto na tradução como na redação deste trabalho utilizámos o acordo ortográfico atual.

2. O TEMPO DO LEITOR

O momento da leitura proporciona prazer, para além da aquisição de informação, através da partilha de experiências e emoções com o autor/narrador e com as personagens. Talvez, por isso, se referenciem os livros como amigos que, inclusive, nos ajudam a encontrar força e motivação em momentos difíceis.

A relação do leitor com os livros muda ao longo do tempo. Em crianças, sentíamos uma espécie de magia na leitura, porque ao entrarmos no texto, éramos transportados para outros lugares, onde vivíamos aventuras. Enquanto jovem, refere Susan Sontag, as traduções “descodificavam livros a que eu de outro modo não teria acesso” e, por isso, representavam “uma dádiva” (2011:197). Porém, com o tempo, vamos dando mais atenção à forma como a mensagem é transmitida, logo, ficamos mais seletivos. Inclusive, por vezes, não conseguimos ler um livro traduzido, por haver expressões que nos parecem estranhas na língua de chegada. Por outro lado, por vezes não se estabelece empatia com um livro num determinado momento, contudo, após alguns anos, quando retomamos a leitura, ficamos agradavelmente surpreendidos, o que confirma que não seria a falta de qualidade do texto, mas a existência de outras condicionantes, como por exemplo, o nosso estado psicológico ou a nossa (i)maturidade relativamente a alguns temas.

Desde cedo, pensámos incluir neste trabalho uma secção em que pudéssemos refletir essencialmente sobre dois tipos de leitores: o leitor-tradutor e o leitor da obra traduzida. Na essência, não serão muito diferentes; podemos identificar a procura de informação e prazer como sendo tónicas dominantes, porém, o leitor-tradutor necessita de estar mais atento e consciente da tarefa difícil que irá realizar posteriormente,

porque, como refere Newmark, “the translator has to empathise with the writer, to reproduce in language the impact of the text on himself” (1991:109).

Pelo exposto anteriormente, consideramos fundamental para qualquer tradutor, o tempo que antecede a tradução, ou seja, a primeira leitura do texto. Como qualquer outro leitor conhecedor da língua fonte, estabelecemos um contacto com o texto, o qual pode ser mais ou menos positivo, de acordo, por exemplo, com as dificuldades linguísticas/culturais encontradas e o(s) tema(s) que são tratados. Quer os temas, quer as dificuldades condicionam a nossa empatia com o texto.

“The translator must earn the right to intimacy with the text, through the act of reading”, assim resume Simon, a propósito da forma como Spivak considera a relação da tradutora com o texto fonte (1996:144). Neste caso, na nossa leitura/aproximação ao texto, foi fácil criar empatia com o mesmo, por ser verídico, simples e inovador. Apesar de a autodefesa ser considerada por nós um tema interessante, não tínhamos ainda tido oportunidade de adquirir informação através de testemunhos de mulheres.

Podemos dizer que numa primeira leitura breve, escolhemos o livro como objeto de tradução e numa segunda leitura mais atenta e mais refletida, seleccionámos as histórias a traduzir, tentando encontrar experiências interessantes pela sua diversidade.

Nalgumas histórias, a existência de marcas constantes do discurso oral colocou em risco a sua seleção; por exemplo, chegámos a ponderar não traduzir a história “Deaf and Not Defeated”, porque a repetição das conjunções “and” e “so” criavam uma certa monotonia e algum distanciamento relativamente ao texto. Contudo, pelo facto de nesta história termos acesso a situações diferentes vividas pela autora, uma sobrevivente exemplar pelo seu problema auditivo, decidimos traduzi-la. Tentámos, aquando da tradução, obviar esta situação, através de algumas das nossas escolhas.

Como referimos anteriormente, pensámos tecer algumas considerações sobre o leitor (virtual) da própria tradução pela sua importância, uma vez que, qualquer texto, seja tradução ou não, só existe realmente se for lido. Só assim se estabelece a comunicação e a transmissão de ideias. O público-alvo, talvez um pouco condicionado pelo próprio título, são as mulheres; contudo, gostaríamos que o texto fosse abrangente. Por isso, ao longo deste trabalho, decidimos utilizar a designação leitoras/leitores, ou apenas leitores, numa aceção mais geral, que inclui todas as pessoas que poderão futuramente ler o texto alvo. De facto, conseguimos encontrar leitoras e leitores reais disponíveis para ler as histórias e introduções traduzidas, o que nos permitiu ter uma ideia mais precisa da forma como o texto alvo estava a ser comunicado ao leitor. No capítulo 5, iremos abordar esta contribuição pertinente, nomeadamente, numa fase final de reescrita/melhoria da tradução.

3. AS QUESTÕES CULTURAIS

3.1. Breve perspectiva histórica

As questões culturais constituem um assunto primordial quando desenvolvemos trabalhos sobre tradução. Como refere Nida, os tradutores devem ter na sua formação a possibilidade de refletir sobre a importância destas questões, porque “the processes and procedures in translating are basically skills, and not compilations of information in content courses” (2001:2).

Neste capítulo não nos iremos debruçar sobre a evolução do significado de ‘Cultura’ ao longo dos séculos. No entanto, consideramos fundamental uma breve análise sobre a evolução da importância dos aspetos culturais para a teoria e prática da Tradução. Para tal, o livro *Translation Studies*, de Susan Bassnett, constitui uma referência importante. Este livro aborda questões históricas e teóricas pertinentes e insere os Estudos de Tradução (designação de André Lefevere em 1978) como “disciplina” num contexto único, com características específicas e métodos próprios.

Susan Bassnett utiliza, no capítulo um do seu livro, uma metáfora que tem sido utilizada por outros teóricos e investigadores de tradução e que relembramos neste trabalho. A propósito da relação indissociável existente entre a língua e a cultura, a autora considera o texto um ser vivo, em que “language (...) is the heart within the body of culture” (1998:14). O tradutor é, então, o “cirurgião”, que ao intervir no texto, tem que entender língua e cultura como partes integrantes e ativas desse texto.

No séc. XIX, num período de imperialismo colonial, estas ideias não teriam aceitação. Nesta época dominava a conceção senhor-servo, cujas repercussões também

se faziam sentir a nível da tradução e do tradutor, ambos numa posição de inferioridade e irrelevância face ao texto original e seu autor criativo.

Ainda durante a primeira metade do séc. XX, a tradução continuou a ser entendida como a passagem ou transferência de uma língua para outra, preterindo-se as questões culturais. No entanto, devido a estudos realizados em diferentes áreas do conhecimento, nomeadamente a Antropologia, essas questões começam a ter outro valor e, como referimos anteriormente, com os Estudos de Tradução, a cultura assume um papel primordial.

Através da leitura dos prefácios e da introdução do livro de Bassnett, concluímos que os Estudos de Tradução são uma disciplina relativamente recente (séc. XX - finais dos anos setenta), e, apesar de, durante bastante tempo, ter sido considerada como uma categoria menor da Literatura Comparada, é, neste momento, uma disciplina essencial e abrangente, perspetivando-se o seu desenvolvimento progressivo, em paralelo com o aumento da prática da tradução, no âmbito da comunicação global do séc. XXI.

Hoje em dia é impossível ignorar a importância dos aspetos culturais nas traduções realizadas, quer sejam de cariz literário ou mais prático. Lembramos o artigo de Marildo Nercolini (2005:1-2), no qual ele aborda a “tradução como questão central na vida da cultura” contemporânea. No séc. XXI, a cultura e a tradução constituem questões essenciais, por isso torna-se fundamental estudar a “tradução cultural” para melhor entender o mundo em que vivemos. Este tipo de tradução tem por base a aceitação, por parte do tradutor, da noção de perda, ou seja, a impossibilidade de apreender totalmente o texto original. Por outro lado, o tradutor deixa de ter um papel subalterno para passar a deter uma posição fulcral, em virtude de “colocar povos em contato” e estabelecer “pontes” para o “diálogo” através de “fronteiras”.

3.2. Aspectos culturais em *Her wits about her*

Este livro foi editado pela primeira vez em 1987, em Nova Iorque, num período relacionado com a terceira vaga do movimento feminista. No cerne da luta deste movimento, bem como dos anteriores, estão as questões de identidade (cultural/género).

As mulheres que contam a sua história neste livro e as que lhes dão voz questionam a posição da mulher como ser frágil e eterna vítima indefesa do homem. Denise Caignon e Gail Groves, ao fazerem esta compilação, acreditam que a mulher tem que adotar uma posição de defesa ativa, inconformista, com o objetivo de sobreviver. Como é referido no prefácio, “... women who fight back get away more often than women who are passive” (p.xxiii).

O feminismo, movimento cultural e político, revela preocupação com a opressão das mulheres e dos socialmente desprotegidos e com a forma de lhes conferir poder. Para as escritoras e tradutoras feministas, “Language became a political weapon and conventional discourse was targeted, since it is here that power is thought to reside” (Hatim, 2001:51). As preocupações feministas encontram-se de forma evidente nas várias histórias que traduzimos.

Ao analisarmos as questões culturais em *Her wits about her*, temos subjacente a terceira categoria da definição de cultura de Raymond Williams, a social, através da qual a cultura é considerada “a description of a particular way of life, which expresses certain meanings and values not only in art and learning but also in institutions and ordinary behaviour” (1980:57).

Os aspetos culturais presentes nas diversas histórias traduzidas estão relacionados com a vida em sociedade e com as diferenças existentes entre os seres humanos e os problemas daí decorrentes. As mulheres são vítimas de violência, porque

são consideradas mais fracas e mais vulneráveis. No entanto, não são apenas as mulheres que sofrem ataques. Na última história, “A Test of Faith”, temos o exemplo do Padre Morfim, vítima de discriminação, através de boatos e de agressões, devido a questões políticas e religiosas. As questões de género podem ser a razão que motiva o ataque, como verificámos na história “Two Gutsy Women”, cujas protagonistas são lésbicas.

Para se viver em harmonia em sociedade, é necessário respeitar as diferenças. Contudo, apesar de a Declaração Universal dos Direitos Humanos ter sido proclamada em 1948, existem direitos fundamentais que não estão a ser alcançados por muitas pessoas. Inclusive, a própria tradição por vezes dificulta a igualdade entre homens e mulheres, como pudemos verificar através da história “Like a Broken Record”, em que a protagonista refere que, em famílias de origem hispânica, os homens têm mais atenção do que as mulheres e, conseqüentemente, “It’s hard for us to defend ourselves at all. We grow up learning to be caretakers, to take care of everybody but ourselves” (p. 61). Na história “What Mama Taught Me”, Kikanza Robins revela ter sido vítima de racismo, por ser negra, e de sexismo, por ser mulher. Para além disso, teve que lutar, por ser feminista, contra “[her] old self’s fears, prejudices, and values” (p. 74).

A discriminação e o preconceito funcionam como um trampolim para a violência, sendo esta “an awful reality of contemporary society” (p. 192). Em estreita ligação com esta realidade violenta, encontramos ‘o medo’, ‘a culpa’, ‘a falta de segurança’ e ‘a falta de liberdade’ que condicionaram, de alguma forma, a vida das mulheres que tiveram a coragem de contar as suas histórias. Contudo, ‘o medo’ surge neste livro como “a healthy response to danger, and can also be a powerful energizer – as long as it is *used* and doesn’t freeze the mind and muscles” (p. 192). Ou seja, perante o perigo, qualquer pessoa pode sentir medo, no entanto, não nos podemos deixar vencer

por ele. Algumas das protagonistas assumem essa atitude perante o medo: Jerilyn Munyon, em “The Will to Survive”, explica “My will to live filled me with an incredible energy” e “I told myself that if I didn’t force myself to overcome my fear I would be paralyzed for the rest of my life” (p. 98); Lynda Steele, em “The Comb in My Purse”, refere a forma como gritou reagindo ao ataque, “The sound of fear and rage filled the darkness” (p. 128); Py Bateman afirma “I was thinking the whole time, never overcome by fear” (p. 163).

Percebemos, pelos exemplos destas mulheres, que não reagir ao ataque não é uma opção, porque não podemos contar com a ajuda de outras pessoas. Kathleen Zundell, em “The Lesson of the Three Billy Goats Gruff”, aprendeu que “the only person I can depend on is me”, porque, contrariamente àquilo que ela pensava anteriormente, “that a man would protect me in case of attack” (p. 101), o próprio amigo não a defendeu. Podemos ainda verificar essa falta de apoio e solidariedade para com alguém em apuros, por parte da população em geral, na história “Asian, Female, and Fierce”, quando Cindy Nakazawa se interroga, “Where are all the concerned citizens in this neighborhood? They’re all just kind of driving by and watching, to see what happened” (p. 178).

O que devem fazer as mulheres para viver em liberdade e sem culpa? A autodefesa surge como resposta eficaz e é apresentada como uma necessidade. Jerilyn Munyon afirma ser “a language that benefits all people”, uma vez que “We take responsibility for protecting ourselves and take ourselves out of the victim role” (p. 99). A autodefesa pode evitar a agressão, a violação e pode salvar a própria vida, como afirmam Py Bateman, “[I] saved my life by fighting” (p. 163), e Kathleen Zundell, “My clever thinking and quick action saved me” (p. 101).

Em que consiste então a autodefesa? Ao longo das histórias e introduções, encontramos algumas indicações importantes, nomeadamente, “self-defense is (...) about being prepared”, “there is no right or wrong answer” (p. 192), ou ainda “*saying no is the best first step we can take*” (p. 214).

Através destas indicações, podemos concluir que as introduções e histórias do livro *Her wits about her* constituem uma espécie de manual de autodefesa/sobrevivência, mas de cariz um pouco diferente do normal, porque se baseiam em situações reais e não em princípios teóricos. As protagonistas dão o seu testemunho e partilham as suas ideias e conclusões, com base na experiência vivida, logo, a questão principal está relacionada com o significado da palavra autodefesa, uma defesa pessoal, com características individuais, e cada mulher deve concluir que a forma como se irá defender está relacionada com os seus conhecimentos, as suas capacidades, a sua cultura. Consequentemente, a leitura destas histórias e a prática de uma arte marcial, por exemplo, podem ajudar a mulher a tornar-se mais autoconfiante e determinada, para em caso de necessidade, poder reconhecer como Py Bateman, “That has to be a result of my training.” (p. 163).

Este movimento cultural de “empowerment of women” (p. 97), ou “melhoria da autoconfiança das mulheres” (p. 30), tem por base aquilo que Jerilyn Munyon define como “integrity, equality, self-knowledge, inner strength”, ou seja, “power” (p. 99). Esta conceção de poder opõe-se à que surge na história “A Test of Faith”, associada à violência, tendo por base a ignorância e o medo do povo. Contudo, no final da história, Barbara Richmond refere “This whole event sparked a lot of awareness. People realized how they had been exploited, how they had been lied to – for generations” (p. 253). Esta tomada de consciência, quer em termos coletivos quer individuais, porque a própria protagonista também foi sujeita a um “test of faith”, está relacionada com as

características de poder identificadas por J. Munyon. Assim, verificamos pela conclusão de B. Richmond, que a sua “inner strength” e as suas convicções saíram reforçadas, “My sense of faith in the struggle I’m involved in deepened a whole lot” (p. 253).

3.3. A mulher na cultura portuguesa atual

Pareceu-nos oportuno refletir sobre a cultura portuguesa, e, essencialmente, sobre o papel da mulher nos dias de hoje. As mulheres constituem o público-alvo da nossa tradução, são elas que queremos ajudar com a partilha de conhecimentos sobre autodefesa. Por isso, relativamente à transmissão da mensagem, demos especial importância “to the reception and understanding (other)”, ou seja, utilizámos uma abordagem “towards the addressee” ou “reader-oriented”, a qual “emphasizes simplicity and clarity” (Katan, 1999: 194 e 196). Cinquenta anos após o início do feminismo, continuamos a encontrar mulheres em Portugal, vítimas de discriminação no trabalho, na família e na sociedade em geral. Os valores que constituíram a base desse movimento cultural são frequentemente esquecidos, e existe, inclusive, uma conotação pejorativa associada ao termo “feminismo”.

Temos assistido a um aumento da insegurança e da violência em geral, e em particular contra as mulheres, como constatamos diariamente através das notícias, e confirmámos através do Inquérito Nacional sobre “Violência e Género”:

Apesar da igualdade entre homens e mulheres constitucionalmente estabelecida, na esfera da violência contra as mulheres, a discriminação permanece;

[...] o traço mais significativo que diferencia a vitimação dos homens e das mulheres é que se trata de violências de natureza diferente: nas mulheres, ocorre sobretudo a violência com uma configuração de desigualdade de género; nos homens, [...] trata-se de uma vitimação igual à que se verifica na população em geral;

Estes resultados são mais um indicador da necessidade de intervir preventivamente ao nível da mudança de mentalidades e comportamentos sobre a igualdade de género (Lisboa *et al.*, 2009:89 e 117).

De facto, muitas situações de discriminação e violência não são relatadas às autoridades competentes, porque as mulheres têm medo de se tornarem vítimas reconhecidas e sofrerem posteriormente maior discriminação, para além de não confiarem no sistema judicial português, devido à morosidade dos processos, à forma como são tratadas durante os mesmos, e também, porque em muitos casos não se faz justiça. Apesar disso, talvez como resultado de algumas campanhas de sensibilização nos *media*, tem havido um aumento de participações à Polícia, principalmente relacionadas com violência doméstica grave.

Em paralelo, assistimos ao aparecimento de cursos de defesa pessoal, com o objetivo de munir as mulheres de ferramentas apropriadas, de forma a poderem reagir perante um ataque, adotando uma atitude proativa, o que contraria a tendência habitual baseada na crença popular, de que a mulher não deve reagir em caso de ataque.

Através da nossa participação no *workshop* sobre defesa pessoal para mulheres, em maio de 2011, pudemos comprovar que o conhecimento sobre os pontos fracos do ser humano, bem como a aprendizagem de algumas técnicas (e.g. torção e efeito alavanca), são fundamentais para se controlar uma agressão física, com ou sem recurso a objetos que podem constituir armas de defesa. “Todas as técnicas e movimentos são utilizados [...] de uma forma poderosa e criativa, em que o objectivo principal é desenvolver o respeito ao próximo, a autoconfiança, o autocontrole”,² afirma Rui Lacerda, Presidente da Associação Portuguesa de Artes de Defesa e Combate e fundador do Active Defense System.

² Em <<http://escolas.mestreruilacerda.com>>, acedido em 14/05/2011.

No sentido de promover a consciencialização da sociedade para a discriminação das mulheres, consideramos fundamental o trabalho desenvolvido por algumas associações, nomeadamente, a “Associação de Apoio à Vítima” e a “Associação de Mulheres Contra a Violência”, pela informação e apoio prestados a mulheres vítimas de violência. Contudo, a violência só irá diminuir, se as pessoas, para além de informadas, participarem ativamente nesse processo.

Pelo exposto anteriormente, concluímos que, apesar de distante no tempo e no espaço, *Her wits about her* se encontra próximo da realidade portuguesa, no que diz respeito à necessidade de uma mudança de mentalidades e atitudes, por parte das mulheres e da sociedade em geral.

4. O PROCESSO DE TRADUÇÃO - CRIAÇÃO

Podemos considerar este capítulo como um dos mais importantes deste trabalho. Frequentemente atribui-se maior importância ao produto, ou seja, a tradução, pela sua visibilidade. Contudo, a qualidade e consistência da mesma apenas coexistem, se durante o processo de tradução, se analisaram convenientemente as diversas hipóteses, se as escolhas efetuadas foram as mais corretas, em suma, se o tradutor se dedicou de corpo e alma à sua criação.

Susan Bassnett (1998:4) refere que, ao longo dos tempos, alguns teóricos tentaram classificar a tradução como “art”, outros como “craft”, ou ainda como “science”. No entanto, essa não é a questão fundamental. No processo de tradução, surgem dificuldades, que põem à prova o tradutor e a sua criatividade, porque mesmo a tradução de termos ou expressões aparentemente simples exigem dele uma análise cuidada, não apenas desse termo, mas do contexto sociocultural em que é utilizado. Nesse sentido, David Katan alerta para o seguinte: “Cultural mediators [translators] should therefore be extremely aware of their own cultural identity; (...) how their own culture influences perception” (1999:14).

Não obstante a complexidade inerente ao processo de tradução, nomeadamente pelas diferenças linguísticas e culturais existentes entre a língua de partida e a língua de chegada, as quais exigem uma maior reflexão e, nalguns casos, alguma pesquisa, o tradutor tem que tentar resolver as questões mais complicadas, mantendo o sentido do texto da língua fonte ao criar um texto original e novo na língua alvo. Por esse facto, consideramos que “Translation requires artistic skills and sometimes systematic and logical decisions” (Newmark, 1988:29), portanto, “[it] is both an art and a science” (id., *ibid.*).

Tendo por base estas ideias-chave, iniciámos uma tradução ao estilo realizado por Spivak (in Simon, 1996:144) que, “practices total surrender [to the text] by providing a first translation at top speed” (1996:144).

Nessa leitura, confrontámo-nos com algumas situações que foram posteriormente alvo de uma leitura mais atenta. “We all know that every translation inevitably entails making a number of choices” (Karoubi, 2005:7), sendo que as mais importantes iremos identificar e explicar nos subcapítulos seguintes.

4.1. Títulos

4.1.1. O livro

Começamos pelo título do livro, cuja tradução constituiu uma dificuldade, e que foi sendo objeto de reflexão ao longo do tempo. No início deste Trabalho de Projeto, a tradução escolhida era a seguinte: *A mulher e o conhecimento que tem de si própria: histórias sobre autodefesa com final feliz*. Tínhamos pensado utilizar “mulher” no título, ao invés de no subtítulo, de forma a colocar em evidência a temática feminina, como acontece no texto fonte. Em Inglês, o título compreende-se melhor do que seria em Português, se fosse traduzido de forma mais literal, como por exemplo, “Os seus conhecimentos sobre ela”. Esta facilidade de compreensão existe na língua fonte, porque existem adjetivos possessivos diferentes para “ele” e “ela”, logo, “her” é feminino, enquanto na língua alvo, não existe neste contexto diferença de género. A tradução de “wit” também suscitou alguma dificuldade, pelos seus inúmeros significados. De acordo com as histórias que se podem ler neste livro, poderíamos utilizar “inteligência”, “compreensão”, “engenho”, ou ainda melhor, “perspicácia”. Mas

dado que se trata do título do livro, e surge a preposição “about”, pensámos utilizar “conhecimento”, que é mais abrangente e mais apropriado, porque se a mulher não se conhecer, não refletir sobre os seus medos e as suas capacidades, dificilmente poderá lidar com situações de ataque/agressão, como as que surgem neste livro. No subtítulo, pensámos não traduzir literalmente “success”, porque, pelo facto de mantermos “histórias”, a conotação positiva ficaria expressa através da expressão “com final feliz”, que se utiliza como referência a um filme ou livro. Neste livro as histórias são verídicas, por isso, essa expressão teria um significado realmente positivo, de esperança, ou seja, os finais felizes podem acontecer na vida real e não apenas nos filmes ou em histórias ficcionadas. Traduziu-se “self-defence” de forma literal por “autodefesa”, porque, apesar de o livro não se reportar apenas a técnicas de autodefesa baseadas em exercícios físicos, associação que normalmente fazemos, todas as histórias põem em destaque técnicas individuais e intuitivas que cada mulher utilizou para se defender e sobreviver. Neste momento, após todas as nossas reflexões, e tendo em conta que, numa perspetiva futura, gostaríamos de publicar a nossa tradução, o título que nos pareceu mais apelativo foi o seguinte: *Saber para Sobreviver: histórias de mulheres sobre autodefesa*. Este título não é tão longo quanto o inicial, nele existem repetições a nível fonético que permitem uma fácil memorização, tal como no título em Inglês, e a questão central do conhecimento que permite uma autodefesa eficaz está também presente.

4.1.2. As partes do livro

A tradução dos títulos das diversas secções em que o livro está dividido foi certamente a que suscitou menos dúvidas, pelo facto de existirem expressões em Português, muito semelhantes aos títulos em Inglês, tanto na forma como no conteúdo.

Na tradução de “Loss of Innocence”, “The Power of the Voice”, “Intuition and Willpower” e “Weapons at Hand” utilizámos a tradução literal, porque existia correspondência evidente quer no conteúdo, quer na forma, entre as duas línguas em causa, como se pode verificar pela tradução realizada: “Perda de Inocência”, “O Poder da Voz”, “Intuição e Força de Vontade” e “Armas à Mão”. Na tradução do título da Parte VI, “Teamwork”, a equivalência não era possível a nível de forma, em virtude da palavra “teamwork” ser composta por duas palavras com o seu significado próprio, i.e., “equipa” e “trabalho”, tendo a primeira a função de qualificar a segunda. Para traduzirmos o seu significado conjunto foi necessário utilizar uma expressão, em vez de apenas uma palavra, e inverter a ordem dos elementos que compõem a palavra na língua fonte, daí resultando o título “Trabalho de Equipa”. Essa inversão foi indispensável, tendo em conta as diferenças linguísticas/culturais existentes entre o Inglês e o Português, ou seja, os adjetivos/nomes com função de modificadores surgem antes dos nomes em Inglês. Por esse motivo, também excluámos a possibilidade de realizar uma tradução literal dos títulos da Parte V e da Parte VII, “Life-Threatening Assaults” e “Life Strategies and Self-Defense Tips”, os quais traduzimos respetivamente por “Ataques à Própria Vida” e “Estratégias de Vida e Dicas sobre Autodefesa”. Pareceu-nos desnecessário traduzir “Life-Threatening Assaults” por “Ataques que Ameaçam a Própria Vida”, porque através da nossa escolha conseguimos transmitir a mesma ideia com recurso a menos palavras, o que nos pareceu importante, em virtude de se tratar de um título. Para além disso, traduzimos “assaults” por “ataques”, apesar de ao longo da nossa tradução termos escolhido utilizar “agressões” como equivalente. Porém, e uma vez mais por ser um título, a nossa escolha recaiu numa palavra com um sentido mais geral.

4.1.3. As histórias

Não podemos assinalar a tradução da maior parte dos títulos das histórias como sendo de grande dificuldade, bem pelo contrário. Constatámos que alguns desses títulos tinham correspondência direta em língua portuguesa, como é o caso de “The Will to Survive” (“A Vontade de Sobreviver”), “A Stone in the Sand” (“Uma Pedra na Areia”), “Self-Defense on Wheels” (“Autodefesa sobre Rodas”) ou “A Test of Faith” (“Um Teste de Fé”). Na tradução de outros necessitámos apenas de acrescentar ou reduzir uma palavra, por exemplo, em “The Shortcut Home” (“O Atalho para Casa”) acrescentámos uma preposição, enquanto em “The Comb in My Purse” (“O Pente na Mala”) omitimos o adjetivo possessivo “my”. Em “Elevator Escape” (“Fuga do Elevador”), “Two Gutsy Women” (“Duas Mulheres Corajosas”) e “Like a Broken Record” (“Como um Disco Riscado”) foi óbvia a necessidade de utilizarmos a transposição, alterando a posição do adjetivo. Para além disso, no último título, não traduzimos “broken” por “partido”, porque, em Português, utiliza-se neste contexto a expressão “disco riscado”.

Os títulos que nos obrigaram a uma maior reflexão foram os seguintes: “Deaf and Not Defeated” (“Surda e Não Submissa”), “A Night Out Alone” (“Sair Sozinha à Noite”), “What Mama Taught Me” (“O Que a Mãe me Ensinou”), “The Lesson of the Three Billy Goats Gruff” (“A Lição dos Três Bodes do Monte”), “Coming Out Alive” (“Lutar pela Vida”) e “Asian, Female, and Fierce” (“Asiática e Destemida”). Foram diversas as razões que nos levaram a uma maior ponderação antes de efetivarmos a nossa escolha. No caso do título “Deaf and Not Defeated”, considerámos importante manter as características fonéticas, para além do sentido, o que pensamos ter conseguido. Em “A Night Out Alone”, a escolha do verbo “sair” pareceu-nos correta, porque se não o utilizássemos, como no título em Inglês, poderia transmitir a ideia de

que tinha estado fora toda a noite. Alterámos a ordem dos elementos “night” e “alone”, pela maior importância do segundo em relação ao primeiro nesta história. Na tradução dos títulos “What Mama Taught Me”, “The Lesson of the Three Billy Goats Gruff” e “Asian, Female, and Fierce”, as questões ou dificuldades sentidas foram de ordem cultural. No primeiro, pareceu-nos que, se traduzíssemos “mama” pelo diminutivo equivalente, ou seja, “mamã” ou “mãezinha”, poderia remeter para uma situação ocorrida na infância, o que não é o caso. No título relacionado com um conto infantil, recorremos a uma versão do mesmo traduzido para Português, incluído na coletânea *Era uma Vez... Os melhores contos para crianças*. Ao título “Os Três Bodes do Monte”, acrescentámos “A Lição”, tentando manter a proximidade com o texto fonte, a nível de forma e de conteúdo. A tradução de “Asian, Female, and Fierce” implicou a redução do adjetivo “female”, por ser redundante, em virtude de os outros, “asiática” e “destemida”, já transportarem a característica do género feminino, ao contrário do acontece na língua inglesa. Finalmente, a tradução do título “Coming Out Alive”, suscitou-nos algumas dúvidas, principalmente devido ao facto de, numa primeira tradução, ficar muito semelhante ao da história “The Will to Survive” (Part III). Tendo em conta a luta incessante travada pela protagonista desta história, praticante de artes marciais, e as agressões sofridas durante essa experiência, considerámos adequado o título “Lutar pela Vida”.

4.1.4. Outros títulos ou referências

Na introdução à Parte IV – “Armas à Mão”, surge a referência a “Los Angeles Commission on Assaults Against Women” (atualmente “Peace Over Violence”), que

decidimos manter como no texto fonte e traduzir em nota de rodapé, para se tornar mais claro para os leitores.

Traduzimos “A Night at the Opera”, um filme dos Irmãos Marx, cujo título se encontra na história “Sair Sozinha à Noite”, por “Uma Noite na Ópera”, título desse filme em português.

Em “A Lição dos Três Bodes do Monte”, história incluída na Parte III, deparámo-nos com a necessidade de traduzir títulos de *workshops* ministrados pela autora. Tentámos manter as características desses títulos na língua fonte em “À Procura das Mulheres Sábias”, “Descobrir a Deusa Interior”, “A História Real da Cinderela” e “O Capuchinho Dourado”. Na mesma história surge o título *The Uses of Enchantment*, referente a um livro do psicólogo Bruno Bettelheim, cuja tradução existe em português, com o título *Psicanálise dos Contos de Fadas*, o qual utilizámos na história.

Na história “Fuga do Elevador” aparece o título do manual de autodefesa *Your Children Should Know*, cuja tradução não existe em português, por isso, mantivemos o título original. Com o objetivo de elucidar os leitores sobre o conteúdo deste livro, colocámos uma proposta de tradução em nota de rodapé.

Na história “O Pente na Mala” surge a referência ao nome do projeto que deu origem à antologia *Saber para Sobreviver*. Mantivemos o nome “Success Story Project” sem explicação ou tradução, em virtude de, após esse título, a própria protagonista explicar sucintamente em que consistia o projeto, e essa explicação se encontrar traduzida.

Na história “Lutar pela Vida” encontramos referências a nomes de organizações, como por exemplo “Feminist Karate Union” ou “Alternatives to Fear”, as quais escolhemos manter como no texto fonte e utilizar propostas de tradução entre parêntesis para ser mais fácil o entendimento por parte dos leitores. Utilizámos a mesma estratégia

no título do manual de autodefesa da autoria de Py Bateman, autora e protagonista desta história, bem como na história “Duas Mulheres Corajosas”, quando surge o nome da organização “Women Against Rape”.

4.2. Aspetos formais

Decidimos introduzir cada parte, composta por introdução e respetivas histórias, através de uma página com o título correspondente, à semelhança do que acontece no texto fonte. Utilizámos no corpo do texto alvo o tipo de letra Calibri fonte 12, com 1,5 cm de espaçamento entre as linhas, sendo que os títulos das histórias e de cada secção se encontram no mesmo tipo de letra, em negrito, fonte 14 e 18, respetivamente. Mantivemos a divisão do texto alvo em parágrafos tal como se encontra no texto fonte, com 1,2 cm de avanço da margem esquerda. Antes da história propriamente dita, existe uma pequena introdução sobre cada protagonista e uma pequena autoreflexão em itálico, nas quais utilizámos o mesmo tipo de letra, mas fonte 11. No entanto, pareceu-nos desnecessário colocar o nome da autora após o título de cada história, como se encontra no texto fonte, uma vez que a autora se encontra identificada no início do texto.

As marcas do discurso direto em Inglês são diferentes do Português. Na tradução, em vez do uso de aspas, colocámos travessões. Utilizámos aspas para identificar os pensamentos que por vezes surgem nas histórias, e se não estivessem identificados dessa forma poderiam suscitar dúvidas.

Mantivemos os antropónimos e os topónimos como no texto fonte, com exceção de alguns, para os quais existe tradução em língua portuguesa, devido à sua utilização

mais frequente, como é o caso de “Nova Iorque” (p. 4), “Califórnia” (p. 4), ou ainda “Pensilvânia” (p. 16), “Filadélfia” (p. 16) e “São Francisco” (p. 9, 46).³

Ao longo da tradução omitimos os pronomes pessoais “I”, “We” ou “You”, como sujeito de frase, sempre que não eram essenciais à compreensão da mesma, porque em Português “A concordância permite evitar a repetição do sujeito, que pode ser identificado pela flexão verbal” (Pinto, 2003:67).

4.3. Léxico

O *E-Dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia,⁴ define “léxico” como “Conjunto das unidades significativas de uma dada língua, num determinado momento da sua história”, “um sistema aberto”, “não (...) homogéneo”, no qual “coexistem palavras do quotidiano, da escrita, da oralidade, neologismos, arcaísmos, estrangeirismos, vocabulários técnicos, vocabulários regionais, sociais, etc.”. Tendo por base uma definição tão abrangente, pareceu-nos importante refletir sobre esta questão, principalmente porque consideramos que deve existir coerência na utilização de termos ou expressões recorrentes ao longo das traduções realizadas, e essa situação pode criar dificuldades ao tradutor, como refere Simon, a propósito da tradutora Barbara Godard, “Repetition is one of the problems she finds most vexing: how to remember the words chosen to translate a word which is ritually repeated in the original, and therefore must be repeated in the translation?” (1996:24).

Confrontámo-nos em cinco histórias com a repetição da expressão “As told to the editors in an interview” (pp. 17, 61, 177, 185 e 245), a qual surge após uma pequena

³ Referimos estas páginas apenas como exemplo das nossas escolhas, mas encontramos-las mais vezes ao longo da tradução.

⁴ Maria João Marçalo, s.v. “Léxico”, *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 15/02/2012.

introdução sobre a protagonista. Após algum tempo de reflexão sobre as várias escolhas possíveis, decidimos traduzi-la por “De acordo com o referido em entrevista às responsáveis por esta antologia” (pp. 8, 21, 50, 55 e 79). Sentimos necessidade de expandir a informação, porque considerámos incompleta a tradução de “editors” por “redatoras”, tendo em conta todo o trabalho realizado por Denise Caignon e Gail Groves.

Em virtude de todas as histórias estarem relacionadas com a autodefesa feminina, houve a necessidade de traduzir um grupo lexical a ela associado e repetido ao longo das histórias. Nas histórias e introduções traduzidas, tentámos manter a coerência na sua utilização. Desse grupo fazem parte os seguintes exemplos: “self-defence” ou “self-defense (autodefesa), “attack” (ataque), “attacker” (atacante), “assault” (agressão), “to counter attack” (defender-se), “victim” (vítima), “survivor” (sobrevivente); “empowerment” (melhoria da autoconfiança) e “gun” (revólver). Este último exemplo levantou-nos alguns problemas, pelo facto de poder referir-se a “pistola” ou “revólver”. Após alguma pesquisa sobre as diferenças entre ambos, escolhemos traduzir “gun” por “revólver”, por se tratar de uma arma menos sofisticada e mais barata, o que possibilita a generalização do seu uso.

Ao longo da tradução mantivemos os nomes das várias artes marciais mencionadas (“aikido”, “judo kata”, “judo” e “jiu-jitsu”), quer nas histórias, quer nas introduções às mesmas, ou seja, recorreremos ao empréstimo como processo técnico, em virtude desses termos serem utilizados da mesma forma na língua fonte e na língua alvo. A única exceção aconteceu na tradução de “karate”, em que acentuámos a vogal final através do acento agudo, por ser a designação corrente desta arte marcial em Português.

Na tradução de “long johns”, expressão usada por Linda Forest em “A Night Out Alone” (p. 50), quando enumera a roupa que vestia nessa noite, pareceu-nos apropriada

a utilização da grafia original do estrangeirismo “*collants*” (p. 19), uma vez que é de uso corrente em Português.

Tentámos manter a criatividade e originalidade do texto fonte ao traduzir o verbo “turtle-ize” utilizado por Sandi Collins em “Self-Defense on Wheels” (p. 238) por “tartarugar” (p. 77).

Ao longo do texto fonte, encontrámos vocabulário diferente para identificar os órgãos genitais masculinos, associados à autodefesa por serem um ponto vulnerável do atacante. Eis alguns exemplos das traduções realizadas:

- “his groin” (pp. 130 e 179) – “genitais” (pp. 41 e 52);
- “*gazmachis*” (p. 237) – “tintins” (p. 76).

No primeiro exemplo, apesar de “groin” significar “virilha”, pareceu-nos que no texto alvo essa tradução poderia colocar dúvidas às leitoras, familiarizadas com o plural ‘virilhas’, nomeadamente, a propósito da depilação das mesmas. No segundo exemplo, não encontrámos explicação para “gazmachis”, quer em espanhol, quer em inglês, mas deduzimos pelo contexto o seu significado.

Algumas dificuldades lexicais estão relacionadas com diferenças existentes entre a língua fonte e a língua alvo, nomeadamente pela utilização de termos técnicos ou culturais específicos, e, por esse facto, serão analisadas no subcapítulo seguinte.

4.4. Dificuldades linguísticas e culturais

Resolvemos dividir este subcapítulo de acordo com as dificuldades mais evidentes ao longo da nossa tradução, ou que exigiram uma análise mais ponderada no sentido de escolher a melhor solução. Porém, surgiram algumas de cariz linguístico/cultural que não se integram em nenhum subcapítulo específico,

possivelmente por não terem suscitado grandes problemas na sua tradução. Contudo, consideramos importante o seu registo.

Como primeiro exemplo, escolhemos a utilização das abreviaturas “A.M.” e “P.M.”, referentes temporais inexistentes em Português. Na história “Sair Sozinha à Noite”, optámos por referir as horas apenas, “Decidi ir à sessão das oito” (p. 18), ao invés de “Decidi ir à sessão das oito da noite”, porque a narradora/protagonista já tinha localizado a ação no tempo e no espaço; por outro lado, na história “Lutar pela Vida”, resolvemos identificar a parte do dia em que ocorre a agressão a Py Bateman, para além de referirmos as horas - “uma e meia da tarde” (p. 46), porque a ausência dessa identificação poderia causar dúvida aos leitores.

Na última história traduzida (“A Test of Faith”), encontrámos uma onomatopeia utilizada para expressar o som produzido pelo sino (“bang bang bang bang” - p. 247), para a qual encontrámos equivalência através da onomatopeia “tlim, tlão”. No entanto, em Inglês, a onomatopeia parece transmitir um som bastante forte e agressivo, como o de um tiro. De forma a enfatizar o som produzido, porque se trata do sino da igreja que Jorge Sanchez utiliza para juntar o povo, utilizámos maiúsculas no texto em Português (“TLIM, TLÃO, TLIM, TLÃO” - p. 81).

Ainda na mesma história, encontrámos diversos exemplos de dificuldades que tentámos resolver, tendo em conta o contexto em que se encontram inseridas, porque “All language is created in context and the context gives language meaning” (Cornbleet, 2005:22). Eis alguns exemplos:

- a palavra “people” pode referir-se ao plural (pessoas) ou ao singular (povo); na tradução de “people’s religion” (p. 246), e de “my people are fanatics” (p. 251), escolhemos “povo” (pp. 80 e 85);

- a expressão “their way of being” (p. 246) suscitou-nos algumas dúvidas, pelo facto do verbo *to be* poder significar “ser” ou “estar”; pareceu-nos que o mais adequado, para transmitir plenamente o sentido, seria traduzir acrescentando informação, ou seja, “a forma de ser e de pensar das pessoas” (p. 80);

- no início do último parágrafo desta história (p. 253), utilizámos uma modulação ao traduzir “This episode wasn’t something I would choose to have happen[ed]” por “Se pudesse escolher, teria evitado passar por estes acontecimentos” (p. 87), e traduzimos “episode” por “acontecimentos”, porque nos pareceu ser o mais apropriado, tendo em conta a quantidade de situações vividas pela autora;

- no final, na frase “one of those kinds of things” (p. 253), traduzimos “things” por “situações” (p. 87), também de acordo com o contexto.

Gostaríamos ainda de referir a utilização menos frequente da voz passiva em Português, o que condiciona as escolhas na tradução. Nesse sentido, e apenas a título de exemplo, na tradução da expressão “we are taught that some adults [...] are not to be trusted” (início da Introdução à Parte I - p. 3), utilizámos a modulação, ou seja, “ensinam-nos a não confiar em alguns adultos” (p. 2).

A utilização de verbos com determinadas preposições específicas também é diferente entre a língua fonte e a língua alvo, o que requer uma atenção redobrada aquando da tradução. Encontrámos um exemplo desta situação, ainda na Introdução à Parte I, através da frase “we don’t open our minds and hearts to people we think will betray us” (p. 4), a qual traduzimos por “não nos abrimos com pessoas que achamos nos poderão trair” (p. 3). Para além da redução de “our minds and hearts”, elementos que considerámos desnecessários, utilizámos a preposição “com” como equivalente de “to”, nesta expressão. Outro exemplo relacionado com preposições surge no final da história “The Comb in My Purse”, através da expressão “I began to shake with anger and relief

and tears” (p. 128), que na língua alvo foi apenas possível traduzir por “comecei a tremer de raiva e alívio” (p. 39), uma vez que em Português não se utiliza a expressão “tremer de lágrimas/choro”. No entanto, não omitimos essa informação importante, colocámo-la na frase seguinte, i.e. “As lágrimas corriam (...)”.

4.4.1. Unidades de Medida

Escolhemos incluir esta dificuldade num subcapítulo, porque nos deparámos com muitos exemplos ao longo das várias histórias, e a utilização de unidades de medida diferentes entre o Inglês e o Português pode causar problemas na tradução. Em várias histórias tivemos que saber as equivalências e, como o resultado não correspondia a um número exato, na tradução utilizámos um aproximado. Logo na primeira história, “The Shortcut Home”, Jo Kenny descreve-se fisicamente como sendo “five feet tall and a hundred pounds” (p. 8). Tendo em conta que 1 *foot* é equivalente a 304,74 milímetros e 1 *pound* a 453,6 gramas, na nossa tradução referimos que Jo Kenny “media um metro e cinquenta e dois e pesava quarenta e cinco quilos” (p. 5). Ainda relativamente a altura e a peso, em “Coming Out Alive”, Py Bateman descreve o seu agressor como sendo “fourteen inches taller” e “outweighed me by ninety pounds” (p. 163), sendo por isso descrito no texto alvo como “Era mais pesado do que eu cerca de quarenta quilos e trinta e cinco centímetros mais alto” (p. 46). Em “Does He Know Who I Am?”, Claire Trensky identifica o seu atacante como tendo “five feet nine, 165 pounds” (p. 188), pelo que traduzimos por “cerca de um metro e oitenta, 75 quilos” (p. 58). Nesta história encontramos também referência ao comprimento da faca utilizada pelo atacante, “about a five-inch handle” e “a six-or seven-inch blade” (p. 186), cujo tamanho tentámos manter na tradução através de “cerca de 12cm o cabo e entre 15 a

17cm a lâmina” (p. 56). Em “Two Gutsy Women”, encontramos uma referência semelhante, nomeadamente, “a six-inch hunter’s blade” (p. 216) e mantivemos a correspondência anterior entre “six inch” e “quinze centímetros” (p. 70) em relação ao comprimento da lâmina.

Encontramos ainda referência a “three hundred yards” (p. 127) em “The Comb in My Purse”, distância que traduzimos por “cerca de trezentos metros” (p. 38), apesar de ser um pouco menos, tendo em conta que uma jarda equivale a 0,914 metros. “Feet” como medida de comprimento surge em três histórias: “Asian, Female, and Fierce”, “Two Gutsy Women” e “A Test of Faith”. Na primeira, traduzimos “he flew back about four feet” (p. 179) por “ele voou quase um metro e meio para trás” (p. 52); na segunda, “jumped a few feet away” (p. 215) e “stepped back several feet” (p. 216) foram traduzidas respetivamente por “afastou-se com um salto” (p. 68) e “ele afastou-se um pouco mais” (p. 70), porque considerámos não ser relevante quantificar o comprimento do salto ou o afastamento através de centímetros, tendo em conta que no texto fonte também não existem números concretos. Na terceira história, traduzimos “maybe ten feet in front of me” (p. 247) por “a cerca de três metros à minha frente” (p. 81) e “about a foot away” (p. 248) por “a cerca de trinta centímetros” (p. 82).

4.4.2. Referências Culturais

O primeiro exemplo, retirado da história “O Atalho para Casa”, está relacionado com a empresa de autocarros “Greyhound” (p. 8), dos EUA, que não existe em Portugal e representa uma diferença cultural. Como se tratava de uma viagem longa, utilizámos apenas “expresso” (p. 5), designação comum em Português.

Na tradução de algumas expressões idiomáticas, procurámos equivalência semântica, como podemos verificar nos dois exemplos retirados da história “Sair Sozinha à Noite”: “I was sick to death” (p. 50) - “estava farta” (p. 19) e “I would, again, fight like a tiger” (p. 52) - “E voltaria a lutar como uma leoa” (p. 20).

Nos casos em que não foi possível encontrar um equivalente na língua alvo, ou se tornou necessária informação adicional, optámos por manter o texto fonte na tradução e utilizar notas de rodapé explicativas. Damos aqui alguns exemplos, com referência às páginas do texto alvo: “*banshee*”, na Introdução à Parte II (p. 15), “E.F. Hutton”, na história “O Que a Mãe me Ensinou” (p. 26), “*armlock*”, em “Autodefesa sobre Rodas” (p. 76), e por último, em “Um Teste de Fé”, encontrámos dois exemplos, “*Chicana*” (p. 79) e “*huaraches*” (p. 81).

Nesta última história, à semelhança de “*huaraches*”, existem outros termos e expressões em Espanhol, os quais se encontram traduzidos para Inglês no texto fonte. Mantivemo-los em itálico, no texto alvo, salvo nos casos em que as palavras têm o mesmo significado em Espanhol e Português, como por exemplo “comadre”, e traduzimos para Português as expressões correspondentes em Inglês. Não traduzimos a palavra “*campesino*” (p. 81), porque não tinha explicação em Inglês, mas principalmente porque o seu significado em Português não causa dúvidas, pelas semelhanças que existem com a língua espanhola. Também não traduzimos “*machetes*” (p. 81), porque, pelo contexto, entendemos o seu significado.

Na história “Does He Know Who I Am?” surge a abreviatura “RN” (p. 187), que deduzimos pelo contexto tratar-se de “registered nurse”. No *site* da *Wikipedia*, encontrámos explicação mais pormenorizada sobre o significado de “Registered Nurse”, mas optámos por traduzir apenas por “enfermeira” (p. 57), porque o facto de se tratar de

uma enfermeira com registo na Ordem, não correspondia a informação pertinente para o contexto.

Na introdução à história “Like a Broken Record”, a protagonista, Stella Moreno, é descrita como “a Latina” (p. 61). Este termo não poderia manter-se no texto alvo, porque em Português tem um significado diferente, ou seja, quando se usa “latinos/latinas” referimo-nos a pessoas cuja língua é de origem latina, como os portugueses ou os italianos, oriundos de países europeus. Por esse facto, expandimos o texto com a informação “família oriunda da América Latina” (p. 21), evitando desta forma uma nota de rodapé.

4.4.3. Adjetivação

Algumas dificuldades encontradas ao longo do texto na Língua de Partida estão relacionadas com a adjetivação, principalmente porque por vezes são utilizados vários modificadores antes do substantivo, para o qualificar, mas em Português essa construção não se pode manter, logo, obriga a uma reestruturação da frase.

O primeiro exemplo que escolhemos faz parte do subtítulo do livro, i.e. “*Self-defence success stories*”, em que surgem dois nomes (“self-defence” e “success”) com função de modificadores de outro nome (“stories”). Numa primeira leitura, a tradução “Histórias sobre autodefesa com sucesso” parece adequada, mas, por se tratar de um subtítulo, optámos por omitir “com sucesso”, ideia que está presente na tradução que escolhemos para o título, e que já explicámos em 4.1.1.

O exemplo seguinte surge nalgumas histórias e introduções na identificação de protagonistas com bons conhecimentos de artes marciais, e inclusive são detentoras de cinturão negro. Essa referência aparece através de “second-degree black belt” (pp. 97 e

185) ou “third degree black belt” (p. 177), as quais traduzimos da forma que considerámos mais adequada, ou seja, colocando a referência ao grau entre parêntesis: “cinturão negro (2º grau)” (p. 30), “cinturão negro de judo (2º grau)” (p. 55) e “cinturão negro de aikido (3º grau)” (p. 50).

As situações seguintes representaram dificuldades, não tanto pela quantidade de adjetivos utilizados, mas porque a escolha da expressão equivalente na língua de chegada requereu alguma reflexão e ponderação extra. Na história “Deaf and Not Defeated”, encontramos dois exemplos: “Sign language” (p. 17) e “nice-size fish” (p. 19). O primeiro parece não apresentar dificuldades de tradução, no entanto, um tradutor menos atento poderá traduzir por ‘língua gestual’, o que estaria incorreto. Utilizámos “língua gestual” (p. 8), porque todas as línguas gestuais possuem uma gramática e um dicionário próprios, em que os significados aparecem sob a forma de gestos. No segundo exemplo, a utilização do adjetivo “nice” aponta para um tamanho bom ou grande, mas como não aparece exatamente a medida, traduzimos por “peixe grandinho” (p. 10), expressão que transmite incerteza sobre o tamanho real do peixe, apesar de se entender que não era pequeno.

Na expressão “black and brown women” (p. 74) da história “What Mama Taught Me”, optámos por aglutinar a ideia transmitida pelos dois adjetivos na expressão “mulheres de cor” (p. 24), porque, no contexto em que ela aparece, não havia necessidade de referir se a pele era mais ou menos escura. Esta questão, apesar de a termos colocado neste subcapítulo, também está relacionada com dificuldades culturais, nomeadamente, a questão das raças e da cor de pele a elas associada, bem como a discriminação subjacente, referida na história por Kikanza Robins.

Na história “Asian, Female, and Fierce”, encontramos a expressão “graveyard shift” (p. 178), a qual traduzimos por “turno da noite” (p. 51), após uma breve pesquisa

que confirmou a nossa ideia inicial, ou seja, neste contexto, a palavra “graveyard” não deveria ser traduzida literalmente por ‘cemitério’.

Finalmente, em “A Test of Faith”, a adjetivação que a autora utiliza para qualificar a sua “experience” como “so deep and so beautiful” (p. 251), enquanto fala com o polícia, levantou algumas dúvidas na tradução, não pelo seu significado em Português, mas pela escolha dos adjetivos mais adequados à situação, os quais decidimos utilizar da seguinte forma: “uma experiência tão enriquecedora e agradável” (p. 85).

4.4.4. O Discurso

Não obstante a existência de diversas aceções para o conceito de “discurso”, escolhemos identificar este subcapítulo com esta designação, tendo como ideia-chave que “o discurso constitui-se por um conjunto de frases logicamente ordenadas, de forma a comunicar um sentido”.⁵ Apesar de ser uma definição simples, enquadra os nossos objetivos: analisar o tipo de enunciado/discurso presente nas histórias e introduções, através da seleção de frases/expressões que exigiram uma maior reflexão, principalmente pelo nível de língua utilizado, e justificar as traduções efetuadas.

Se por um lado, podemos identificar o tipo de linguagem presente na maior parte do texto como sendo corrente e de fácil compreensão, por outro, deparamos com diálogos em que se utilizam expressões coloquiais ou em calão, as quais nos suscitaram alguma dificuldade, se não na compreensão das mesmas, pelo menos na sua tradução, ao tentarmos manter o mesmo nível de língua no texto alvo.

⁵ Carlos Ceia, s.v. “Discurso”, *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 15/02/2012.

Escolhemos como primeiro exemplo um tipo de construção frásica que Jo Kenny utiliza por duas vezes em “The Shortcut Home”: “screamed and screamed” (p. 9) e “cried and cried” (p.10), a qual traduzimos por “gritei e voltei a gritar” (p. 6) e “chorei e voltei a chorar” (p. 7), mantendo a mesma forma, mas com verbos/ações diferentes.

Nos diálogos que acontecem na maior parte das histórias, encontramos exemplos de linguagem/discurso informal, presente em respostas afirmativas breves. A título de exemplo, “Okay, okay” (pp. 9 e 20) – “Tá bem, tá bem” (pp. 6 e 11) e “Yeah” (p. 21) - “Pois é” (p. 12).

As interjeições representam uma marca de oralidade importante em algumas histórias, por isso registamos aqui estes exemplos: “Hey” (pp. 18 e 178) – “Eh” (pp. 9 e 50) e “Jesus” (p. 177) - “Meu Deus” (p. 50). A interjeição “Oh”, como expressão de surpresa, utiliza-se em ambas as línguas, como podemos verificar no texto fonte (p. 18) e no texto alvo (p. 9). Encontrámos “bammo” (p. 177), cujo significado confirmámos,⁶ tendo-o depois traduzido por “toma lá” (p. 50).

A expressão “meet market” (p. 75) foi traduzida por “mercado de encontros” (p. 24), porque não encontrámos melhor equivalente na língua alvo. De qualquer forma, a expressão é explicada no próprio texto, por isso a sua compreensão não suscita dúvidas para o leitor.

Pelo contrário, na frase “He was dunking my head in the water” (p. 20), apesar de entendermos o sentido do verbo, não o conseguimos encontrar no dicionário. Não obstante essa falta, traduzimos a expressão por “Ta-me empurrando a cabeça para dentro de água” (p. 11), o que confirmava a situação de afogamento de que Suzette Garay estava a ser alvo.

⁶ Em <http://www.urbandictionary.com>, acessado em 15/10/2011.

Em “What Mama Taught Me”, encontramos exemplos de expressões coloquiais e de calão, em *African American Vernacular English*. Como primeiro exemplo, escolhemos “sister” (p. 75) - “miúda” (p. 25), usada com um sentido pejorativo, de desprezo, diferente da utilização de “sisters” (p. 162) em “Coming Out Alive”, traduzida por “Irmãs” (p. 46), com o sentido de grupo de amigas, quase como uma família.

Na mesma história, surge a expressão “Well, ahm not yo momma” (p. 75), que traduzimos por “Olha meu, eu não sou a tua mãe” (p. 25), na tentativa de manter um registo semelhante. Nesta história confrontámo-nos com alguns palavrões, uma dificuldade, em virtude de não os utilizarmos no dia a dia, mas cuja tradução consideramos essencial, tendo em conta a situação de violência verbal e física e consequente autodefesa. Assim, traduzimos “What’s wrong with you, bitch?” e “Muthafucker” (p. 76) por “O que se passa contigo, puta?” e “Filho da puta” (p. 25). Encontramos exemplos de palavrões noutras histórias, e.g. “Oh shit” (p. 9) - “Que merda” (p. 6), “that fucking fish” (p. 20) - “a merda do peixe” (p. 11), e “Fuck you, you piece of shit, fuck you, leave us alone” (p. 188) - “Vai-te foder, pedaço de merda, vai-te foder, deixa-nos em paz” (p. 58).

Em determinadas ocasiões, sentimos que os diálogos se tornavam mais claros na língua fonte, em virtude de as aspas assinalarem a sua existência. Por outro lado, na língua alvo, os travessões não possibilitavam da mesma forma a compreensão:

- “So you need to get out of here, this is a women’s bathroom.” By this time, I’m just washing my hands, being very cool, like I’m not scared. I’m dying inside, but I’m acting cool. (p. 62)

Por esse facto, na tradução do exemplo anterior, incluímos um parágrafo depois da fala da protagonista, para não gerar confusão, porque poderia parecer que ela continuava dirigindo-se ao homem, o que não é o caso:

– Por isso tem que sair, aqui é a casa de banho das mulheres.

Nesta altura, estou a lavar as mãos, calmamente, como se não estivesse assustada. Estou a tremer por dentro, mas a agir calmamente. (p.22)

4.4.5. O Género

As questões relacionadas com o género, apesar de serem objeto de reflexão no final do capítulo sobre as dificuldades linguísticas e culturais, constituíram um dos aspetos principais do nosso trabalho de análise, fazendo jus à expressão “last but not least”.

Estruturámos este subcapítulo da seguinte forma: em primeiro lugar, analisámos a questão da tradução do **pronome “you”**, em seguida, a partir do parágrafo quinze, focámos a nossa atenção nas **marcas de género**. Relativamente à primeira questão, identificámos as várias soluções encontradas para a tradução do pronome “you”, nomeadamente, *você/vocês*, *nós*, sujeito impessoal e *tu*, e constatámos a frequente omissão do pronome ou do possessivo correspondente (*you/your*) na tradução.

O sistema de género pronominal do Inglês pode causar dificuldades de tradução, em virtude de existir apenas marca de género na terceira pessoa do singular (*he/she*). O pronome pessoal “you” pode referir-se ao feminino, masculino, singular, plural ou impessoal. Realizámos a sua tradução de acordo com o contexto e pela existência ou não de intimidade com o interlocutor. Confirmámos essa nossa escolha através da afirmação de Barry Hatton, a propósito das formas de tratamento em Portugal, que citamos:

“There is no cover-all-contingencies word like “you”. The way you are addressed depends on your intimacy with the other person, your social standing, your demeanour even.” (2011:187)

Ao longo do livro, sempre que as responsáveis pela antologia, nas introduções, ou as autoras/protagonistas nas respectivas histórias se dirigem à(s) leitora(s) através de “you”, traduzimos por “você” ou “vocês”, apesar destes pronomes se encontrarem frequentemente omitidos. Assim, por exemplo, na primeira introdução, no início do parágrafo cinco, surgem as perguntas “Were you taught that your only recourse (...)?” e “Did your mother feel confident about taking care of herself and you (...)?” (p. 4), as quais traduzimos por “Ensinaram-lhe que o único recurso (...)?” e “A sua mãe sentia-se confiante a cuidar dela e de si (...)?” (p. 3). Na introdução à Parte IV, traduzimos “If you are going to carry a weapon, make sure you know how to use it” (p. 124) por “Se pensa usar uma arma, assegure-se que sabe como utilizá-la” (p. 37). Na introdução à Parte VI, intitulada “Trabalho de Equipa”, traduzimos por diversas vezes “you” pela segunda pessoa do plural, e “your” pelo possessivo correspondente, por se tratarem de conselhos destinados às leitoras, no sentido de realizarem um trabalho com familiares ou amigas. A título de exemplo, traduzimos “you can figure out together what might be the best escape routes, or how the various aspects of each room might be used to your advantage” (p. 192), por “podem tentar descobrir quais seriam os melhores percursos para fugir, ou como as características próprias de cada divisão poderiam ser usadas em vosso benefício” (p. 62). Também na introdução à Parte VII, traduzimos as últimas frases, tendo como suas destinatárias as leitoras, porque é evidente que se trata de plural, tendo em conta a expressão “all of you”. Da mesma forma, em “Surda e Não Submissa” traduzimos “remember I’m really perceptive” (p. 21) por “lembrem-se de como sou bastante perspicaz” (p. 13), ou “you know” (p. 62) por “estão a ver” (p. 22) em “Como um Disco Riscado”.

Considerámos frequentemente necessário omitir não apenas o pronome pessoal identificativo do sujeito (you), mas também o adjetivo possessivo correspondente, por

ser desadequado em Português. Como exemplo do exposto anteriormente, escolhemos a expressão “it trains both your body and your mind” (p. 177), utilizada por Cindy Nakazawa na introdução a “Asiática e Destemida”, a propósito da importância da prática de artes marciais, a qual traduzimos por “treina tanto o corpo como a mente.” (p. 50).

Em “Asiática e Destemida” escolhemos traduzir a frase que inicia o último parágrafo da história, i.e., “You learn who you are and how strong you can actually be psychologically” (p. 181), por “Aprendemos quem somos e até que ponto somos de facto psicologicamente fortes” (p. 54). Pareceu-nos que a opinião da autora sobre os benefícios do aikido, partilhada desta forma, estabelece uma maior proximidade com as leitoras e funciona como um convite implícito à prática da atividade.

Nos exemplos seguintes, retirados da história “Um Teste de Fé”, considerámos que o mais adequado seria a utilização do sujeito impessoal na tradução, como forma de generalizar uma situação ou um pensamento: “That means you get beaten until you say” (p. 250) - “Isso significa que se é espancado até se dizer” (p. 84) e no final da história, “or you just get totally convinced (...) you want your life to be about” (p. 253) - “ou se fica completamente convencido de que isto é o que se quer da vida” (p. 87).

Por vezes utilizámos um tratamento mais informal, através do pronome pessoal “tu”, como foi o caso da tradução de “How often do you carry your Mace canister into your own bathroom?” (p. 123) por “Quantas vezes (tu) levas para a casa de banho o spray pimenta?” (p. 36), na introdução à Parte IV. Esta escolha foi óbvia, por se tratar de uma conversa entre amigas, em que era notória a existência de familiaridade. O mesmo aconteceu na primeira história traduzida, no momento em que a protagonista luta com os seus próprios pensamentos, na tentativa de perceber qual será a melhor atitude a tomar perante o ataque de que está a ser vítima. O “you” utilizado nesses

pensamentos foi traduzido por “tu” (por vezes omitido), por se tratar de uma voz interior, íntima. Ainda devido à relação de intimidade, na história “Sair Sozinha à Noite”, colocámos o namorado e companheiro da protagonista a tratá-la por “tu”.

Escolhemos utilizar também a segunda pessoa do singular quando existe tentativa forçada de aproximação, como acontece nos exemplos seguintes, retirados da história “Surda e Não Submissa”. O anterior violador de Suzette Garay dirige-se-lhe através da expressão “It’s been such a long time since I’ve seen you” (p. 18) - “Já há muito tempo que não te via” (p. 8), porque, apesar de ela ter medo dele, ele não a considera uma estranha e de forma simpática força uma aproximação. Pelo contrário, o monitor Joel, interveniente noutra episódio com a mesma protagonista, ordena-lhe “You get that fucking fish right now or I’ll kill you right out here” (p. 20) - “Vai já buscar a merda do peixe ou mato-te aqui mesmo” (p. 11). A utilização deste tratamento informal revela não apenas que existe proximidade, mas que o atacante pretende exercer força e domínio perante aquela criança de oito anos, frágil e amedrontada, a qual utiliza o mesmo tratamento, devido ao facto de o monitor ser jovem. Nesta história, contudo, encontramos ainda exemplo de um tratamento mais formal, quando Suzette trata o homem que vê na rua por “Pai”, para tentar enganar o seu violador e se lhe dirige, dizendo “Oh, I’m sorry, I thought you were my dad” (p. 18) - “Oh, desculpe, pensava que era o meu pai” (p. 9), porque na realidade ele é um estranho para ela.

Na história “Como um Disco Riscado”, no diálogo entre Stella Moreno e o “ajudante” do padre, apesar de no texto fonte ser utilizado o mesmo pronome pessoal “you”, decidimos utilizar “você” e “tu” na tradução. O primeiro é usado pela protagonista que pretende o distanciamento entre ela e alguém que desconhece e lhe causa apreensão, enquanto o seu presumível atacante pretende o contrário, ou seja, uma aproximação forçada, por isso, entra numa casa de banho para mulheres, com o objetivo

de, pelo menos, a assustar. Em seguida, quando ela se dirige ao padre no texto fonte, continua a ser utilizado o pronome “you”. Contudo, no texto alvo, optámos por colocar “o senhor”, em virtude de existir uma relação de deferência e respeito perante um representante da igreja católica, que era também um dos responsáveis pelas instalações.

Em “Asiática e Destemida” escolhemos traduzir “you” por um tratamento mais informal sem, no entanto, evidenciar falta de respeito, como podemos verificar na frase seguinte: “My teachers said, “You can’t think about what might have happened, you have to think about what did happen and how you handled it and that, thank God, you’re not hurt” (p. 180) - “Os meus professores disseram-me – Não podes pensar naquilo que poderia ter acontecido, tens que pensar no que aconteceu de facto e como lidaste com a situação e que, graças a Deus, não ficaste ferida” (p. 53).

Ainda na mesma história, a protagonista dirige-se a uma aluna que acabou de conhecer desta forma: “And if you don’t react immediately, chances are you’re not going to get away with anything” (p. 180) - “E se não reagir imediatamente, tem poucas hipóteses de se safar” (p. 53). Mais uma vez, porque não existe relação próxima com a aluna.

Pelo contrário, na tradução da frase “You’re being accused by the people” (p. 250) – “Está a ser acusada pelas pessoas” (p. 84), em “Um Teste de Fé”, utilizámos a forma “você”, como marca de tratamento mais formal utilizada pela polícia. Noutras circunstâncias em que existisse respeito evidente por parte destes agentes da autoridade, poderia ser utilizada a expressão “A senhora”; contudo, dada a situação, pareceu-nos inapropriada a mesma.

Em “A Vontade de Sobreviver”, o homem que ataca Jerilyn Munyon e a ameaça com uma faca, trata-a por “tu”, com o objetivo de a inferiorizar e colocar à sua mercê:

“If you try to get away, I’ll kill you” (p. 98) - “- Se tentares fugir, mato-te – disse. – Tenho aqui uma faca junto ao teu corpo” (p. 31).

Em “Um Teste de Fé”, a tradução de “you” em “You’re poor now” (p. 245) não levantou problemas. Neste caso refere-se ao plural (vocês), mas omitimos o pronome por não ser necessário à compreensão. Em seguida, na pergunta “What are you doing here?” (p. 246), omitimos também o sujeito plural.

Em Português encontramos marca de género gramatical em artigos, adjetivos, pronomes e nomes. Essa diferença relativamente ao Inglês, e o facto de se tratar de um livro escrito por mulheres e destinado essencialmente a leitoras, orientou algumas escolhas que assinalamos a seguir:

- “I couldn’t believe how close I had come to... to what?” (p. 51) - “Nem acreditava como tinha estado tão próxima de... de quê?” (“Sair Sozinha à Noite” – p. 20);

- “Even those of us who were taught (...)” (p. 4), traduzimos por “Mesmo aquelas de nós que aprenderam (...)” (p. 3) e “Each of us” (p. 5) por “Cada uma de nós” (p. 4 - 1ª introdução);

- “to roar like a lion” – “rugir como uma leoa” (2ª introdução, último parágrafo);

- “we *all* possess these tools” (p. 89) – “o facto de todas possuímos estas ferramentas” (p. 28), “Intuition and willpower are what literally keep us alive” (p. 89)– “Sem sombra de dúvida, a intuição e a força de vontade mantêm-nos vivas no dia a dia” (p. 28) e “many of us” (p. 90) – “muitas de nós” (p. 28 - 3ª introdução);

- “Many women say that they feel they would do anything to protect a child – but each of us is someone’s child.” (p. 151) – “Muitas mulheres dizem que acham que fariam qualquer coisa para proteger uma filha – mas cada uma de nós é filha de alguém” (p. 45 - 5ª introdução).

Por outro lado, no início das histórias “The Comb in My Purse” e “Two Gutsy Women”, surge a referência a amigos/amigas nas seguintes frases: “I had just left a group of friends” (p. 127) e “(...) Christmas party – warm with friends and laughter and good food” (p. 214), respetivamente. Pelo facto de não sabermos se se tratava exclusivamente de amigas, e não haver informação adicional esclarecedora, como acontece em “The Shortcut Home”, no segundo parágrafo da história, através da referência a “girlfriends” (p. 8), optámos por traduzir pelo masculino “amigos” (pp. 38 e 68), que se utiliza em língua portuguesa como norma para identificar um grupo misto.

4.5. Melhoria do texto

Será este subcapítulo pertinente? Terão os tradutores a função de melhorar o texto fonte? Estas dúvidas surgiram aquando da leitura das histórias, num tempo prévio à tradução das mesmas. Contudo, nessa leitura, houve momentos em que nos foi mais difícil aproximar do texto ou até mesmo entendê-lo, e a razão não foi o desconhecimento linguístico ou cultural de determinado vocábulo. Pensando na tradução que iríamos fazer posteriormente, refletimos sobre a questão da fidelidade e o papel do tradutor ao manipular o(s) texto(s), e concluímos que “learning to make sense out of nonsense is a huge and seemingly unending task for translators who must deal with the average political, financial, or technical document” (Nida, 2001:8). Apesar de estarmos a traduzir um tipo de texto diferente, também encontramos situações “nonsense”, as quais iremos assinalar neste subcapítulo, juntamente com as soluções encontradas. Como refere Nida, muitas vezes os próprios escritores dizem aos tradutores que “they do not need to understand the text; rather, they must simply translate it” (id., *ibid.*). Esta ideia é completamente insensata, porque, se os tradutores

traduzirem sem compreender o texto fonte, ele não chegará aos leitores da forma correta e o primeiro prejudicado será o autor do mesmo.

Em primeiro lugar vamos identificar os casos que considerámos problemáticos, devido a incongruências ou erros existentes no texto fonte, nomeadamente em duas histórias, em “Coming Out Alive” (Parte V) e em “A Test of Faith” (Parte VII). Na primeira, parecem existir inconsistências temporais, porque, no final da introdução à história, surge a referência “Since the time of the first letter, her attacker was convicted” (p. 162). Porém, no início da segunda carta, Py Bateman refere “My assailant was captured two months later” (p. 164), o que contradiz a primeira referência à condenação do seu agressor, por altura da primeira carta. Mas, se considerarmos como correta a sua captura dois meses depois da agressão, encontramos novo problema na frase seguinte, ou seja, “He was apparently inactive for about six months” (p. 164). Pareceu-nos que não seriam “six months” mas talvez “six weeks”, tendo em conta a sua captura dois meses depois da agressão, a qual tinha ocorrido a 26 de maio. Na tentativa de tornar o texto alvo lógico e coerente, optámos por não traduzir a última frase da introdução e escolhemos “seis semanas” para identificar o período de inatividade do agressor, antes da sua captura (pp. 46 e 49).

No segundo exemplo, sentimos estranheza e incompreensão relativamente à tradução da expressão “Puerto de la Muerte” para a língua inglesa, como “Bridge of Death” (p. 250). Como acontece ao longo da história “A Test of Faith”, Barbara Richmond utiliza expressões em Espanhol e traduz em seguida para Inglês. Na expressão anterior, no entanto, surge um erro, porque “bridge” não corresponde à tradução de “puerto”. Seria possível que a autora não soubesse traduzir corretamente? Essa hipótese não nos pareceu viável, em virtude de a autora ter vivido oito anos no México, portanto, possuía conhecimentos suficientes de língua espanhola. Por isso,

concluímos que deveria tratar-se de uma gralha tipográfica pela semelhança com “puente” (p. 84), palavra que escolhemos e que significa o mesmo que “bridge” em Inglês.

Em todas as histórias, cuja introdução em itálico apresenta mais do que um parágrafo, surgem aspas no início do discurso da protagonista e no início de cada parágrafo. Considerámos serem excessivas e desnecessárias em português, portanto, melhorámos o texto alvo nesse aspeto formal.

Na história “Deaf and Not Defeated”, sentimos necessidade de melhorar o texto, principalmente para evitar a repetição de conjunções e de verbos introdutórios no discurso direto, porque o texto tinha imensas marcas de oralidade, desnecessárias à compreensão da história, conferindo-lhe um estilo um pouco monótono. Assim, a título de exemplo, a conjunção “so”, utilizada nas frases “so there was no way for me to set up my defense” e “I’m almost a black belt in karate, so I’m pretty sure of myself” (p. 17), foi traduzida por “por isso não tive forma de me preparar” e “Sou quase cinturão negro em karaté, logo sinto-me bastante segura das minhas capacidades” (p. 8).

Nesta e noutras histórias, fizemos também alterações a nível de escolha de verbos, nomeadamente, do verbo “to say”, o qual foi traduzido não apenas por “dizer”, mas de forma a manter a coerência da situação, como podemos verificar através dos exemplos seguintes:

“I said, “Hey, Dad, Hey, Dad, wait, Hey, Dad!” (p. 18) - Eh, Pai! Eh, Pai, espere!
Eh, Pai! – Gritei (p. 9);

“So I said ‘sure’” (p. 20) - respondi – Claro (p. 11);

“Who was that?” I said. (p. 247) - Quem era aquele? – Perguntei. (p. 80).

Em “Deaf and Not Defeated”, a protagonista utiliza por diversas vezes o verbo “to feel”, o qual traduzimos por verbos diferentes, pelos motivos apontados anteriormente:

“I felt that what I did was really a good device” - “Achei que aquilo que tinha feito era uma boa estratégia” (p. 9);

“I felt really bad because I enjoyed camp” (p. 21) - “fiquei mesmo chateada porque gostava do campo de férias” (p. 12).

Alterámos os tempos verbais nalgumas situações, de forma a manter-se o sentido no texto alvo. Damos aqui exemplo dessa alteração, através do início da história “A Test of Faith”, em que surge o *past perfect* em “I had been in Mexico” (p. 245), o qual traduzimos por “Estava no México” (p. 79), utilizando o pretérito imperfeito, ao passo que em “I started working near Temisco” (p. 245), o *past simple* foi transformado em “tinha começado a trabalhar próximo de Temisco” (p. 79), ou seja, o pretérito mais-que-perfeito composto.

Nesta história, na frase “I heard the thud of people landing on the car who had been running right behind me, to get me” (p. 249), não utilizámos a construção com o pronome relativo, ficando no texto alvo “Ouvi o baque das pessoas a aterrar em cima do carro, tinham vindo a correr mesmo atrás de mim para me apanhar” (p. 83), porque se o fizéssemos, poderia suscitar dúvidas aos leitores, porque o pronome relativo em Português (que), é igual para pessoas e objetos, ao contrário do Inglês (who/which).

5. O TEMPO DO TRADUTOR – CRÍTICO

Se no quarto capítulo, utilizámos uma técnica ‘spivakiana’, ao realizar uma tradução rápida, com o objetivo de apreender o texto fonte e transferi-lo de forma literal para a língua alvo, fizemo-lo apenas com o objetivo de constituir uma tradução inicial. No entanto, ao contrário de Spivak, consideramos essencial a existência de algum tempo em que a tradução fica a repousar. Após esta pausa, mais ou menos longa, de acordo com o tempo disponível, o tradutor irá ler o seu texto novamente, como se tivesse sido criado originalmente na língua alvo, para poder aferir da sua correção ou adequação.

Nesta fase, consideramos essenciais a humildade e a responsabilidade, características que o tradutor, como qualquer profissional, deve ter para avaliar o seu trabalho, com o objetivo de o melhorar. A questão, sobejamente discutida, da maior ou menor importância do tradutor face ao autor, torna-se redundante, porque ambos são autores/criadores. Na realidade, o texto alvo constitui-se como original e importante, na medida em que “it is the original text which is actually dependent upon the translation and not the other way round, since without translation the original would simply remain ‘undiscovered’” (Hatim, 2001:48).

Apesar de sabermos que não existem traduções definitivas e que a impossibilidade da perfeição é característica *sine qua non* deste trabalho, a revisão do texto em língua alvo pode tornar-se uma obsessão. Após termos revisto o texto por diversas vezes, para verificar todos os aspetos considerados importantes, tais como o conteúdo, a forma e o estilo, considerámos ser necessário ouvir outras opiniões. Assim, pedimos gentilmente a colegas e familiares que lessem as histórias e introduções, como já tínhamos referido no capítulo 1. Chegámos à conclusão que, apesar de termos revisto por diversas vezes a tradução, a proximidade com o texto fonte, a nível de forma,

nomeadamente na repetição de conectores, prejudicava a leitura do texto alvo. Este afastamento já tinha ocorrido connosco, relativamente ao texto fonte. Por esse facto, e porque gostaríamos que as leitoras/os leitores sentissem empatia com a tradução, reescrevemos e manipulámos o texto “to make it available to a second language public” (Simon, 1996:9). Iremos exemplificar, em seguida, algumas alterações efetuadas, a nível de forma, conteúdo e estilo, respetivamente. Apresentaremos o texto fonte em primeiro lugar; depois, a versão que suscitou dúvidas, e, por último, a versão melhorada:

“She has dedicated sixteen years of her life to fighting violence against women” (p. 162) - “Dedicou dezasseis anos da sua vida ao combate da violência contra as mulheres” / “Dedicou dezasseis anos da sua vida a combater a violência contra as mulheres” (p. 46);

“I was so tired that I just relaxed and bent over as soon as he hit me and he went flying right over me.” (p. 177) - “Estava tão cansada que relaxei o corpo e dobrei-me quando me atingiu e ele voou mesmo por cima de mim.” / “Estava tão cansada que relaxei o corpo, dobrei-me quando me atingiu e ele voou mesmo por cima de mim.” (p. 50);

“And I heard this guy say” (p. 179) - “E ouvi o tipo dizer” / “Então ouvi o tipo dizer” (p. 51);

“Meanwhile Susan was screaming, “Claire, Claire”. She saw the struggle going on in the car and she thought he was stabbing me, so she freaked out.” (p. 188) - “Entretanto a Susan gritava – Claire, Claire. Ela tinha visto a luta dentro do carro e pensou que ele me estava a esfaquear, por isso ficou histérica.” / “Entretanto a Susan gritava – Claire! Claire! Ela tinha visto a luta dentro do carro e pensou que ele me estava a esfaquear, por isso ficou histérica.” (p. 58).

A nível de conteúdo, poucas frases do texto alvo suscitaram dúvidas na sua interpretação. Tentámos clarificar algumas questões colocadas pelos nossos leitores, para que, futuramente, não houvesse “misunderstanding of the message by those for whom the translation is intended” (Nida, 2001:3):

“Then, bammo, all of a sudden this guy (I didn’t even hear him, he had sneakers on) ran up and bear-hugged me from behind.” (p. 177) - “Então, toma lá, de repente, um tipo (nem sequer o ouvi, usava ténis) saltou e agarrou-me com toda a força por trás.” / “Então, toma lá, de repente, um tipo (nem sequer o ouvi, pois usava ténis) agarrou-me com toda a força por trás.” (p. 50);

“Suddenly, a strange man swung my car door open” (p. 101) - “De repente, um estranho abriu a porta do meu carro completamente” / “De repente, um estranho abriu a porta do meu carro” (p. 34);

“I showed them the exit he had gone through” (p. 179) - “Mostrei-lhes a saída por onde tinha passado” / “Mostrei-lhes a saída por onde ele tinha passado” (p. 52). Aqui é importante colocar o pronome pessoal, para evitar uma interpretação incorreta por parte do leitor;

“She’s an RN” (p. 187) - “Ela é enfermeira diplomada” / “Ela é enfermeira” (p. 57). “RN” significa ‘registered nurse’, ou seja, uma enfermeira registada na Ordem dos Enfermeiros. Na primeira versão colocámos “diplomada”, contudo, qualquer enfermeira possui um diploma. Assim, porque a informação expressa através de ‘registered’ não era pertinente no contexto, optámos por eliminar o adjetivo.

As escolhas seguintes estão relacionadas com o estilo do texto alvo, o qual gostaríamos que fosse claro e de leitura fácil, porque “If a translated text can also be easy to read, this is indeed a plus factor” (id., ibid.):

“It was as if all of my body was frozen in cement” (p. 128) - “Era como se todo o meu corpo estivesse congelado em cimento” / “Era como se todo o meu corpo fosse um bloco de cimento” (p. 38);

“When he fell, the nearest thing that came sliding down was my sword, so I picked it up and starting knocking at him” (p. 179) - “Quando ele caiu, a coisa que surgiu mais próxima foi a minha espada, então agarrei nela e comecei a atingi-lo” / “Quando ele caiu, o que tinha mais “à mão” era a minha espada, então agarrei nela e comecei a bater-lhe” (p. 52);

“I went after him and he saw me coming with a stick, so he made a beeline out of the file room and I ran after him” (p. 179) - “Fui atrás dele e ele viu-me chegar com um pau, então saiu em linha reta do gabinete e corri atrás dele” / “Quando ele me viu com um pau, fugiu em linha reta do gabinete e eu corri atrás dele” (p. 52);

“When the police were taking my report, they said, “Well, do you want to go to the emergency room to get checked out?” (p. 179) - “Quando os policiais estavam a registar o meu depoimento, disseram – Bem, quer ir à urgência para ser vista?” / “Quando os policiais estavam a registar o meu depoimento, perguntaram-me – Veja lá, não quer ir à urgência?” (p. 52);

“I didn’t realize that there’s a lot of psychological junk that happens after an attack, until the police said” (p. 179) - “Não me apercebi dos problemas psicológicos que acontecem depois de um ataque, até o polícia dizer” / Só me apercebi dos efeitos psicológicos de um ataque quando o polícia disse” (p. 52);

“I thought I was walking across the street with Lola and Crisoforo, but as I walked across the street, I realized that only Crisoforo was with me.” (p. 248) - “Pensei que estava a atravessar a rua com a Lola e o Crisoforo, mas enquanto estava a atravessar a rua, apercebi-me de que apenas o Crisoforo me acompanhava.” / “Pensei que estava a

atravessar a rua com a Lola e o Crisoforo, mas entretanto, apercebi-me de que apenas o Crisoforo me acompanhava.” (p. 82).

De acordo com o que explicámos anteriormente, esperamos que na nossa tradução estes três princípios ideais se revelem: “first, faithful equivalence in meaning, second, expressive clarity of form, and third, attractive elegance that makes a text a pleasure to read.” (Nida, 2001:1).

6. TRADUÇÃO – AÇÃO – TRANSFORMAÇÃO

“Learn everything you can, anytime you can, from anyone you can. There will always come a time when you will be grateful you did.”

Sarah Caldwell, 1924-2006
(Encenadora e maetrina norte-americana)

Escolhemos esta afirmação⁷ para introduzir o último capítulo deste trabalho, porque resume de forma simples e clara o nosso pensamento, ou seja, a aprendizagem constante deve ser o *leit motiv* de qualquer tradutor.

Enquanto mediador cultural, O TRADUTOR “promote[s] communication and understanding across cultures” (Katan, 1999a:423), sendo responsável pela transmissão de ideias e de informação aos seus leitores, os quais, sem a tradução, não teriam acesso a esse conhecimento.

Para que essa tradução possa cumprir os requisitos referidos no final do capítulo anterior, a nível de conteúdo, forma e estilo, toda a aprendizagem é útil para o tradutor. O conhecimento não se adquire apenas com leituras e pesquisas. Para além destas, todas as experiências culturais e linguísticas são enriquecedoras, na medida em que preparam o tradutor não apenas para o saber, mas essencialmente para o saber fazer. Temos tentado colocar esta ideia em prática, e, nomeadamente pelo facto de estarmos a traduzir histórias relacionadas com a autodefesa, participámos em maio de 2011 num *workshop* sobre defesa pessoal para mulheres, experiência que iremos repetir futuramente, para consolidar e aprofundar conhecimentos. Tivemos também a oportunidade de participar no Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, que decorreu em Macau, entre

⁷ Em <<http://www.tradulinguas.com/workshops-outros.html>>, acedido em 22/06/2011.

30 de agosto e 2 de setembro de 2011, com uma apresentação sobre o trabalho que estávamos a desenvolver no âmbito deste Trabalho de Projeto.

Para além do contacto com outras línguas e culturas, esta experiência motivou-nos a aprender Chinês (Mandarim), porque verificámos que em Macau poucas pessoas falavam Português e, por vezes, também encontramos algumas dificuldades na comunicação em Inglês.

A tradução e a multiculturalidade estão presentes no nosso mundo de forma bem nítida e não apenas através dos meios de comunicação, que possibilitam a troca de informação à escala global. O contacto com o Outro acontece de forma natural, sem ser necessário viajar e atravessar fronteiras, através da presença no nosso país de pessoas com outras nacionalidades, outras línguas e culturas. Por outro lado, verificamos que em Portugal, à semelhança de outros países pequenos, a cultura é de tal forma diversa, que, por exemplo, em S. Miguel (Açores), apesar de usarmos a mesma língua, podemos sentir-nos estrangeiros, ou até estranhos, quando somos obrigados a recorrer a “intralingual translation, or *rewording*” (Bassnett, 1998:14), utilizando outros vocábulos e expressões em língua portuguesa, com o objetivo de estabelecer a comunicação.

Acreditamos, portanto, que a tradução não condiciona o tradutor a um espaço fechado, solitário, egocêntrico. Sem dúvida que o processo de tradução/criação exige trabalho individual, e, na maior parte das vezes, solitário, no entanto, não o consideramos egocêntrico, antes pelo contrário, uma vez que a tradução está diretamente relacionada com partilha e comunicação.

Por esse facto, o tradutor tem um compromisso com o texto, com o qual estabelece uma relação de proximidade, que implica, por vezes, afastar-se da sua própria cultura, “romper com os seus limites e acolher o outro” (Nercolini, 2005:2).

Algumas das histórias traduzidas não foram escritas pelas suas autoras/protagonistas, correspondem a um registo escrito de uma entrevista, para além de que, algumas das protagonistas usam pseudónimos, o que corrobora a ideia anterior, de que o texto é o mais importante.

Enquanto seres humanos, mediadores culturais ou tradutores, a nossa relação com o Outro deve ser de abertura, de diálogo e de humildade perante as diferenças encontradas. Na última história traduzida, Barbara Richmond surge como mediadora cultural, de tal forma ligada à comunidade, pela língua e cultura do lugar, que não é reconhecida como sendo o Outro, o que nesse contexto lhe causa problemas, porque um visitante dos EUA é mais respeitado do que um habitante local.

Através da nossa tradução pensamos contribuir para a promoção da língua portuguesa, através de uma mensagem positiva. Gostaríamos, por isso, de publicar as histórias que traduzimos no âmbito deste Trabalho de Projeto, aproveitando as experiências de outras mulheres, que, apesar de estarem distantes no espaço e no tempo, podem, desta forma, partilhar as suas vivências e conhecimento com leitoras/leitores, em Portugal ou noutra parte do mundo. Como explica António José Saraiva, “A escrita [...] é como se petrificasse a palavra e a despersonalizasse. Anula o sujeito falante em proveito da mensagem comunicada” (2003:16). Fazendo jus a esta ideia, optámos por não apresentar neste trabalho informação adicional, quer sobre as protagonistas das histórias, quer sobre as responsáveis pela antologia.

Pretendemos com a nossa tradução, para além da valorização da nossa língua materna, a valorização da mulher e do ser humano em geral, cujos direitos fundamentais, consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), são desrespeitados diariamente. A título de exemplo, apresentamos os artigos 1.º e 3.º,

relativamente aos quais existem violações e lacunas graves, como constatamos diariamente:

"Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade." (Artigo 1.º)

"Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal." (Artigo 3.º)

O desrespeito pelos dois artigos anteriores está presente em todas as histórias de *Her wits about her*. Os atacantes não agem “em espírito de fraternidade”, e parecem estar desprovidos “de razão e consciência”. Através de ameaças, ataques e agressões, prejudicam a liberdade e a segurança das personagens/protagonistas, que eles consideram não “iguais”. Verificamos como a liberdade e a segurança são afetadas, em diversos espaços: na rua, por exemplo em “The Shortcut Home” e “The Comb in My Purse”; em casa ou noutros espaços fechados, por exemplo, numa casa de banho, num bar ou num carro (“Coming Out Alive”, “A Broken Record”, “What Mamma Taught Me” e “The Will to Survive”). Os ataques à liberdade e à segurança podem acontecer de dia (“A Test of Faith”), de noite (“A Night Out Alone”), em período de férias (“A Stone in the Sand”), ou no trabalho (“Asian, Female, and Fierce”). Através das histórias “Deaf and Not Defeated” e “Self-Defense on Wheels”, confirmamos que mulheres como Suzette Garay e Sandi Collins são também alvo de ataques e sentem a sua liberdade condicionada. Consequentemente, tentam encontrar estratégias para se protegerem, como refere Sandi Collins, “I don’t take a lot of chances” e “I usually have my credit cards tucked in a shoe or somewhere that isn’t too visible” (p. 239).

No título deste capítulo utilizámos os substantivos “Ação” e “Transformação”, não só por considerarmos essencial o processo de transformação do texto de uma língua para outra, mas, principalmente, para sublinhar a transformação como consequência inerente a qualquer atividade criativa. Através da tradução (processo e produto), tanto o

seu criador, como o seu recetor sofrem mudanças. Neste caso concreto, esperamos que *Saber para Sobreviver* possa eventualmente ajudar futuras leitoras a tomar consciência das suas capacidades, por forma a defenderem-se em caso de necessidade. Simultaneamente, estes testemunhos despertam os leitores para a necessidade de combater a violência como um problema de saúde pública a nível global.

Com este Trabalho de Projeto tentámos contribuir para a reflexão sobre a problemática da tradução, através das histórias em *Her wits about her*. Debruçámo-nos essencialmente sobre as questões culturais, e em particular sobre as diferenças existentes entre o Inglês e o Português relativamente ao género, e como estas e o próprio leitor condicionam as escolhas do tradutor, tendo em conta que “Little is known about possible choices, possible strategies, or possible reasons involving in the process of translation in situations in which there are linguistic or cultural gender discrepancies between the two languages involved” (Karoubi, 2005:7).

Concluimos que a tradução é uma atividade criativa e um desafio constante para o tradutor, não apenas por envolver conhecimentos diversos, para além dos linguísticos, mas porque o texto alvo, o produto da criação, parece nunca estar concluído. Contudo, o tradutor tem um tempo limitado para realizar o seu trabalho, portanto, terá que ser organizado. Para além disso, deve estar consciente de que o leitor/recetor do texto alvo constitui uma peça fundamental no processo de tradução, influenciando as suas escolhas. Por último, o tradutor, como qualquer ser humano atento e informado, tem a responsabilidade de alertar para situações de discriminação e injustiça, no sentido de contribuir para um mundo mais justo e solidário.

Bibliografia ativa

CAIGNON, Denise & GROVES, Gail. (eds.). *Her wits about her: Self-Defence Success Stories by Women*. The Women's Press, London, 1989.

Bibliografia passiva

BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. Routledge, London, 1998 (1ª ed., 1980).

CEIA, Carlos. *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. 6ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 2006.

CORNBLEET, S. & CARTER, R. *The Language of Speech and Writing*. Routledge, London, 2005.

HATIM, Basil. *Teaching and Researching Translation*. 2001. Disponível em <<http://books.google.pt>> acessado em 19/02/2011.

HATTON, Barry. *The Portuguese: A Modern History*. Signal Books, Oxford, 2011.

KAROUBI, Behrouz. "Gender and Translation". 2005. Disponível em <<http://www.translationdirectory.com/article528.htm>> acessado em 11/05/2011.

KATAN, David. *Translating Cultures, an Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. St. Jerome Publishing, Manchester, 1999.

_____. "What is it that's going on here?: Mediating Cultural Frames in Translation", *Textus: Translation Studies Revisited*, XII, 1999a.

LISBOA, Manuel (coord.), BARROSO, Zélia, PATRÍCIO, Joana, LEANDRO, Alexandra. *Violência e Género – Inquérito Nacional sobre a Violência exercida contra Mulheres e Homens*. Col. estudos de género 6, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Lisboa, 2009.

NERCOLINI, Marildo José. "A Questão da tradução cultural". 2005. Disponível em <<http://www.literal.com.br/artigos/a-questao-da-traducao-cultural>> acessado em 22/06/2011.

NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. Pearson Education Limited, Harlow, 2001 (1ª ed., 1988).

_____. *About Translation*. 1991. Disponível em <<http://books.google.pt>> acessado em 25/02/2012.

NIDA, Eugene. *Contexts in Translating*. Col. "Benjamins Translation Library", John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 2001.

PINTO, José Manuel Castro. *Novo Prontuário Ortográfico*. 4ª edição, Plátano Editora, Lisboa, 2003.

- SARAIVA, António José. *O Que é a Cultura*. Gradiva-Publicações, Lda., Lisboa, 2003.
- SIMON, Sherry. *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. Routledge, London, 1996.
- SONTAG, Susan. *Ao Mesmo Tempo*. Quetzal Editores, Lisboa, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Penguin Books, England, 1980 (1ª ed. 1961).
- WINDHAM, Sophie. *ERA UMA VEZ... Os melhores contos para crianças*. Tradução de Isabel Andrade, Editorial Caminho, S.A., Lisboa, 1997.
- Dictionary of English Language and Culture*. Longman, Harlow, 2005.

Referências sitográficas

- <http://dictionary.reverso.net/english-definition>
- <http://en.wikipedia.org>
- <http://www.aresearchguide.com/styleguides.html>
- <http://www.tradulinguas.com/workshops-outros.html>
- <http://www.cig.gov.pt>
- <http://www.amcv.org.pt>
- <http://www.apav.pt/portal>
- <http://escolas.mestreruilacerda.com>
- <http://www.edtl.com.pt>
- <http://www.aboutus.org/Lacaaw.org>

ANEXOS

Parte I

Perda de Inocência

Introdução

Quando somos crianças, ensinam-nos a não confiar em alguns adultos, principalmente desconhecidos. Contudo, também nos ensinam a respeitar os mais velhos e as figuras de autoridade: professores, polícias e qualquer pessoa com mais idade. Por um lado, esta aprendizagem inicial transmite à criança um sentido saudável de precaução. Por outro lado, torna a criança desconfiada em relação às outras pessoas, as mesmas em quem tem que confiar para todas as suas necessidades.

Numa determinada altura do seu crescimento, a criança tem que assimilar esta contradição e aprender a viver com ela. Este momento – por vezes de consciência dolorosa despoletada pela traição de um adulto – é frequentemente vivida ou lembrada mais tarde como perda de inocência.

Muitos adultos ficam com uma enorme (e muitas vezes inconsciente) sensação de culpa e responsabilidade em relação a coisas más que lhes aconteceram quando eram crianças. As mulheres que escreveram as histórias desta secção quebraram o ciclo vicioso da culpa, simplesmente por acreditar que têm o direito de contar aquelas histórias.

Já que muito do que acontece na infância estabelece o quadro de referência para os nossos sentimentos e comportamentos em adultos, torna-se importante refletir sobre a nossa própria infância e as mensagens transmitidas sobre o direito de cuidarmos de nós próprios. Alguns avisos são bons e necessários: “Não abras a porta a desconhecidos.” “Não aceites doces de estranhos.” “Agarra a mão da Mãe ao atravessar a rua.” Outros ensinam-nos a não confiar em nós próprios e nos nossos próprios recursos; ensinam-nos não só que o mundo é perigoso, mas também que não temos condições para nos protegermos dele. Mas por muito que tentem, os pais não conseguem proteger completamente os filhos dos perigos. As crianças vão sozinhas para a escola, entram em contacto com estranhos, veem imagens assustadoras na televisão com as quais terão que lidar o melhor que puderem. Os pais raramente ensinam os filhos sobre o que fazer se alguma coisa má realmente lhes acontecer.

Ensinar-lhe que o único recurso era trancar-se a sete chaves e usar alarmes antirroubo? A sua mãe sentia-se confiante a cuidar dela e de si, ou parecia evidente que apenas o Pai podia proteger a família?

Que situações são particularmente assustadoras para si? Há alturas em que se sente completamente impotente para conseguir ter algum impacto no seu ambiente? Como normalmente se nega às crianças qualquer sentido de poder e controlo sobre as suas próprias vidas, os sentimentos de impotência podem estar diretamente relacionados com o que nos ensinaram em crianças. Compreender a origem dos medos e das limitações é um primeiro passo para os podermos ultrapassar.

O assédio a crianças por adultos conhecidos é muito mais vulgar do que se pensa. Muitas das mulheres nesta secção foram vítimas de abusos sexuais ou atacadas por “amigos” ou membros da família. Um ataque por parte de um familiar íntimo é particularmente devastador. Uma vez que uma criança é frequentemente proibida de rejeitar qualquer carinho de um tio ou avô, pode sentir confusão quando um toque não lhe parecer correto. Mesmo aquelas de nós que aprenderam capacidades importantes sobre como se protegerem de estranhos, nunca lhes disseram que os que estão próximo de nós podem trair a nossa confiança.

Estatísticas atuais indicam que aos dezoito anos, uma em cada três raparigas e um em cada seis rapazes já foram vítimas de abusos sexuais. Os profissionais desta área estão a chegar à conclusão, no entanto, que o número de rapazes a sofrer abusos pode ser muito superior àquele que as estatísticas referem.

O facto de uma criança conseguir ou não falar sobre o que lhe aconteceu depende do ambiente familiar. Se os membros da família expressam e discutem os seus sentimentos de forma construtiva e solidária, será mais fácil para uma criança falar abertamente. Essa capacidade para se falar de sentimentos baseia-se na confiança, porque não nos abrimos com pessoas que achamos que nos poderão trair. Se lhe é difícil falar e expressar os seus sentimentos, pense na sua própria infância: A sua família discutia assuntos à mesa, ou as verdadeiras questões e sentimentos eram evitados? Comiam frente a um televisor ensurdecador? Ou na realidade falavam uns com os outros?

Confia nos seus próprios filhos? Existem muitos casos de abusos a crianças que não são tratados nem detetados, simplesmente porque os adultos não acreditam no

que a criança diz. É necessária imensa coragem para uma criança falar abertamente quando é vítima de abusos. Tem que ultrapassar a própria culpa e o sentimento de estar a trair alguém que ela admira. Existe um mito comum acerca das crianças: que gostam de inventar histórias sobre qualquer coisa. Ao acreditar que a sua criança poderia mentir apenas por mentir, será difícil acreditar nela, se ela for ter consigo e lhe contar histórias difíceis.

É importante dar crédito à criança que existe dentro de si, às capacidades de sobrevivência que aprendeu enquanto criança. Cada uma de nós tem um repertório de recursos único, que é o resultado das nossas experiências. Como adulta, Suzette Garay (“Surda e Não Submissa”) possui uma variedade enorme de capacidades de autodefesa. Desenvolveu os seus recursos como reação aos abusos que sofreu desde os três anos, e ao trauma adicional de ser surda num mundo de ouvintes.

Uma criança astuta é uma criança segura, especialmente numa cidade grande. Jo Kenny (“O Atalho para Casa”) aprende uma das verdades mais difíceis sobre situações de ataque urbano: o grau de violência nas nossas cidades é tão elevado, que muitas pessoas preferem ignorar a ajudar alguém em apuros.

A prevenção de ataques a crianças baseia-se numa crença fundamental: todos os seres humanos, incluindo as crianças, têm o direito de controlar o que acontece ao seu próprio corpo. Se alguma coisa parece não estar bem, deve parar. Quer seja o tio, o homem da loja de brinquedos, ou um desconhecido a acenar num carro, o direito que a criança tem de dizer NÃO é tão inalienável como o direito à habitação, à comida e ao amor.

O Atalho para Casa

Jo Kenny cresceu em Brooklyn, Nova Iorque. Em 1974, apanhou um Expresso, apeou-se em Santa Cruz, Califórnia, onde tem vivido desde então. Atualmente trabalha para uma organização sem fins lucrativos responsável por programas de recuperação de drogas e serviço de aconselhamento a jovens. No seu tempo livre dedica-se a trabalho político comunitário.

“Escolhi deliberadamente não apresentar a minha análise adulta deste ataque. O meu objetivo era contar de forma autêntica o que aconteceu e como me senti, enquanto miúda. Já tinha passado bastante tempo desde a altura em que tinha refletido sobre este ataque e foi difícil admitir que não fui forte ou corajosa mas apenas uma jovem aterrorizada.”

O meu pai disse-me para estar em casa antes de anoitecer. Era fim de semana e eu estava super chateada por ele não me deixar sair até mais tarde. Afinal, tinha catorze anos e era maior do que a minha mãe: media um metro e cinquenta e dois e pesava quarenta e cinco quilos. Para além disso, eu era uma miúda esperta e já estava na escola secundária. Mas se discutisse sabia que iria ficar de castigo, por isso disse que sim.

Quando as luzes da rua se acenderam, lembrei-me que podia arranjar sarilhos com o meu pai, por isso decidi ir para casa por um atalho. As minhas amigas foram comigo até à estrada e a partir dali só tinha que andar mais cinco minutos por entre terrenos baldios e subir uma ruela até casa.

Estava a subir essa rua quando ouvi pés a correr na calçada atrás de mim. Pensei que era o meu irmão. Pareciam os seus sapatos e quem mais poderia estar a tentar alcançar-me? Não tive tempo para pensar melhor. Uma mão tapou-me a boca e vi a luz da rua brilhar numa faca de cozinha de serra quando se dirigia para o meu pescoço. Gelei. Não conseguia acreditar no que estava a acontecer.

Ele começou a puxar-me em direção aos terrenos baldios. Repetia constantemente que só queria saber o meu nome. Fiquei em pânico e implorei-lhe que me soltasse, apesar de saber que ele não conseguia perceber as minhas palavras abafadas. Tentei concentrar-me e pensar numa forma de me soltar, mas era como se o meu cérebro se tivesse dividido em dois e eu estivesse a ter uma discussão comigo. A

voz mais alta dizia “Agora é que estragaste tudo, miúda. Mas onde está aquela força que pensavas que tinhas? Ele não é muito maior do que tu e até parece assustado. E também, será que uma estúpida faca de serra é muito afiada? Faz alguma coisa!” A outra voz dizia “Tá bem, tá bem. Pára de me chatear e cala-te. Não consigo pensar. Eu sei que estou mais assustada do que ele. Está tudo tão sossegado por aqui. Mas onde está toda a gente? Porque é que não aparece ninguém? Que merda, estamos quase nos terrenos baldios. É melhor pensar em alguma coisa.”

Os meus pés recusavam-se a mexer. Inconscientemente, comecei a atirar os braços à volta do corpo e atingi-o nas costelas com o meu cotovelo. Não sei se bati com força, mas ele deixou de me apertar com tanta força. Soltei-me e comecei a correr. Mais ou menos a meio da rua olhei para trás e vi que ele estava mesmo atrás de mim a tentar agarrar-me. Dei um salto para o lado, então gelei novamente e comecei a gritar. Fiquei ali parada e gritei e voltei a gritar. Ele virou-se e correu em direção à escuridão. Sentia os meus gritos atingirem as paredes e voltarem para mim, onda após onda, aumentando cada vez mais. Por fim calei-me quando me apercebi que ninguém me vinha ajudar.

Silêncio. Estava sozinha. Ninguém me tinha ouvido? Deviam ter, mas porque não tinha aparecido ninguém? Comecei a pensar que tinha imaginado tudo. Talvez tivesse ficado ali parada a gritar apenas no meu cérebro. Como num pesadelo quando tento gritar e não sai som nenhum. Tinha que ser isso. Tentei convencer-me a acreditar nisto, mas a minha garganta rouca e o meu corpo a tremer diziam-me que, sim, eu tinha gritado e, sim, as pessoas não tinham acudido.

Não queria continuar a pensar. Tinha que sair dali. Tinha acabado e eu estava bem. Era uma parvoíce estar ali parada a pensar que era uma coisa importante. Afinal, não tinha sido violada nem esfaqueada, por isso estava tudo bem. Certo?

Fui andando pela rua. Ao virar a esquina, a primeira coisa que vi foi o meu pai a despejar o lixo. Parei. Era loucura demais para acreditar. Quase fui violada e gritei que nem doida e o meu próprio pai não acudiu. Pensei que talvez ele não tivesse ouvido. Não podia ter a certeza. Parecia que tinha passado imenso tempo desde que tinha subido a rua da primeira vez, mas pela luz ainda visível no céu, sabia que tinham passado apenas alguns minutos.

Estava chocada, mas ao mesmo tempo a minha forma normal de lidar com os meus pais prevaleceu: se ele não ouviu ou não reconheceu o grito, não tinha que lhe contar o que tinha acontecido. De qualquer forma, a polícia nunca iria apanhar o tipo e a única maneira dos meus pais me protegerem seria manterem-me em casa à noite. Essa era a última coisa que eu queria.

Tendo assim decidido, fui andando até casa, disse olá ao meu pai e fui logo para o meu quarto. Fiquei contente por as minhas irmãs não estarem lá, sabia que a minha calma era apenas fachada pouco resistente. Sentei-me e fiquei a olhar o vazio. A minha mente não parava de pensar “Não foi nada. Esquece,” ou “Pensa lá. O que significa isto?”

Cerca de cinco minutos mais tarde, recebi um telefonema. Não queria descer, não queria ter pessoas à minha volta. Mas fui na mesma; a minha mãe ficaria a saber que se passava alguma coisa se eu não quisesse falar ao telefone. Felizmente, ninguém estava na cozinha, por isso pelo menos tive alguma privacidade.

Fiquei surpreendida quando ouvi a voz da Patty. Tinha oito anos e vivia do outro lado da rua. Disse-me que tinha acabado de vir da casa da amiga Kathleen, de onde se via a ruela. Tinham estado ambas à janela e tinham visto tudo. A Patty pensou que eu poderia estar em apuros, mas a Kathleen disse para não dizer nada porque não queria chatear a avó. Comecei a ficar zangada. Primeiro o meu pai e agora a Patty. O que se estava a passar? O meu mundo parecia estar a desmoronar. Perguntei à Patty se sabia o que queria dizer “violação”. Não sabia, então disse-lhe para perguntar à mãe e depois decidir se teria valido a pena chatear a avó da Kathleen.

Passei aquela noite sem saber bem como. Fiquei à espera que as minhas irmãs adormecessem e então enfiei a cabeça na almofada e chorei e voltei a chorar.

Nunca mais fui pelos terrenos baldios depois de escurecer. E durante algum tempo não ia para casa sozinha. Mesmo que tivesse que percorrer apenas meio quarteirão sozinha, corria todo o caminho. Mas isso não durou muito tempo, e conforme se ia desvanecendo a minha memória daquela noite, regressava grande parte da minha antiga confiança. No entanto, só passados muitos anos aprendi novamente a acreditar que, se precisasse, as pessoas iriam aparecer para me ajudar.

Surda e Não Submissa

Suzette V. Garay tem uma incapacidade auditiva de 110 decibéis, o que indica surdez profunda, contudo tem uma capacidade para falar pouco habitual. É extremamente perspicaz, excelente a ler os lábios, e usa um aparelho de audição especial para modular o seu discurso. Recentemente aprendeu por si própria língua gestual.

Atualmente está a trabalhar na sua autobiografia e estuda psicologia na Universidade da Califórnia.

“Nasci completamente surda, e até aos treze anos ninguém descobriu, nem eu própria. Quando tinha dois anos e meio fui retirada da minha família pelos serviços sociais, porque a minha mãe não tomava conta de mim como devia. A partir daí, estive em vários abrigos e instituições para órfãos e casas de acolhimento.”

De acordo com o referido em entrevista às responsáveis por esta antologia: tinha dezassete anos, era finalista do secundário e estava à espera do autocarro para casa, depois da escola. Por ser surda, não me apercebi de que um homem se aproximava de mim por trás, por isso não tive forma de me preparar, apesar de ter aprendido autodefesa. Sou quase cinturão negro em karaté, logo sinto-me bastante segura das minhas capacidades.

Nunca me tinha ocorrido que a minha surdez pudesse dificultar a minha autodefesa. Quando o homem chegou ao pé de mim e pôs a mão no meu ombro, pensei que talvez fosse alguém a perguntar as horas. Muitas vezes as pessoas perguntam-me que horas são, e se eu não as vir, tocam-me e perguntam – Que horas são? Quando me virei, reconheci o homem que me tinha violado há três anos. O meu primeiro pensamento foi “Não sei o que vou fazer.” Fiquei mesmo assustada.

Lembrei-me de como tinha sido violada por ele três anos antes. Tudo começou a surgir novamente.

– Olá. Já há muito tempo que não te via – disse ele. Estava a ser simpático porque nunca lhe tinha dado a entender que o que me tinha feito era errado. Na altura, nem eu própria tinha consciência de que era errado. Bem, já que nunca o tinha

confrontado, acho que ele não tinha razões para se sentir pouco à vontade, e provavelmente deduziu que se conseguiria safar novamente.

Sabia que tinha que fazer alguma coisa, alguma coisa rapidamente. Sabia que não conseguia correr para fugir bem depressa. Não queria fazer nada que o assustasse, ou que ele sentisse necessidade de me agarrar com mais força, porque ainda tinha a mão no meu ombro.

Então surgiu-me uma ideia. Do outro lado da rua estava a aparecer outro homem, e eu pensei, “bem, eu podia gritar e pedir ajuda àquele homem”, mas queria agir de forma bem fixe. Por isso fingi que o homem do outro lado da rua era o meu pai. – Eh, Pai! Eh, Pai, espere! Eh, Pai! – Gritei. O atacante começou a ficar realmente perturbado, e o outro homem virou-se e eu continuei a dizer – Olhe, Pai, esqueci-me de lhe dizer uma coisa, gostava de lhe apresentar o meu amigo. Então o atacante deixou de me agarrar o ombro, e eu atravessei a rua apressada e continuei – Eh, Pai, esqueci-me, esqueci-me. Continuei a falar com aquele estranho que nem sequer conhecia, e este homem olhava para mim completamente confuso e eu estava a pensar, “Fique quieto, não se mexa, espere até eu chegar aí”. Lembro-me que o atacante desapareceu e eu cheguei ao pé do outro homem e disse – Oh, desculpe, pensava que era o meu pai.

Estava mesmo chateada com tudo o que tinha acontecido, por isso corri, e não podia ligar aos meus pais porque sou surda, por isso a única coisa que podia fazer era apanhar um autocarro que me levasse ao outro lado de Santa Cruz. Senti que se fosse para outra paragem de autocarro do outro lado da rua ou na zona, ele poderia agarrar-me outra vez. Por isso apanhei um autocarro que atravessou a cidade, e daí apanhei um autocarro para casa.

Achei que aquilo que tinha feito era uma boa estratégia tendo em conta a minha surdez. Se houver pessoas por perto, posso usar aquela estratégia novamente. Esta situação tornou-me mais consciente do facto de que qualquer pessoa se pode aproximar por trás sem eu me aperceber, por isso agora estou mais alerta em relação às coisas que acontecem atrás de mim. Evito ficar muito tempo numa determinada posição, porque sei que se estou na rua sozinha, especialmente à noite, só posso contar com a minha visão para me preparar para outro incidente.

Aos nove anos, aprendi um pouco de karaté. Frequentei um programa de dois anos num dos melhores sítios em *Chinatown*, em São Francisco. Estive em várias situações onde tive que usar as minhas capacidades. Não estava apenas preocupada com a defesa física, mas também com a defesa *mental*. Por vezes fui bem sucedida, outras vezes fui derrotada. Aprendi com todas as situações e sabia que a próxima situação poderia ser como uma anterior. Mas nada está garantido. Não vale a pena passar meses a praticar uma determinada defesa, porque quando se está realmente na situação, é uma história completamente diferente.

Apesar de ter sido violada, o meu corpo não ficou afetado e eu estou viva. Chamo a isso ter sucesso.

Outra história: Um verão a minha família de acolhimento mandou-me para um campo de férias em Napa Valley. Era um daqueles lugares em que há imensos monitores jovens e andam todos atrás uns dos outros. Esta questão sexual acontece e todos os miúdos mais novos espreitam os seus monitores.

Havia um monitor, o Joel, que era muito perigoso. Tinha reputação de ser tarado, estava sempre a falar de sexo e a ler revistas porcas. Na altura eu tinha à volta de oito anos, e porque era surda, nunca ouvia as histórias sobre ele. Quando tinha oito anos, as pessoas não sabiam que eu era surda e eu também não. Principalmente porque falava tão bem, e achava que todas as pessoas faziam o mesmo que eu – liam os lábios – porque não se consegue ver a audição.

Um dia, ele estava a supervisionar alguns de nós miúdos junto ao lago. Estava a chamar todos os miúdos, para regressarem ao acampamento e se prepararem para jantar. Eu estava a pescar e pensei, “oh, já deve ser tarde”, então agarrei na minha cana de pesca e no peixe grandinho que tinha apanhado. Mal podia esperar para regressar ao acampamento para mostrar que conseguia realmente pescar.

Enquanto caminhava ao longo do lago, lembrei-me que tinha deixado algumas pedras que tinha encontrado no cimo da rocha onde tinha estado a pescar. Por esta altura, os miúdos já tinham ido para o acampamento, e o Joel voltou ao lago para se certificar de que nenhum tinha ficado para trás. Viu-me, mas não pensei que alguma coisa estivesse errada.

Eu estava com medo de colocar a cana de pesca no chão porque tinha receio que o peixe fugisse, por isso tinha a coisa enrolada à mão. Enquanto nadava até à rocha para ir buscar as minhas pedras, o peixe soltou-se. Ficou a flutuar na água. E eu estava assustada, não queria tocar-lhe, não queria apanhá-lo, por isso nadei novamente para o sítio onde eu deveria estar, e o Joel disse – Vá, vai lá para dentro e traz lá o peixe, traz já o peixe. E eu fiquei com medo. Ele ficou mesmo violento, agarrou-me e abanou-me ao mesmo tempo que ia dizendo palavrões e disse – Vai já buscar a merda do peixe ou mato-te aqui mesmo.

Estava espantada por aquele tipo estar a ameaçar-me de morte por eu não querer trazer o peixe. Com oito anos, isso perturbou-me e comecei a chorar. Então disse – Tá bem, tá bem – e entrei dentro de água, até chegar aos joelhos, e sabia que não o conseguia fazer, eu não queria tocar naquele peixe. Então ele veio ter comigo e começou a afogar-me, e a primeira coisa que percebi foi que ele não estava a brincar, era a sério.

la-me empurrando a cabeça para dentro de água, e eu pensei que ia morrer. Fisicamente tentei usar as minhas defesas, mas este homem era três vezes maior do que eu, e eu tinha apenas oito anos, por isso não havia mesmo forma de, fisicamente, eu me poder defender. Por isso tentei endireitar-me e dizer alguma coisa que o pudesse afastar de mim – Prometo que faço tudo o que quiseres, mas por favor não me obrigues a ir buscar aquele peixe. – Vem ter aqui comigo logo à noite – disse ele. E claro que eu sabia pelo passado que quando eles dizem encontra-te aqui comigo, ou encontra-te ali comigo, sabia o que ia acontecer. Por isso respondi – Claro. E estou a pensar que vou ao acampamento dizer a um dos monitores que ele vai tentar fazer-me mal.

Mas não tinha a certeza se ia contar. Noutras alturas em que tinha contado sobre ter sido molestada, as pessoas não tinham acreditado. Sabia também que aquele tipo era bastante violento, e se não fizesse o que ele queria, era provável que me apanhasse da próxima vez. Então prometi-lhe que lá estaria e às sete horas apareci no lago e lá estava ele.

Antes de ir, contei a uma das minhas monitoras preferidas o que tinha acontecido e o que ia acontecer. Nós éramos muito próximas, tinha-lhe contado sobre

ter sido molestada no passado e ela tinha acreditado. E já há muito tempo que queria expulsar o Joel.

Então encontrei-me com ele lá em baixo às sete em ponto e agi como se nada estivesse a acontecer. – Vem cá, quero que te sentes atrás de mim – disse ele. E mostrou-me livros nojentos, com imagens mesmo violentas. Fiquei assustada. Tive medo que a monitora não acreditasse em mim e que não aparecesse ninguém.

Estávamos a observar os livros e eu a tentar ganhar tempo ia dizendo – Pois é, é interessante. E para empatar, dizia – Bem, eu nunca fiz desta forma, tu já? Ia falando disto e daquilo tentando ganhar tempo. – Vem cá – diz ele. Põe o braço à minha volta e começa a beijar-me e eu vou conseguindo lidar com isso. – Agora despe-te – continua ele. – Agora? – Pergunto. – Está frio aqui. Porque não fazemos durante o dia, é melhor. Mas mesmo quando começava a despir-me, os diretores e os monitores chegaram e ele foi expulso do campo.

Nunca soube o que aconteceu depois, porque eu também fui enviada para casa, e fiquei mesmo chateada porque gostava do campo de férias. Também me senti em parte culpada pelo que tinha acontecido. Agora começo a perceber que a maior parte das coisas que me aconteceram não foram culpa minha.

Fui criada em muitas instituições e abrigos. Muitas crianças são negligenciadas, e as pessoas não dão atenção às crianças que podem ter algum tipo de problema físico ou mental. Estão demasiado ocupadas com milhares de crianças e coisas importantes e não têm tempo para se concentrar em cada indivíduo. Para mim, aqueles treze anos da minha vida foram um período realmente emotivo, porque houve muitas, muitas vezes, em que deveriam ter reparado que eu tinha uma incapacidade. Mas porque essas vezes não aconteceram em série, sempre pareceu que eu não estava a prestar atenção – que não me preocupava, ou não estava a cooperar.

Um dia, estava a vir da escola para casa e vinha pela rua a dar pontapés numa lata. Por acaso uma vizinha viu-me, vinha de carro e ficou mesmo atrás de mim. Tocou a buzina, e continuou a tocar ao longo de cerca de um quarteirão. Eu continuava a dar pontapés na lata e ela encostou e chamou pelo meu nome, depois correu e agarrou-me. Mais tarde falou com a minha família de acolhimento e disse-lhes que eu devia ter um problema auditivo.

Naquela época, quando se fazia um teste auditivo era num autocarro, e todos os miúdos pequenos usavam auscultadores. Era suposto levantar-se a mão sempre que se ouvia o som. Ora, lembrem-se de como sou bastante perspicaz e fico a pensar, isto é um jogo: quem consegue levantar a mão mais depressa. Então aqui estou eu a levantar a mão, a brincar durante o teste. Parvoíce. Então eles pensam que me estou a armar em parva ou sou uma miúda rebelde, não sou cooperante, e tive que fazer o teste todos os dias durante três meses.

Primeiro pensei que devia contar até dez e levantar a mão sempre que chegasse ao dez, mas isso não resultou. Depois descobri outra forma de fazer batota. A única forma que eles têm de saber se se está a levantar a mão é olhar para nós, então concluí que era uma espécie de olhos nos olhos. Quando a técnica olhava para mim, acenava com a cabeça, então eu sabia que quando ela mexia a cabeça, estava a girar o botão, e mesmo antes de virar a cabeça para olhar para mim, eu levantava a mão. Depois disso não tive que fazer mais nenhum teste.

Só mais tarde fui a uma clínica para fazer um teste auditivo. Fiquei sozinha numa divisão, e a janela era escura por isso não se consegue ver o que as pessoas estão a fazer. Ficaram completamente chocados quando descobriram. Disseram, bem, talvez ela ouvisse perfeitamente quando era pequena e perdeu essa capacidade agora com esta idade. Mas fizeram raios X e uma TAC ao cérebro e descobriram que os meus nervos nunca desenvolveram, o que significa que nasci completamente surda.

Tenho sofrido bastante. Tenho muitos amigos que ficam espantados com aquilo por que tenho passado. Sou uma lutadora e uma sobrevivente e tenho muito ainda para mostrar. Eu costumo dizer, todas as pessoas têm uma forma diferente de lidar com uma situação, mas sei que desistir e deixá-la arruinar a nossa vida não é a solução. Quanto mais lido com dificuldades, mais forte fico e posso ajudar melhor os outros que ainda não são capazes de o fazer.

Parte II

O Poder da Voz

Introdução

A voz é uma arma poderosa, não só quando as palavras são ditas, mas quando toda a força da vontade e a intensidade do som se juntam para repelir o atacante. A voz tem uma inteligência própria que surpreende frequentemente mesmo a mulher que a possui. Muitas mulheres sonham não ser capazes de gritar, no entanto, quando atacadas descobrem uma voz que não pensavam conseguir utilizar. Um dos melhores conselhos dado às mulheres pela polícia é fazer muito barulho. Os cursos de autodefesa incluem frequentemente o ensino e a prática sobre a forma de gritar como uma *banshee*.¹

Uma autodefesa verbal eficiente consiste em saber o que se quer numa determinada situação e expressá-lo o mais claramente possível, por vezes repetidamente, até que a mensagem seja entendida ou o atacante se aborreça. Em “Como um Disco Riscado”, Stella Moreno dá-nos um dos melhores exemplos da técnica do disco riscado, um exercício prático ensinado com frequência em cursos sobre assertividade.

Por vezes, a autodefesa verbal pode ser confusa porque a mulher tem desejos contraditórios. Isto torna-se bastante problemático em situações com um atacante conhecido, que pode até ser o companheiro atual ou um antigo, ou alguém por quem a mulher se sente atraída. Pode sentir-se insegura sobre se quer um envolvimento sexual, mas com toda a certeza não quer ser obrigada a tal. Estas situações ambíguas podem também fazer com que posteriormente a mulher se sinta particularmente culpada. Pode autocriticar-se por ter contribuído para o ataque, simplesmente porque tinha desejos sexuais na altura.

Existem outras estratégias verbais, por exemplo: agir como se fosse doida, ser criativa ou usar o humor. Apesar de um ataque ser uma situação séria, quem disse que a autodefesa não pode ser divertida? O humor pode ser uma das ferramentas mais eficientes ao dispor da mulher, porque tende a desarmar o atacante que espera uma vítima passiva e amedrontada. Se uma mulher conseguir contar uma piada enquanto

¹ O termo tem origem no irlandês arcaico e significa "fada mulher". O gemido de uma *banshee* é um som especialmente triste e melancólico como o uivo do vento. Tem o tom da voz humana e é audível a grande distância. (informação disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Banshee>, acedido em 06/07/2011).

está a ser ameaçada, isso significa que já rejeitou o papel de vítima. As vítimas não contam piadas – ficam petrificadas devido ao medo. Ao descobrir humor numa situação potencialmente grave, a mulher mostra ao seu atacante que é uma pessoa com perspicácia, inteligência e coragem para se defender por si própria. Isto também surpreende muitos candidatos a violadores, uma vez que a mulher deixa de ser um recetáculo sem rosto das suas fantasias, mas uma mulher adulta real que tem algo a dizer sobre ela própria.

Em muitos ataques verbais, o atacante segue um “guião”. “Não a conheço de algum lado?” ou “Olá, querida!” são exemplos de frases introdutórias. Fazer uma piada ou uma observação inteligente pode desestabilizar esse guião. Kikanza Nuri Robins revela isso claramente em “O Que a Mãe me Ensinou”, quando ela e a amiga são assediadas num bar.

A estratégia verbal que está frequentemente associada à violação é o implorar, que pode ser uma forma previsível, e por isso, menos eficiente de controlar um ataque. Se o atacante quer intimidar ou assustar a mulher, ao ouvir as suas súplicas sentir-se-á satisfeito. Na realidade, na investigação que desenvolveu sobre mulheres que escapam à violação, a Dra. Pauline Bart descobriu que a súplica estava ligada à concretização da violação e não ao seu impedimento.

Uma estratégia verbal é dizer “Não!” quando não queremos alguma coisa, e não desistir dessa convicção, não apenas em situações de ataque, mas na nossa prática diária.

Um grito cumpre dois objetivos: assustamos o atacante e libertamo-nos da inércia causada pelo medo, ao fazer com que os pulmões trabalhem durante a expiração. Em Japonês, utiliza-se a palavra *kiai*, que significa literalmente a libertação do espírito. Esta é também a palavra que identifica o conhecido grito do judo ou karaté.

Gritar pode também chamar a atenção e, ocasionalmente, até alguma ajuda. Muitas mulheres foram aconselhadas a gritar “Fogo!” em vez de “Socorro!”. Isto pode ajudar num edifício, onde as pessoas estarão provavelmente dispostas a ajudar, se sentirem que também estão em perigo. Gritar “Fogo!” pode não ser tão útil em campo aberto ou na rua. Gritar no exterior requer persistência se queremos mesmo atrair ajuda. No mínimo, são necessários três gritos prolongados, para avisar as pessoas de

que alguma coisa se está a passar, dar-lhes tempo para sair de casa e ajudá-las a descobrir onde nos encontramos. Em “Sair Sozinha à Noite”, Linda Forest utiliza o poder vocal para exprimir como se sente em relação ao ataque, e durante o processo atrai alguns reforços.

Uma última observação: gritar de forma estridente pode não parecer que a situação é grave e pode irritar a garganta. Um som mais baixo liberta mais ar e poderá assim rugir como uma leoa de forma muito pouco civilizada. Poucos atacantes têm vontade de se meter com uma mulher que faz muito barulho.

Sair Sozinha à Noite

Linda Forest nasceu em Bristol, Pensilvânia, em 1955, a mais nova de três irmãs. Tirou o mestrado em aconselhamento e relações humanas e agora é supervisora numa agência que presta serviço social na área suburbana de Filadélfia.

“Fico furiosa por nós mulheres nos sentirmos vulneráveis na nossa sociedade, mas não permito que a minha raiva e frustração me façam agir sem cuidado ou estupidamente, em vez disso, fornecem-me mais energia construtiva. Também me inspiram a partilhar a minha história com outras mulheres na esperança de que lhes possa transmitir força e coragem.”

Era inverno. Naquela noite de sábado, o *campus* universitário da Penn State fervilhava de atividade. Alguns estudantes saíam dos seus dormitórios e dirigiam-se para a cidade, onde, no fim de semana, aconteciam a maior parte dos divertimentos. Outro grupo bastante grande entrava e saía de edifícios do *campus*, onde, em qualquer noite, eram projetados dois filmes. Um terceiro grupo, mais pequeno, dirigia-se para a biblioteca do *campus* para uma noite talvez menos agradável mas mais produtiva.

Eu morava na via principal da cidade, do outro lado da rua que circundava o *campus*. Como não tinha nada para fazer naquela noite, decidi ir ver “Uma Noite na Ópera”, um dos poucos filmes dos Irmãos Marx que ainda não tinha visto. Ia ser exibido na residência de estudantes mais próxima do meu apartamento. Decidi ir à sessão das oito, assim, quando o filme acabasse, ainda estariam por lá muitos estudantes.

Bill, o meu companheiro, era *disc jockey* na estação de rádio do *campus*. Como ele estava a trabalhar nessa noite, pensei que, depois do filme, poderia ir ter com ele e esperar que o seu programa de rock alternativo acabasse. Nunca tinha ido ao cinema ou a outro lugar qualquer sozinha à noite, mas queria muito fazer qualquer coisa.

Bill e eu tínhamos discutido a minha saída para ver o filme e depois ir sozinha para o edifício onde ele trabalhava. Ele estava muito preocupado. Mantive a minha posição, expliquei-lhe que o percurso era pequeno, que deveria haver pessoas passeando pelo *campus*, e que andaria sempre por zonas bem iluminadas. Finalmente cedeu à minha insistência e concordou que não iria haver problema.

Para ficar mais seguro, sugeri que eu levasse o bastão de madeira, parecido com um cassetete, que o pai dele tinha feito para me defender. Ri-me para mim própria e disse-lhe que a sua sugestão era absurda. Devido à sua persistência, acabei por concordar.

Nessa noite, já no *campus*, tentei manter-me junto de grupos de estudantes até entrar para o edifício onde seria projetado o filme. Andar sozinha à noite era uma experiência bastante invulgar para mim, no entanto sentia-me bem. Estava cansada de me sentir paranoica em relação aos outros. Estava farta de me sentir vulnerável e de condicionar as minhas atividades por ser mulher. Sentia-me verdadeiramente oprimida. O facto de ter sido bem sucedida até ao filme, fez-me sentir realizada.

O filme ainda foi melhor do que tinha imaginado. Quando saí da sala, sorri para mim própria, ao lembrar a minha cena preferida, em que todos os passageiros do navio ficam apinhados num compartimento minúsculo. Estava ansiosa por ver o Bill. Sem sombra de dúvida, iríamos passar o tempo entre as suas apresentações de canções, a repetir frases hilariantes e a imitar os maneirismos de Harpo.

Apressei o passo através do ar frio cortante. Felizmente tinha vestido os *collants* novos, a *parka*, as jardineiras e a minha camisa de flanela mais grossa. Coloquei o capuz porque o ar feria os meus ouvidos. Do outro lado da rua, caminhava pelo passeio um jovem franzino, ao qual dei pouca importância. Atravessei a rua e virei a esquina.

Finalmente, cheguei à zona central. Eu adorava esta parte do *campus*, com a via pedonal ladeada de árvores. Ao olhar para as árvores sem folhas mas ainda belas, reparei que o céu estava limpo. A Ursa Menor cintilava lá em cima. Ao aproximar-me do edifício em que o Bill trabalhava, olhei e vi uma janela iluminada. Ele estava naquela divisão e eu estava feliz por ter chegado em segurança.

Naquele momento, senti alguém atirar-se para as minhas costas e tapar-me a boca com a mão. Engasguei-me e mordi os seus dedos. A mão desceu para o meu pescoço. Antes que pudesse pensar, soltei um grito arrepiante – SAI DE CIMA DE MIM, SEU FILHO DA PUTA! O volume da minha voz surpreendeu-me. O Bill estava tão próximo, mas não veio ajudar-me. – SOCORRO! SOCORRO! – gritei novamente. Porque não me ouvia o Bill?

Depois do meu segundo grito, a mão libertou a minha garganta. Apertei com mais força o bastão no meu bolso, que mantive agarrado durante todo o percurso. O corpo continuava colado às minhas costas, então com os cotovelos agredi-o no estômago. Gritei

novamente e vi dois homens a correr para me ajudar. Conforme o homem por trás de mim me soltou, comecei a bater-lhe com o bastão.

Os dois homens aproximaram-se e eu apontei para a figura que corria e que antes apertava o meu corpo. O pensamento fez-me estremecer de repulsa. Olhei para o atacante que fugia. Era o mesmo homem que me estava a observar do outro lado da rua quando eu saía do filme.

Os homens perseguiram-no mas ele já se encontrava muito longe e finalmente desistiram. Entretanto duas mulheres apareceram e contei-lhes o que tinha acontecido. Insistiram em me acompanhar até ao edifício. Tentei a porta da frente, estava trancada. Fui ver a porta lateral e também estava trancada. Como podia o Bill fazer-me isto? Comecei a chorar compulsivamente. As mulheres levaram-me para o seu apartamento. De lá liguei ao Bill. Chegou passados cinco minutos.

Quando regressávamos à estação de rádio, as minhas lágrimas transformaram-se em raiva. Porque tinha ficado trancada do lado de fora? Porque não tinha ouvido os meus gritos? Respondeu que tinha estado numa cabina à prova de som. Obrigou-me a telefonar à polícia do *campus*, eu não tinha vontade de o fazer. Encontraram-se connosco na estação e contei-lhes o que tinha acontecido. Logo que saíram, vi o meu namorado, uma pessoa amável e pacifista, transformar-se num homem violento desejoso de vingança. – Se voltares a ver aquele filho da puta, diz-me onde está que eu mato-o – disse.

Chegámos finalmente a casa. Nessa noite não consegui dormir. Nem acreditava como tinha estado tão próxima de... de quê? De ser violada ou agredida ou morta? A minha imaginação corria veloz. O Bill acariciou-me a face e aquele toque fez-me estremecer. Seria possível voltar a sentir prazer ao ser acariciada? E se tivesse sido violada? Como poderia voltar a estar fisicamente próxima de alguém?

Recuperei deste episódio rapidamente, sentindo-me uma felizarda, não só por não ter ficado gravemente afetada física ou emocionalmente, mas também porque me apercebi da forma como reagia a um ataque. Apesar da experiência me ter ensinado a ser extremamente cuidadosa, sei agora como iria reagir se isto acontecesse novamente. Iria gritar o mais alto que pudesse. E voltaria a lutar como uma leoa.

Como um Disco Riscado

Stella Moreno é a segunda de cinco filhas de uma família oriunda da América Latina, nascida em Fresno, Califórnia. É educadora de infância e há dez anos que está ligada à educação.

“Cresci numa família em que a mãe tinha mais autoridade. Na minha família, as filhas – incluindo eu – seguiram a faceta independente da minha mãe: aquela parte teimosa e forte.

Em famílias de origem hispânica, pode parecer que o pai tem a última palavra, mas é a mãe que manda de forma velada. Mas quando olho para os meus primos, a ética machista está lá sem sombra de dúvida. Quando se trata de conversas entre a família, dão-lhes mais atenção do que às mulheres na nossa família.

É muito difícil defendermo-nos. À medida que crescemos vamos aprendendo a cuidar de todos, exceto de nós próprias.”

De acordo com o referido em entrevista às responsáveis por esta antologia: eu fazia parte de um grupo que organizava um retiro. Sete de nós já tinham ido à frente para abrir as instalações e prepará-las para as alunas do secundário que vinham para cá. Estava a escurecer e tinha acabado de varrer e arrumar algumas coisas nos dormitórios onde elas iam dormir. Um dos padres da igreja que dirigia estas instalações chegou para nos dar as chaves e trouxe com ele um ajudante.

Fui às casas de banho que se encontravam por trás do edifício principal. Estava numa cabine do meio e ouvi alguém entrar, e pensei “oh, alguém entrou para ir à casa de banho”. Então os passos pararam e a pessoa não entrou em nenhuma das cabines.

Ouvi respirar, mas ninguém se mexeu, ninguém disse nada e por fim eu disse – Quem está aí? Está aí alguém? – Ninguém respondeu, e pensei “Bem, está ali alguém”.

– Eu sei que está aí – disse eu. – Estou a ouvi-lo. A pessoa deu um passo e continuou parada a respirar, e pensei “Bem, está aqui alguém e não diz nada, e estou aqui dentro e eles estão lá fora, agora o que vou fazer?”

– Estás com medo? – Disse uma voz masculina.

Pensei um segundo e disse – Deveria estar?

– Estás? – Perguntou a voz.

– Bem, não, a menos que, não sei, tenho motivos para estar?

Nesta altura, chego à conclusão que tenho mesmo que sair daqui, vou puxar o autoclismo e sair da cabine, e não sei o que vou ver ou quem vou ver ou o que vai acontecer. É isso mesmo, estava assustada. Pensei que ele estava lá para me violar, foi o meu primeiro pensamento, a violação, cá vamos nós, é isso mesmo. Ninguém por perto, estava escuro, sabia que era a única naquela parte do retiro. E pensei “acho que vou ter que lutar”.

Não podia prever o que se ia passar. Todas estas coisas passavam pela minha cabeça: violência, como é que me vou defender, qual será o tamanho da pessoa para conseguir fugir dela, será que corro suficientemente rápido, poderia derrotá-lo? – Estão a ver, este tipo de coisas.

Então puxei o autoclismo e saí da cabine e o tipo olha para mim. Era o “ajudante” do padre.

– Então? Estás com medo?

– Não, tenho coisas para fazer e você está no sítio errado. Aqui é a casa de banho das mulheres.

Ele olhou para mim e começou a rir.

– Por isso tem que sair, aqui é a casa de banho das mulheres.

Nesta altura, estou a lavar as mãos, calmamente, como se não estivesse assustada. Estou a tremer por dentro, mas a agir calmamente. Continuo a lavar as mãos e ele vem na minha direção.

Olho-o nos olhos. – Você está no sítio errado, aqui é a casa de banho das mulheres e tem que sair.

Continuei a repetir a mesma coisa, como um disco riscado. Era um tom monocórdico, eu estava monocórdica. Era uma mensagem clara, direta, sem emoção. Acreditava no que dizia. Sei que funciona com crianças, especialmente miúdos que estão a pisar o risco e a chatear. Mantemo-nos firmes e como um disco riscado, insensíveis, sem emoção. O tom de voz é muito importante.

Empurrei-o para o lado, passei por ele e saí. Ele estava a rir e de repente saiu. Fui logo ter com as minhas amigas e depois fui falar com o padre e disse – Olhe, este tipo que o senhor trouxe, isto foi o que aconteceu, leve-o daqui, porque não o quero perto destas miúdas nem perto de nós. Leve-o daqui! E levaram-no.

Houve um momento durante a confrontação com o homem, em que houve um impasse, um momento em que senti, é agora ou nunca. Foi quando estava a lavar as mãos, parada a olhar para ele e ele a olhar para mim. Senti que ele também se estava a decidir, e pensei que devia ser corajosa e agir como se aquele fosse o meu lugar e dominasse a situação. Saí e ele desapareceu.

Esta experiência tornou-me mais cuidadosa, agora aviso onde estou, especialmente em sítios que não conheço. No retiro ninguém sabia onde me encontrava. Nunca pensei dizer – Vou para ali, não está lá ninguém, vou lá estar sozinha, alguém deve ir lá ver como estou às tantas e tantas horas. Agora penso que é importante combinar uma hora para se ir verificar, para que exista uma forma organizada de cuidarmos umas das outras quando estamos num sítio distante.

Agora sinto um certo medo, o que me torna mais autoprotetora. Faço questão de que as pessoas saibam o que vou fazer, quando e onde. Continuo a andar sozinha, não fujo da aventura como resultado do medo, mas sou mais cuidadosa e previdente.

O Que a Mãe Me Ensinou

Kikanza Nuri Robins vive no Sul da Califórnia, onde dirige o seu próprio negócio.

“Se vai viver e crescer neste mundo, vai estar permanentemente a lutar para vencer batalhas. Pelo facto de ser negra e mulher tive que lutar contra o racismo e o sexismo. Por ser feminista tive que travar batalhas para afirmar o meu novo eu perante os medos, preconceitos e valores do meu eu antigo. Para mim isso faz a diferença entre sobreviver e vencer uma batalha. Quando reajo a uma crise com o meu eu melhor, sinto que venci a batalha.

Se, contudo, não venço de acordo com este padrão, mas modifico o meu comportamento para obter uma reação futura mais forte, então sobrevivi. Fico orgulhosa por me ter defendido e sinto-me com sorte e aliviada por ter sobrevivido. Quando venço, sinto-me por vezes um pouco surpreendida, mas sem dúvida vitoriosa.”

Sair para tomar uma bebida era uma atividade relativamente nova para mim, por isso, não levei muito tempo a escolher o local. A Victoria e eu tínhamos acabado de gravar um *talk show* para a televisão. O tópico era “Ter ou Não Ter”; as crianças eram o assunto. Nós representávamos o grupo de mulheres de cor sem filhos. Tínhamos acabado de nos conhecer no programa e decidimos ir a um dos meus restaurantes preferidos para uma bebida e conversar. Aprendi uma lição nessa noite sobre restaurantes e bares.

O restaurante era acolhedor, tinha boa comida e bom serviço. Deduzi que o bar tivesse a mesma atmosfera. Como estava errada! O bar era um “mercado de encontros” – apinhado de pessoas à procura de outras enquanto tentavam arduamente parecer à vontade e disponíveis ao mesmo tempo. Quando chegámos começou a chover. Como a Victoria tinha um encontro mais tarde e não nos lembrávamos de outro sítio perto, decidimos ficar.

Pouco tempo depois de nos termos instalado, um dos clientes habituais veio cumprimentar-nos. Ora bem, um dos meus maiores problemas em interações sociais deste tipo prende-se com o facto de a minha mãe me ter incutido a necessidade de ser uma senhora em qualquer ocasião. As senhoras são educadas. Falam sempre que lhes dirigem a palavra. E não levantam nem os braços nem a voz em público. Pelo

contrário, a lição que a Victoria aprendeu com a mãe foi não falar com estranhos. Enquanto a Victoria e eu falávamos, o intruso estendeu-lhe a mão. Ela olhou para ele como se estivesse a contagiá-la com uma doença. Quando lhe perguntou o nome, ela respondeu friamente “Lisa”.

Não sei porque tenho de ser tão educada. Provavelmente porque presumo que as pessoas vão agir de forma correta, especialmente em público. Essa foi a segunda lição que aprendi nessa noite. Em público, nem todas as pessoas sabem como se comportar. Apertei a mão que me foi estendida, mas afastei-me do beijo que me oferecia com o aperto de mão.

– Acabámos de nos encontrar. Não me conhece o suficiente para me beijar – foi a minha explicação. Terceira lição: não devemos explicações a parvos.

– Estava apenas a tentar ser cavalheiro.

– Então seja um cavalheiro, e vá-se embora.

– Que maneiras são essas de falar, miúda? Porque será que sempre que me tratam por “miúda” me estão a ofender?

– É a forma que tenho de falar quando estou a tentar ter uma conversa privada.

Nesta altura a Victoria e eu decidimos tentar a estratégia do “invisível”. Ignorando-o, mergulhámos novamente na nossa conversa sobre relações interraciais.

O Sr. Invisível continuava de pé junto à nossa mesa, confiante. – A minha mãe deixa-me beijá-la – anunciou, enquanto se atravessava à nossa frente para ir buscar o cinzeiro da nossa mesa para perto dele.

– Olha meu, eu não sou a tua mãe. O meu tom de voz e a mudança de registo indicavam que se estivesse de pé, teria as mãos na anca. Esta mudança de tática colocou o homem na defensiva. Sabia que era melhor jogar agora a sua melhor cartada, porque não podia prever o que se iria passar em seguida.

O tipo pôs o dedo no meu rosto. E agitou-o. Isso era o mesmo que dizer – O que se passa contigo, puta? Abriu a boca para fazer uma observação, mas eu adiantei-me.

Bati com o punho e endireitei-me como foi possível naquele espaço, alinhei o meu nariz com o dele, e disse alto e bom som com todas as letras – Filho da puta, quer sair da minha frente?

Conhecem o anúncio televisivo em que todos param para ouvir E. F. Hutton?² As pessoas fazem mesmo isso. O bar ficou silencioso quando eu explodi. Todos se viraram para ver quem era aquele homem. Para além disso, o gerente, três empregadas e dois empregados do bar estavam ao meu lado antes que conseguisse recuperar o fôlego.

Na realidade não sabia que tinha isto dentro de mim, mas quando fui encostada à parede, consegui defender-me. E venci. Mas não me esqueci do aviso da minha mãe para ser sempre uma senhora. Quando o homem estava a ser escoltado lá para fora, para a chuva, sentei-me, voltei a dar atenção à Victoria e disse – Desculpa pela interrupção...

² Frase relacionada com os anúncios televisivos sobre a firma de E. F. Hutton, uma das empresas financeiras mais respeitadas dos E.U.A. (informação disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/E._F._Hutton_&_Co. acedido em 12/01/2012).

Parte III

Intuição e Força de Vontade

Introdução

A intuição feminina – motivo de anedota, confiança, desdém. Diz-se que os homens são lógicos, racionais, diretos e lineares, enquanto as mulheres agem com base em emoções e palpites vagos. As histórias neste capítulo mostram como a intuição pode ser uma ferramenta prática para a mulher perante um ataque, se apoiada pela força de vontade.

A intuição não é um poder misterioso desligado da realidade do dia a dia. De facto, é precisamente o oposto: a intuição fundamenta-se no que acontece minuto a minuto. É *consciência* pura, quando os sentidos estão completamente despertos para os sons, as imagens e os movimentos. Uma mulher que esteja a usar, a *ouvir* a sua intuição, é como um animal na floresta, atenta ao que a rodeia e pronta a agir na altura certa.

É esta combinação de consciência – intuição – e capacidade de agir no momento preciso – força de vontade – que está no centro de qualquer tentativa de autodefesa bem sucedida. Independentemente das estratégias que uma mulher utilize quando se defende, não o consegue sem estes recursos fundamentais. O que é bastante interessante é o facto de *todas* possuímos estas ferramentas. Apesar de poderem ser limadas e exercitadas através da autodefesa ou outros tipos de treino, podemos utilizá-las em qualquer altura. Sem sombra de dúvida, a intuição e a força de vontade mantêm-nos vivos no dia a dia. Permitem-nos compreender e agir de forma inteligente em cada área da nossa vida.

Mas nem sempre é fácil ouvir a voz da intuição. Frequentemente não damos atenção às nossas percepções quando não temos prova de que são reais. Na sociedade americana, considera-se “fazer uma cena” uma ofensa social, por isso, muitas de nós querem ter a certeza absoluta de que alguma coisa se está realmente a passar antes de agir. Mas temos frequentemente relutância em verificar os nossos sentimentos perante uma situação assustadora. Já alguma vez andou pela rua, consciente de que alguém está atrás de si, mas não se virou para olhar para a pessoa porque assim seria óbvio que estava preocupada? Contudo, em muitas situações, virar-se e olhar diretamente para um presumível atacante é o suficiente para o deter. Ao demarcar o

seu território e olhar alguém diretamente nos olhos, está a dizer “Estou aqui. Tenho direito a este espaço no passeio. Sei que me está a seguir. Afaste-se.”

Por vezes a intuição e a força de vontade surgem sem a consciência efetiva da mulher. Uma mulher, às vezes, pode “descobrir” que está a agir de forma autoprotetora, sem saber conscientemente o que está a fazer.

Uma reação intuitiva é também flexível, uma vez que (como tudo na vida) uma situação de ataque/defesa pode mudar de rumo a qualquer momento. O atacante pode mudar de estratégia um sem número de vezes. Para se defender, a mulher tem que ser suficientemente adaptável para mudar a sua própria tática as vezes que forem necessárias para conseguir escapar.

A forma como estas histórias foram recordadas e escritas é o testemunho mais óbvio do poder da consciência. Mudanças subtis no comportamento do atacante, uma saída repentina, uma via escapatória – todos os pormenores da situação são tidos em conta.

A intuição mostra frequentemente o caminho para uma saída. Kathleen Zundell em “A Lição dos Três Bodes do Monte” reconhece um “instinto de autopreservação – centrado no meu umbigo” que lhe permite escapar a dois assaltantes.

Uma força de vontade inabalável pode ajudar uma mulher a superar uma situação mesmo quando as suas hipóteses são mínimas. Jerilyn Munyon (“A Vontade de Sobreviver”) age com uma “força extrafísica” – a mesma força mítica que as mães usam para levantar objetos incrivelmente pesados de cima dos filhos.

Existe um sentimento natural de indignação que surge quando somos atacadas. Este sentimento de indignação é algo que uma mulher pode usar como estimulante para a sua autodefesa, para trazer à superfície a sua vontade. A sensação de ser desrespeitada exprime-se por vezes como uma reação súbita e explosiva que pode surpreender o atacante. A surpresa é uma das técnicas de autodefesa mais eficientes.

Esperamos que da próxima vez que tenha uma intuição ou um palpite de repente, lhe dê especial atenção. Esses palpites e intuições – e a forma como reage a eles – são algumas das melhores ferramentas de autodefesa que possui.

A Vontade de Sobreviver

Jerilyn Munyon nasceu em 1947 e vive nas montanhas de Santa Cruz com o filho adolescente, três gatos e um cão. Tem um pequeno negócio, ensina Model Mugging, um curso para mulheres sobre autodefesa e autoconfiança, e tem praticado durante os últimos sete anos aikido, uma arte marcial Japonesa não violenta. É cinturão negro (2º grau).

“Como sobrevivente de abuso sexual em criança e dois ataques na rua em adulta, passei muito tempo a pensar no que significa ser vítima e como posso aprender a não o ser. À medida que vou passando de vítima a sobrevivente e a guerreira pacífica, quero partilhar as minhas experiências e participar no processo de melhoria da autoconfiança das mulheres.”

Doze anos mais tarde: ando às voltas pelo consultório da terapeuta. Ela segue-me de perto. Cada vez se vai aproximando mais. Eu vou ficando muito tensa. Ela aproxima-se ainda mais. De repente, caio no chão e começo a gritar de terror. O terror sai por todos os poros do meu corpo, por todos os músculos, por todo o meu ser. Grito durante quarenta e cinco minutos.

Mais tarde ela pega-me na mão e pergunta – o que aconteceu?

– Fui atacada por um homem com uma faca quando tinha dezoito anos – respondo. – Consegui fugir.

– Sabes como és corajosa? És uma sobrevivente.

Regressava da loja por volta das 9 da noite. Quando virei a esquina da minha rua, um carro atrás de mim embateu ligeiramente na traseira do meu. Estava apenas a um quarteirão de casa, por isso avancei até chegar ao parque de estacionamento que ficava em frente. Assim que parei, um homem aproximou-se do meu carro e bateu na janela. Baixei o vidro e perguntei o que queria. Estava tão escuro que não o conseguia ver. Pedi desculpa por ter batido no carro e queria dar-me o nome da companhia de seguros. Quando saí do carro ele encontrava-se por trás de mim, longe do meu campo de visão. Enquanto dava a volta ao carro para ver o que tinha acontecido à traseira, ele agarrou-me por trás e pressionou uma faca contra o meu corpo. A mão enluvada tapou-me a boca para que eu não gritasse.

– Se tentares fugir, mato-te – disse. – Tenho aqui uma faca junto ao teu corpo.

Começou a arrastar-me para o carro dele. Ao princípio fiquei paralisada de medo. Não acreditava que isto me estava a acontecer. Mas depois percebi que se me resignasse seria violada e possivelmente assassinada. Naquele momento tomei a decisão de que preferia ser assassinada a tentar fugir do que descobrir o que me esperava mal entrasse naquele carro.

A minha vontade de viver encheu-me de uma energia incrível. Era um tipo de força para além da física. Sem esforço, soltei-me do meu atacante e corri para a minha casa a gritar. Ele deve ter ficado muito espantado. Mais tarde, a polícia não acreditou em mim. – Como sabe que era uma faca? – Perguntaram. Os meus pais sentiram o meu sofrimento e a sua própria impotência.

Durante seis meses acordei todas as noites a gritar. Não conseguia conduzir. Não conseguia estar sozinha. Apercebi-me que estava a ficar paralisada tal como quando o meu atacante me agarrou. Disse a mim própria que se não me esforçasse por ultrapassar o medo, iria ficar paralisada para o resto da vida. A pouco e pouco forcei-me a entrar no carro e conduzir sozinha – no início apenas durante o dia, e depois, mais tarde, à noite. Comecei por ficar sozinha durante períodos pequenos e depois maiores. Durante os doze anos seguintes, sempre que conduzia sozinha à noite, olhava pelo espelho retrovisor e lembrava-me daquela noite terrível.

Muitos anos e muitas mais sessões de terapia reconduziram-me à pessoa completa que eu era antes de ser atacada. Foram necessários vinte anos para passar de vítima a sobrevivente.

É importante refletir sobre a autodefesa para tentar compreender a questão. Qual é o meu papel no ciclo da violência? Como deixo o papel de vítima sem transformar-me em agressora? Como posso definir ativamente os meus limites espiritual e físico sem ter de exercer “poder contra” os outros? Como transporto a “vítima dentro de mim” para o resto da vida e como modifico esse conceito para meu benefício?

Não creio que a não-violência surja por nos afastarmos ou negarmos a violência. Surge através do entendimento de como todos nós participamos no ciclo da violência. Com a autodefesa, temos uma oportunidade extraordinária de criar uma lin-

guagem completamente nova para as mulheres, uma linguagem que beneficia todas as pessoas. Assumimos a responsabilidade de nos protegermos e libertamo-nos do papel de vítimas. Quando dizemos NÃO a um ataque, estamos de facto a dizer SIM a nós próprias e ao direito de viver em segurança. Podemos definir poder como integridade, igualdade, autoconhecimento, força interior – não significa domínio, agressão ou prejuízo. O meu sonho é viver um dia num mundo sem vítimas, falar uma língua em que não exista violência.

A Lição dos Três Bodes do Monte

Kathleen Zundell é contadora de histórias a especializar-se em contos dos Índios Chumash,³ histórias para crianças e histórias de heroínas e mulheres fortes. Faz *workshops* para mulheres intitulados “À Procura das Mulheres Sábias, “Descobrir a Deusa Interior” e “A História Real da Cinderela” e coorganizou vários Festivais de Mulheres Contadoras de Histórias em Los Angeles. Uma das suas histórias preferidas é “O Capuchinho Dourado”, uma versão raramente contada de “O Capuchinho Vermelho”, em que a avó, uma mulher esperta, protege e salva a neta.

“As histórias funcionam profundamente na mente inconsciente; preparam-nos para a vida, para situações difíceis. Para o crescimento e recuperação de nós mulheres é essencial ler e ouvir histórias sobre mulheres ativas e vencedoras. Somos constantemente bombardeadas por imagens e histórias de mulheres como vítimas indefesas. Quero ouvir as histórias antigas sobre as mulheres sábias e as deusas e quero ler histórias novas sobre outras mulheres fortes que venceram.”

Enquanto contadora de histórias profissional, já contei a história de “Os Três Bodes do Monte” muitas vezes. Apesar do meu público infantil ter reagido sempre com entusiasmo, tenho-me interrogado sobre o verdadeiro significado da história. O pequeno Bode do Monte e o médio, quando confrontados pelo Ogre que os quer comer, dizem – Por favor não me coma... não me quer comer, sou muito pequeno... coma antes o meu irmão. Isso não é traição? E quando o grande Bode do Monte dá uma marrada tão grande que o Ogre cai da ponte, isso não é demasiado violento para crianças?

O psicólogo Bruno Bettelheim, no seu livro *Psicanálise dos Contos de Fadas*, ajudou a esclarecer as minhas dúvidas. Ele diz que uma criança, quando confrontada por um brutamonte, não deveria tentar enfrentá-lo diretamente, mas deveria tentar sair da situação de uma forma mais subtil, tal como os dois bodes mais pequenos. Ele crê que as crianças irão seguir o exemplo dos bodes e que compreendem que o Ogre mau vai ter o castigo que merece.

³ Um grupo indígena importante na Califórnia.

Uma noite já tarde, estava no meu carro com um amigo. Uma vez que o estava a deixar junto do seu carro estacionado, não desliguei o motor. De repente, um estranho abriu a porta do meu carro completamente, disse que tinha uma arma e obrigou-nos a sair do carro. Sem reação, saí e pus-me a pensar como tinha ficado nesta situação. Fiquei com um nó no estômago e o cérebro ficou agitado à procura de uma explicação para o que estava a acontecer. Rezei depressa. O motor do meu carro continuava a trabalhar e eu fiquei à espera que o homem entrasse no meu Mustang de 1966 e partisse, mas ele empurrou-nos para a escuridão da rua. Senti que o meu amigo, ex-Fuzileiro, ficou em estado de choque e não podia contar com ele para nada.

Outro homem apareceu e balbuciou alguma coisa sobre levar-me para a ruela. De repente, o meu instinto de autopreservação – centrado no meu umbigo – disse “Foge daqui rapidamente. Estes homens querem fazer-te mal. Não vão tocar no teu amigo; querem-te a ti.”

Quando me apercebi disso, dei comigo a entregar a minha mala aos atacantes, dizendo – Tomem lá, fiquem com ela. Depois corri para o carro, saltei lá para dentro e carreguei no acelerador.

Os atacantes surpreendidos saltaram para cima do carro para tentar parar-me, mas a minha determinação era imensa... e o meu carro rápido. Andei à volta do quarteirão com o coração aos pulos e, finalmente, recuperei o meu estado normal. Quando regresssei ao local para ver se o meu amigo precisava de ajuda, vi que os dois atacantes tinham partido e o meu amigo estava bem. Estava apenas perplexo e confuso, mas contente por eu ter fugido.

Fico a pensar na ideia que desde sempre me tinham incutido, que em caso de ataque um homem me iria proteger. Mas aprendi que a única pessoa em quem eu posso confiar sou eu própria. A minha perspicácia e rapidez salvaram-me. Consegui salvar-me. Disse – Não é a mim que vocês querem... fiquem com a minha mala. Ao fazer isso, tinha encontrado uma forma de fugir – tal como os três Bodes do Monte.

Parte IV

Armas à Mão

Introdução

A ideia de utilizar armas que estejam “à mão” há muito tempo que é aconselhada por instrutores de autodefesa. De facto, muitas mulheres usam objetos que têm com elas por acaso, para se defender.

Alguns instrutores de autodefesa também ensinam as mulheres a transportar e usar armas intencionais, tais como *sprays* de gás lacrimogéneo, porta-chaves com partes aguçadas, e até mesmo canivetes ou revólveres.

Um dos problemas com qualquer arma real é o facto de ninguém planear quando vai ser atacado, e a maior parte das mulheres é atacada por conhecidos ou familiares, na sua própria casa. Como comentou uma amiga de forma engraçada, “Quantas vezes levas para a casa de banho o *spray* pimenta?”

Em histórias sobre autodefesa com final feliz, as armas “à mão” são na maior parte das vezes agarradas intuitivamente, no início do ataque, apesar de algumas mulheres terem também aprendido a incluir armas intencionais na sua estratégia pessoal.

As armas neste capítulo variam imenso. Uma mulher pensa utilizar um pente com uma ponta afiada, outra usa uma pedra em que tropeçou.

Todas estas mulheres utilizam a sua inteligência ao procurar o objeto mais próximo que as poderá ajudar a evitar um ataque. O seu propósito, mesmo que estivessem com medo, era fazer o que estivesse ao seu alcance para que a outra pessoa não continuasse o ataque.

Armas “descobertas” podem ser muito úteis, como veremos, mas andar à procura na mala ou na mochila e tentar utilizar objetos que não são fáceis de alcançar ou retirar tem as suas limitações.

Gás lacrimogéneo, pimenta ou outros *sprays* foram considerados por algumas pessoas como armas perfeitas, e os instrutores que ensinam como usar *sprays* fizeram muito dinheiro dessa forma. Mas membros da *Los Angeles Commission on Assaults Against Women*¹ fizeram alguns testes, utilizando diretamente na cara uns dos outros um *spray* de gás lacrimogéneo legal na Califórnia. Ainda assim, conseguiram avançar e

¹ Organização sem fins lucrativos, atualmente designada *Peace Over Violence*, que significa Paz em Vez de Violência (disponível em <http://www.aboutus.org/Lacaaw.org> acedido em 09/09/2011).

continuar o ataque. Concluíram então que se a adrenalina do atacante estiver estimulada, o gás pode ter ainda menos efeito.

Armas como estas podem transmitir às suas utilizadoras uma falsa sensação de segurança. Uma mulher que possua um *spray* de gás pimenta pode pensar que não precisa de aprender técnicas de autodefesa eficientes, físicas ou verbais. Se um *spray* assim a faz sentir mais segura, tenha sempre um consigo. Mas não confie apenas nele – aprenda também algumas técnicas básicas de autodefesa.

Se pensa usar uma arma, assegure-se de que sabe como utilizá-la. Armas perigosas como revólveres e canivetes também têm limitações. Apesar de os revólveres assustarem facilmente, podem limitar a sua reação a duas opções apenas: atirar ou não atirar. Muitas situações não são assim tão sérias a ponto de ser preciso atirar, e uma arma carregada pode ser perigosa para si.

O Pente na Mala

Linda Steele tem a seu cargo o apoio domiciliário a pessoas com deficiência, em Kent, na Inglaterra. Vive com o marido, de nacionalidade americana.

“Escrever (esta história) ajudou-me como uma espécie de exorcismo. Esse é provavelmente o aspeto mais importante deste projeto (Success Story Project): as mulheres recordam e enfrentam as situações que estão na página à sua frente.”

Até fazer vinte e dois anos, acreditava que era pacifista e que nunca conseguiria ferir ou matar outro ser humano. Tudo mudou na noite em que fui agredida.

Tinha acabado de deixar um grupo de amigos e dirigia-me sozinha para casa que ficava a cerca de 300 metros. Era uma rua escura, com arbustos e árvores de ambos os lados. Já tinha percorrido aquele caminho sozinha muitas vezes e nunca tinha tido medo.

De repente, um homem agarrou-me por trás. Era mais baixo do que eu, mas bastante mais forte. Levantou-me e atirou-me para os arbustos. Era tão forte que eu não me conseguia mexer; o seu corpo em cima de mim não me deixava respirar. Lembro-me de pensar que haviam casas ali perto e que deveria gritar. Abri a boca para gritar mas não saiu som nenhum. Tinha a boca vazia e seca e os maxilares presos.

Quando ele imobilizou o meu corpo e as minhas pernas no chão e começou a rasgar o meu blusão, tentei mexer-me, retorcer-me, desviar-me – qualquer coisa – mas o meu corpo parecia chumbo. Pernas pesadas de chumbo que não faziam, não conseguiam fazer o que a minha mente lhes dizia. Algo instintivo fez-me ficar inerte, sem ação. Nesse preciso instante “sem vida”, o meu braço esquerdo ficou livre. Girou como um elástico por cima da minha cabeça e desceu até à minha mala.

Quando abri a boca, a minha mente estava a gritar: “Tira o pente de aço que está dentro da mala, tira o pente, tem uma ponta afiada como uma faca. Tira o pente!” Era como se todo o meu corpo fosse um bloco de cimento, com exceção do braço esquerdo agressivo e da mão esquerda que apertava o pente.

Agarrei no pente, pronta para o ferir. Só conseguia pensar em espetá-lo no blusão preto em cima de mim, uma, outra e outra vez. Não pensei que era uma pessoa

em cima de mim. Não pensei que ia magoar alguém. Só pensava em espetar o blusão para conseguir respirar novamente.

Assim que agarrei no pente, saiu finalmente um grito da minha boca. O som do medo e da raiva preencheram a escuridão. Ao longe ouvi uma voz dizer: “O que foi isto? Está ali alguém!”

Subitamente deixou de rasgar as minhas roupas. Fugiu a correr por entre os arbustos e eu fiquei ali deitada pronta para matar. Olhei para o pente, para a minha mão, para as minhas roupas, e conforme as vozes distantes se iam aproximando, comecei a tremer de raiva e alívio. As lágrimas corriam por ele, por mim, e porque o podia ter matado, tê-lo-ia matado. Acima de tudo, lágrimas de desilusão devido a um ideal que tinha acabado de ser destruído.

Eu mataria para me defender.

Uma Pedra na Areia

Marla Calico foi criada numa quinta grande na região sudoeste do Missouri. A vida dela esteve sempre ligada aos animais e ao trabalho da quinta. Conseguia atirar um fardo de palha ou um saco de ração como o melhor de entre os homens, e considera que isto, mais do que qualquer outra coisa, foi o que lhe deu coragem para se defender quando foi atacada. Hoje trabalha como gerente operacional numa das cem feiras mais importantes dos Estados Unidos.

“Quando fui atacada, não pensei em mais nada a não ser defender-me. Para mim, não havia outra hipótese. Se me tivesse submetido aos meus atacantes, teria perdido a vida. É meu desejo sincero que este livro mostre às nossas irmãs que algumas de nós lutámos, e por isso sobrevivemos – a defesa é uma opção.”

Nunca me irei esquecer da data: sexta-feira, 13 de outubro de 1978. Estava de férias prolongadas e tinha ido visitar o meu companheiro no seu país natal, o Equador. Tínhamos feito uma longa viagem de autocarro, quente e poeirenta, até à praia onde íamos acampar. Quando acabámos de montar a tenda era quase noite, e ele decidiu ir a pé até à cidade para comprar alguma coisa para o nosso jantar. “Não há problema”, pensei, “é num instante enquanto faço uma fogueira para termos um jantarzinho acolhedor.” Seria o prelúdio da noite que eu esperava ansiosamente. Quem não desejaria uma noite de amor numa praia banhada pela lua na América do Sul?

Depois de ter juntado lenha suficiente, dirigi-me a um muro pequeno perto do final da praia para urinar. Quando estava nessa posição ridícula, com os calções à volta dos tornozelos, cinco homens saltaram por detrás do muro e agarraram-me.

A minha reação inicial foi gritar – sabia que havia um grupo lá em baixo na praia divertindo-se à volta da fogueira – mas o grito apenas ecoou nos meus ouvidos. O vento soprava na direção contrária e a arrebentação estava demasiado forte.

Nos segundos seguintes, tornou-se claro que havia um líder no grupo, dois seguidores fortes, e dois mais jovens, ainda miúdos, que ficavam atrás dos outros. Lutar com os três na areia era inútil – com um pontapé, liberei-me dos calções que me prendiam os tornozelos, e dei comigo encostada à esquina do muro. Para calar os

meus gritos, o líder tentou estrangular-me – fiquei com as marcas dos seus dedos durante vários dias.

Provavelmente foi o muro que me salvou. Como tinha algo para me apoiar, consegui empurrar e dar alguns pontapés. O líder não parava de gritar “*Cuchillo, cuchillo!*” Eu sabia o suficiente de Espanhol para perceber que ele queria que o mais novo lhe arranjasse uma faca. Felizmente nenhuma apareceu.

A luta durou apenas alguns minutos, mas pareceu uma eternidade. As minhas pernas perderam a força na areia. Arrastaram-me pelas escadas junto ao muro. Enquanto a minha cabeça batia contra os degraus e as minhas coxas e pernas nuas eram esfoladas pela areia e pelas pedras, consegui agarrar numa pedra próxima do tamanho de uma bola de basebol. Atirei-a para trás às cegas, atingindo na cabeça o homem que me agarrava. No meio da confusão que se gerou em seguida, dei um pontapé desesperado e apanhei um deles nos genitais. Isto deu-me tempo para saltar e correr.

De volta à tenda, passei a hora seguinte completamente aterrorizada, sentada no escuro, agarrada ao canivete. Rapidamente percebi que não me iriam importunar mais nessa noite e consegui acender uma pequena fogueira. Quando o meu namorado finalmente voltou, despejei toda a história e vi como se sentia frustrado e inútil. É um homem compreensivo e fez tudo o que era possível para me confortar durante a noite e nas semanas seguintes que vivi com medo.

Esta experiência deixou marcas evidentes, nomeadamente, um certo medo que nunca tinha sentido. A única coisa positiva foi saber que tinha usado a cabeça, e que me tinha conseguido defender. No entanto, a minha sobrevivência deve-se principalmente à sorte: sorte por ter sido criada numa quinta e ter mais força do que a maior parte das mulheres; sorte por ter tido aquele muro a apoiar-me; sorte por ter sido arrastada para junto daquela pequena pedra.

Parte V

Ataques à Própria Vida

Introdução

Alguns dos nossos maiores medos envolvem armas, ataques em grupo e situações que exigem uma reação física para escapar de forma segura. As histórias nesta secção tratam não apenas de violência extrema, mas também das defesas poderosas que lhe estão associadas.

Ao trabalhar com mulheres que foram violadas, ouvem-se repetidamente histórias que envolvem ameaças de morte. “Se não fizeres isto, mato-te.” As mulheres são obrigadas a colaborar com o violador por terem medo de algo pior. O maior medo de um violador ou atacante é ser descoberto por alguém, por isso, a ameaça mais comum é “Se contares a alguém o que aconteceu, mato-te.” Ou “Faço mal à tua família”, ou “Digo a toda a gente que admites que adoraste.”

Sabemos de uma mulher que abriu a porta do seu atrelado e deparou-se com um atacante com um revólver, que lhe disse “Se não fizeres o que quero, mato-te”. Ela olhou para ele e disse “Bem, então vai ter que me matar agora, porque não vou fazer aquilo que quer”. A vontade dela de se defender foi maior do que a vontade dele de a magoar, e ele partiu.

Somos enganadas pelo que vemos na televisão e nos filmes. O uso de armas, a frequência de ataques em grupo, e os assassinios de mulheres são todos bastante exagerados pelos *media*, quer em descrições ficcionais, quer nas notícias. As armas estão presentes em menos de dez por cento de todas as situações relatadas aos centros de apoio às vítimas de violação. Quando uma arma está envolvida, é frequentemente usada apenas como forma de provocar medo, como ameaça. De facto, o atacante está a dizer “Tenho que ter alguma coisa na mão com a qual te poderia matar, para me conseguir aproximar de ti”. Esta é uma afirmação interessante do ponto de vista psicológico: o atacante atribui claramente à “vítima” escolhida uma grande dose de poder.

Uma ameaça de arma não significa que exista mesmo uma. Algumas mulheres desafiaram os atacantes, ao dizer corajosamente que não acreditavam que houvesse uma arma. Ter alguma coisa pressionada nas costas não significa que seja realmente um revólver; pode ser um saca-rolhas ou um dedo.

Podemos ainda pensar “E os loucos?” Apesar de haver certamente uma percentagem de atacantes psicóticos, arriscamo-nos a sugerir que pode não ser mais elevada do que na população em geral. Os assassínios em série vendem jornais, mas as hipóteses de se deparar com alguém que é verdadeiramente louco são muito poucas, mas não inexistentes; por vezes sobreviver significa lutar com toda a força e vontade que possui, usar todas as capacidades que adquiriu, físicas, emocionais, mentais, apenas para se manter viva. Py Bateman conta este tipo de história. Cinturão negro em karaté, uma mulher em forma, Py Bateman (“Lutar pela Vida”) defrontou um dos atacantes mais loucos de que já ouvimos falar, que parecia estar mesmo interessado em lhe tirar a vida, e sem ter tido contactos com ela anteriormente. Apesar do seu ataque claramente planeado e da sua perseverança em tentar feri-la, ela mostrou grande coragem e capacidades, e sobreviveu para contar a sua história.

Não nos podemos esquecer de que a maioria das mulheres é atacada por homens que conhecem e não são, na maioria das vezes, doentes mentais. Isto não significa que as suas ações façam sentido.

Na realidade, muitas mulheres atacadas por pessoas com armas conseguem escapar, no entanto, se a arma for utilizada, os danos por vezes são maiores. Contudo, mesmo as mulheres que sofrem ferimentos prosseguem as suas vidas. Sobreviver nem sempre significa atirar o atacante ao chão. Por vezes significa correr. Ou esconder-se até ele se afastar. Frequentemente significa tentar um acordo verbal, de forma a colocar-se numa posição mais segura “Se baixar a pistola, faço tudo o que quiser.” Depois de ele a baixar, pode fugir.

Recomendamos que as mulheres tenham aulas específicas sobre “autodefesa”, para aprenderem técnicas práticas e úteis em qualquer momento.

Metade da sua defesa consiste em avaliar a situação no início. É muito ou pouco perigosa? Há mais do que uma pessoa? Existe alguma arma visível? Ou a pessoa que pensa estar a segui-la é só uma mulher ou um homem com pressa para chegar a casa? Muitas mulheres não querem olhar. Temos medo de reconhecer que estamos mesmo a ser atacadas, e não uma atriz qualquer na televisão. Tentamos ignorar o perigo iminente, na esperança de que ele desapareça. Infelizmente, isto significa por vezes ignorar informação vital em situações de ameaça à própria vida.

Todas as mulheres nesta secção utilizam capacidades apropriadas para avaliar a situação e preparar uma defesa adequada. Por vezes, parece não haver tempo nenhum para ver o que se está a passar, contudo, há o suficiente para uma defesa eficiente. Há frequentemente mais do que uma hipótese, ou saída, e é importante manter a calma necessária para a descobrir e aproveitar quando ela aparecer.

A história de Cindy Nakazawa, “Asiática e Destemida”, mostra como uma mulher pequena aprende a ultrapassar aquilo que a polícia lhe descreve como aparência particularmente vulnerável. As mulheres asiáticas têm sido frequentemente estereotipadas como frágeis e exóticas, mas Cindy tem uma personalidade destemida e lutadora, e anos de prática de aikido para a ajudar. Já foi atacada diversas vezes e revela inteligência e conhecimento da psicologia por trás dos ataques, bem como destreza física.

Claire Trensky, a campeã nacional de judo, em “Será Que Ele Sabe Quem Sou?”, pensa realmente nas técnicas de artes marciais durante o ataque. Mas a sua determinação em proteger a irmã e o sobrinho também nos impressionou. Muitas mulheres dizem que acham que fariam qualquer coisa para proteger uma filha – mas cada uma de nós é filha de alguém.

Os ataques em grupo podem ser planeados, mas é menos provável surgirem de gangues organizados do que de grupos casuais de rapazes e homens que saíram para beber uns copos, e que talvez estejam a desafiar-se uns aos outros para conseguir uma mulher.

Apesar da gravidade das situações desta secção, todas estas mulheres estão vivas para contar a sua história. O final feliz resultou frequentemente da diversidade de técnicas de autodefesa utilizadas – desde verbais a físicas, e a manejo de armas. Até a mulher mais cética irá achar estas histórias inspiradoras.

Lutar pela Vida

Py Bateman é uma das mulheres mais conhecidas do movimento sobre a autodefesa nos Estados Unidos. Foi a fundadora da “Feminist Karate Union” (União Feminista de Karaté) em Seattle, Washington, e foi treinadora principal da mesma de 1971 a 1984. É diretora de “Alternatives to Fear” (Alternativas ao Medo), uma organização sobre autodefesa conhecida nacionalmente, e é autora do manual de autodefesa *Fear into Anger* (Do Medo à Raiva). Dedicou dezasseis anos da sua vida ao combate à violência contra as mulheres.

A 26 de maio de 1984, Py Bateman foi agredida em casa por um homem que a tentou matar. As cartas seguintes foram escritas depois do ataque. A primeira dirigida às suas antigas alunas na FKU, e a segunda dirigida a outras mulheres nas artes marciais.

12 de junho de 1984

Queridas Irmãs,

Como muitas de vocês já devem ter ouvido, fui agredida em minha casa há algum tempo atrás. Estou a recuperar rapidamente e já saí do hospital. Vou contar o que aconteceu na altura da agressão para aquelas que não sabem ou que ouviram boatos.

Foi no dia 26 de maio, sábado, por volta da uma e meia da tarde. Ia a caminho de casa, depois de ter tratado de umas tarefas. Quando subia as escadas das traseiras, um homem, que tinha estado escondido a um canto do alpendre, agarrou-me pelos cabelos e começou logo a fazer golpes com uma faca à volta dos meus olhos. (Felizmente, os meus olhos não ficaram feridos e a minha visão já regressou ao normal). Obrigou-me a destrancar a porta e a deixá-lo entrar.

Assim que entrámos, o grau de violência aumentou. Tentou levar a faca à minha garganta. Agarrei na faca quando vinha na minha direção e tirei-a da sua mão. A faca caiu no chão nessa altura. Depois dei-lhe uma joelhada nos genitais. Ele dobrou-se e caiu em cima de mim, depois agarrou-me pelo pescoço e arrastou-me pelas escadas. Comecei a ficar preocupada porque ele não fazia menção de sair, e comecei a ser mais ativa na minha defesa; dei-lhe um murro. Ele ripostou e lutámos por toda a casa. Era mais pesado do que eu cerca de quarenta quilos e trinta e cinco centímetros mais alto.

Muitos ferimentos aconteceram durante esta luta – o efeito conjunto de golpes repetidos, mais do que apenas um bom golpe.

Uma amiga veio à minha casa cerca de trinta minutos depois do início da agressão, e acredito que ele partiu porque ela o assustou. Devido à sua clareza de raciocínio e à ação rápida da polícia e da emergência médica, fui transportada muito rapidamente para o hospital. Aí fui submetida a uma operação plástica devido aos ferimentos no rosto e a uma operação ao cérebro por causa de um hematoma subdural, ou inchaço sob a pele que reveste o cérebro.

A juntar à rede de apoio fantástica que surgiu aqui em Seattle para tratar não só dos pormenores práticos mas também para me apoiar na minha recuperação, recebi cartões e cartas de todo o país. Tem sido extremamente reconfortante saber que as pessoas se preocupam comigo e me desejam rápidas melhoras – e conhecer as suas próprias experiências e dificuldades.

A minha recuperação está a correr muito bem e não se prevêem danos permanentes nos olhos ou no cérebro. Durante o tempo que tenho estado em recuperação, tenho pensado muito sobre o que aconteceu e o que significa para as mulheres que praticam artes marciais e para a sua conceção de autodefesa.

No início tive pena de não me ter defendido de forma a não ter ferimentos, tal como nas minhas fantasias prediletas. Mas depois lembrei-me de como ele usou a faca, de forma deliberada e rápida. E como reagi utilizando alguns movimentos bastante arriscados quando ele me pôs a faca junto à garganta. Então concluí que me tinha saído bastante bem – de facto, salvei-me por lutar.

A minha preparação e os anos que tenho passado a ensinar ajudaram-me muito durante a agressão. Houve alguns segundos no início em que a minha mente estava apenas a tentar perceber o que se estava a passar. Mas depois disso, a minha mente ficou ocupada com planos para acabar o ataque. Estive sempre a pensar, nunca me deixei vencer pelo medo. Isso deve-se à minha preparação.

Também importante foi o compromisso com a nossa abordagem à autodefesa. Sempre realçámos a importância da determinação, e foi a determinação que me fez continuar a lutar – e a pensar – quando ele não desistiu, quando aumentou o nível de violência. Uma outra razão está relacionada com a biologia, sobre a qual não sabíamos muito. Nunca senti qualquer dor enquanto estive a lutar. Nem mesmo quando cortei a

mão ao agarrar a faca pela lâmina. A minha consciência encontrava-se dominada pela determinação em lutar pela vida e pelos planos para conseguir sobreviver.

Para além de tomar consciência da diferença entre as minhas expectativas de controlar o corpo inerte de um agressor e a realidade de uma luta feroz, tive que refletir sobre a possibilidade de nos termos enganado ao dizermos que a maior parte dos atacantes é facilmente afugentada por uma resistência eficaz.

Tive que me lembrar de que uma experiência pessoal, não importa a intensidade, não muda aquilo que sabemos sobre violência contra as mulheres. O nível de violência deste homem encontrava-se no topo da escala, tal como o período durante o qual ele se manteve disposto a agredir, apesar dos meus gritos a pedir ajuda e da minha autodefesa.

Não nos enganámos ao prever que a maior parte dos agressores desistiriam numa luta; temos a investigação que prova isso, o que vai para além de qualquer experiência individual. Até os polícias, que em muitas circunstâncias não são os adeptos mais entusiásticos da autodefesa para mulheres, estão convencidos de que o meu agressor fazia parte de uma minoria de criminosos cujo principal objetivo é ferir ou matar alguém, e que não reage da mesma forma que os criminosos “normais”.

Esta tomada de consciência, juntamente com os cartões e cartas que recebi de mulheres que conseguiram defender-se depois de terem tido aulas de autodefesa ou karaté durante algum tempo, transformaram as minhas dúvidas num compromisso renovado para com o trabalho que tenho feito ao longo dos últimos treze anos. [Fim da carta.]

primavera de 1986

Queridas Irmãs,

O meu agressor foi capturado dois meses depois. Ao que parece esteve inativo durante cerca de seis semanas. Espero que tenha sido para recuperar dos ferimentos resultantes da luta comigo. Mas depois começou a perseguir pessoas idosas, atacando uma senhora de oitenta e seis anos e o filho, uma outra mulher, e finalmente uma senhora na casa dos setenta.

Foi esta última que tramou a sua captura. Acordou uma manhã com ele sentado em cima dela, a estrangulá-la com uma meia de *nylon*. De alguma forma, ela

conseguiu tirar a meia do pescoço. Não me soube dizer como, mas fê-lo. Então ele começou a bater-lhe e a tentar enfiar-lhe os dedos nos olhos. Ela manteve o sangue frio durante todo esse tempo.

Depois deu-lhe o cartão multibanco e disse-lhe que podia levantar dinheiro se fosse ao multibanco. Disse-lhe a que terminal deveria ir. Quando ele saiu com o cartão, ela ligou à polícia. Eles ficaram de vigia, e quando ele apareceu naquele que ela lhe tinha dito, prenderam-no. Que presença de espírito que ela teve!

O homem confessou ser culpado mesmo antes de eu ir testemunhar, poupando-me a essa angústia. Foi condenado a vinte anos devido a duas agressões de primeiro grau e três acusações de primeiro grau por roubo. Descobri mais tarde que era viciado em heroína, e penso que o interrompi numa tentativa de assalto. Acho que tentou matar-me para não o poder identificar, porque ele vivia com a namorada, logo a seguir à vedação da parte de trás da minha casa.

Sinto-me agora muito mais envolvida na autodefesa. Sei que a autodefesa é mais do que apenas uma outra hipótese que a mulher pode ter como reação ao ataque. É uma necessidade. Se eu não soubesse como me defender, não estaria aqui agora. O grau de violência que este homem utilizou é raro, mas nalgumas situações, se a autodefesa não for uma hipótese, não existirão outras.

Costumava ter receio de insistir demasiado no valor da autodefesa. Agora encaro-a como um requisito fundamental. Tentei uma abordagem bastante cautelosa, dando muito tempo ao homem para desistir e partir antes de eu começar a atacar de forma agressiva. Gritei por socorro e tentei fugir, até que se tornou claro que não havia mais nada que pudesse fazer para me manter viva. Se tivesse que o fazer novamente, começaria a atacar muito mais cedo.

Já não sou tão cautelosa naquilo que ensino. As técnicas são as mesmas, mas a estratégia mudou para não dar ao homem tantas hipóteses.

A prática de autodefesa é uma competência vital para a sobrevivência. A minha preparação proporcionou-me muitas coisas – o entusiasmo da competição, o esforço para conseguir a excelência, o prazer de me exercitar ao máximo, as amizades que fiz. É importante por essas coisas em si, mas também me salvou a vida.

Com força e dignidade,
Py Bateman

Asiática e Destemida

Cindy Nakazawa (pseudónimo) é Americana de ascendência Japonesa, anda na casa dos trinta e vive no norte da Califórnia. É cinturão negro de aikido (3º grau) e ensina em várias escolas de aikido na Área da Baía de São Francisco.

“Não tem que aprender uma arte marcial para se conseguir defender. O que é importante é saber quando lutar e aprender a manter a mente calma em caso de ataque. Muitas mulheres conseguem isso apenas com treino psicológico. Praticar artes marciais é ideal porque treina tanto o corpo como a mente.”

De acordo com o referido em entrevista às responsáveis por esta antologia: a primeira vez que fui atacada tinha cerca de quinze anos. Saí do autocarro e estava a pensar se havia de ir praticar aikido ou ir para casa dormir uma sesta porque estava completamente de rastos. Então, toma lá, de repente, um tipo (nem sequer o ouvi, pois usava ténis) agarrou-me com toda a força por trás.

Estava tão cansada que relaxei o corpo, dobrei-me quando me atingiu e ele voou mesmo por cima de mim. Pensei que devia ser alguma piada, talvez o meu irmão ou alguém conhecido. Então, olhei e vi aquele tipo na rua e pensei “Que estranho, não é o meu irmão. Ele estava a olhar para mim; penso que estava tão surpreendido quanto eu. Então, pelo canto do olho, vi outra pessoa aproximar-se e pensei “Meu Deus, estou a ser atacada. São seis da tarde e estou a ser atacada”.

Encontrava-me numa esquina e ninguém saía do carro para dizer – Eh, deixa a jovem em paz. Por isso pensei “Bem, luta com todas as tuas forças”.

O primeiro tipo estava no chão e percebi que não se iria levantar tão depressa, então, virei-me e dei um pontapé no estômago do outro, o que resultou muito bem. Felizmente tudo o que eles queriam era a mala que eu tinha no ombro. O segundo tipo puxou-a e começaram ambos a correr e concluí que não queriam andar por aí a lutar.

Como tinha sapatos de cunha, comecei a correr atrás deles, ao mesmo tempo que lhes ia dizendo todos os palavrões de que me lembrava. Estava tão zangada que continuava a correr para os apanhar, e foi nessa altura que o meu bom senso disse, “Isso é mesmo uma parvoíce, por uma mala”. Então virei-me e perguntei a mim

própria “Onde estão neste bairro todos os cidadãos preocupados? Passam de carro e observam para ver o que aconteceu.”

Quando os policiais chegaram, disseram que dois homens, entre os dezassete e os dezoito anos, que correspondiam à minha descrição, tinham atacado três mulheres nessa mesma manhã, mas a estas espancaram-nas antes de lhes tirarem as malas. Duas delas eram idosas e estavam feridas no hospital. A outra era pequena e asiática como eu. Os policiais tentaram perceber porque é que eu não estava ferida e perguntaram-me porque não tinha sido agredida.

Fui-me embora e, no dia seguinte, quando contei ao meu professor, ele disse – Num ataque com duas pessoas, tens que usar bom senso. Devias ter levado o tipo para o meio da rua e aí ficavas com apenas um às costas. Mas ele estava realmente orgulhoso porque não tinha ficado ferida e tinha usado a razão em vez de correr atrás da bolsa. Foi então que decidi não usar mais sapatos altos, porque não conseguia correr nem equilibrar-me muito bem. Desfiz-me deles depois disso. Nem sequer gostava de os calçar. Se for atacada novamente, pelo menos vou ser capaz de fazer mais qualquer coisa do que caminhar pesadamente.

Alguns anos depois, estava a trabalhar no turno da noite como técnica de raios X num hospital grande. Sempre tinha sentido que era um pouco perigoso, porque o piso do raio X é completamente isolado. É aberto, as pessoas podem entrar a partir de seis ou sete entradas diferentes sem sequer serem vistas, e tem todo o tipo de lugares esquisitos e divisões escuras. Eu tinha que fazer tudo numa sala escura, revelar e trabalhar a película. Havia apenas mais uma pessoa em todo o piso, o radiologista, que dormia num quarto trancado.

Uma noite, tinha acabado de concluir um caso e tinha encaminhado o paciente para baixo, para a urgência. Voltei para tratar da papelada no gabinete dos processos, e estava sentada numa cadeira ao pé de outras cadeiras. Este tipo, que devia lá ter estado à espera, lançou um cobertor por cima da minha cabeça, agarrou-me pelo pescoço e empurrou-me para as cadeiras. A primeira coisa que me veio à mente foi “Este não é o Sid, o estafeta, porque ele não me iria fazer isto”. Então ouvi o tipo dizer – Põe os braços ao longo do corpo. A minha reação natural foi levar as mãos à garganta porque ele estava a sufocar-me, mas ele tinha dito para pôr as mãos para baixo.

Então disse – Vai-te foder, não vou fazer nada disso. Agarrei-lhe no dedo mínimo e dobrei-o para trás para ele me deixar. Sabia que não conseguia levantar-me, por causa da pressão na minha garganta, por isso, tinha que me baixar. Com um pontapé desviei as cadeiras que se encontravam por baixo, caí no chão e rolei como uma bola. Estava mesmo à frente dos genitais, então pensei “é isso mesmo”. Dei-lhe um murro mesmo nos testículos, e ele voou quase um metro e meio para trás, para onde estavam as minhas armas de madeira para praticar aikido. Normalmente trazia os apetrechos e a espada de madeira para o trabalho, porque não havia mais nada a fazer senão praticar.

Quando ele caiu, o que tinha mais “à mão” foi a minha espada, então agarrei nela e comecei a bater-lhe. Quando ele me viu com um pau, fugiu em linha reta do gabinete e eu corri atrás dele. Passou por baixo de um cortinado que dava para uma saída de emergência conhecida apenas das pessoas que lá tinham trabalhado. Pensei “Este tipo conhece alguma coisa deste hospital.” Chamei os seguranças, e tive sorte de se encontrarem por perto; chegaram em poucos segundos. Mostrei-lhes a saída por onde ele tinha passado. Mais tarde, descobri que tinha passado a correr pela sala de urgência e tinha saído.

É isso que me faz ficar zangada – não apanharam o tipo. Ele correu mais rápido em direção ao Parque Golden Gate. Os seguranças tiveram a ajuda da polícia, mas ele conseguiu despistá-los lá.

Quando os polícias estavam a registar o meu depoimento, perguntaram-me – Veja lá, não quer ir à urgência? Pensavam que podia estar ferida, mas nem sequer me doía nada, porque nos treinos já me tinham atirado ao chão muitas vezes. Pensei “Bem, dói-me o pescoço, mas isto não é nada”, e disse – Tenho que fazer o resto do trabalho e acabar o meu turno, são apenas cinco horas e ainda faltam mais três.

Só me apercebi dos efeitos psicológicos de um ataque, quando o polícia disse – Queremos registar o seu depoimento, por isso, diga-nos o que aconteceu. Eu... é mesmo estranho, comecei a ficar muito abalada quando contava o sucedido. Depois disso pensei “Se ele tivesse uma faca, estaria morta, ou se tivesse uma pistola, poderia estar morta.” Durante cerca de um ano, não quis falar sobre o assunto.

Os meus professores disseram-me – Não podes pensar naquilo que poderia ter acontecido, tens que pensar no que aconteceu de facto e como lidaste com a situação

e que, graças a Deus, não ficaste ferida. Foi uma coisa muito difícil de ultrapassar. Não tanto como se ele tivesse fugido depois de uma violação ou algo semelhante. Tenho amigas que foram violadas e pensei “Graças a Deus que isso nunca me aconteceu”. Fico mesmo furiosa, às vezes penso que mataria o tipo se tivesse uma oportunidade.

A polícia disse-me que fazia parte de uma das categorias de alto risco: pequena, asiática e mulher. As pessoas como que se satisfazem com isso, porque associam asiática a submissa, e veem que é pequena, outra limitação, e reparam que é mulher, mais outra limitação. Por isso, pensam automaticamente “Fácil.” Então, se faz parte dessa categoria, pequena e asiática, sugiro que tenha algum tipo de treino, porque o mundo é cruel. Detesto dizer isto, mas somos consideradas presas fáceis, e a menos que tenha treinado a mente e o corpo para lidar com a situação, é provável que um dia tenha que enfrentar algum tipo de energia negativa.

A polícia disse-me que provavelmente nunca tinha sido ferida porque tinha sido bastante agressiva. Quando o atacante apareceu, ficou de repente perante alguém que não se ia submeter. Os atacantes preferem uma vítima mais fácil, por isso, consigo desistem porque deduzem que podem ficar sem alguma parte do corpo.

Uma mulher que está agora a treinar comigo em São Francisco – é muito pequena, Porto-riquenha – a primeira vez que a vi, entrou na escola e disse – Mostre-me alguma coisa que possa usar na rua agora. Olhei para ela e disse – Sabe, há mulheres que praticaram artes marciais durante dezassete anos e não conseguiram desenrascar-se porque nos primeiros segundos de um ataque ficaram paralisadas. E se não reagir imediatamente, tem poucas hipóteses de se safar. Não lhe posso mostrar nenhuns truques. O que lhe posso dizer é que, se treinar comigo ou com qualquer outro bom treinador, vai treinar a mente para reagir nos primeiros segundos. As artes marciais são boas para pessoas pequenas porque exercitam a rapidez e aprendem a controlar-se.

O aikido faz parte da minha vida, é algo que tenho que fazer para me sentir bem comigo. Essa é realmente a única competição que existe no aikido – aquela que estabelecemos connosco, sobre quais são os nossos objetivos e o que pretendemos alcançar. Essa é outra coisa que me dá realmente prazer no aikido, não existe competição entre pessoas.

Aprendemos quem somos e até que ponto somos de facto psicologicamente fortes. Quando os atacantes sentem essa qualidade como reação a qualquer tipo de ataque, isso fá-los repensar antes de uma nova investida. Costumava ser uma pessoa muito calada, muito frágil e muito tímida e penso que o aikido me modificou bastante. Especialmente no trabalho, sinto-me muito mais confiante e sei exatamente o que faço melhor e como o fazer de forma eficiente, por isso, quando os médicos se estão a comportar como uns verdadeiros cretinos, quando entram e se armam em parvos a tentar mandar na minha área, ponho-os no seu lugar porque estou a controlar a situação.

Será Que Ele Sabe Quem Sou?

Claire Trensky (pseudónimo) cresceu em Los Angeles. É cinturão negro de judo (2º grau) e trabalha há oito anos como motorista de autocarro municipal.

“Nunca tenho problemas no autocarro, porque estou bastante atenta a quem entra. Mas na minha mente tenho algumas imagens bem nítidas de um tipo que se aproximou para tocar no meu peito e parti-lhe os dedos.

O ataque que aqui descrevo alterou a minha forma de encarar a vida ao estilo de Poliana – amando todas as pessoas e com pensamentos positivos em relação a todos. Saber que podia ter morrido foi assustador. Mostrou-me que tenho que estar mais atenta e talvez não confiar tanto. Tenho que estar mais consciente e vigilante quando estou em público.”

De acordo com o referido em entrevista às responsáveis por esta antologia: estava com a minha irmã e o Stuart, o seu filho de quatro anos, que estava na sua cadeira de segurança no banco de trás do carro. Era domingo à tarde, e tínhamos o carro estacionado no parque de estacionamento do banco Home Savings na Hollywood Boulevard com a Edgemont. Para se utilizar o multibanco tem que se estacionar na transversal, afastada da rua principal. A Susan saiu para levantar algum dinheiro, e eu fiquei sentada no banco, a cantar e a brincar com o Stuart. Estávamos a jogar o jogo em que uma pessoa diz “Sim” e a outra pessoa diz “Não”, e continuamos sim, não, sim, não, e depois trocamos.

Um minuto depois, vi um tipo a dirigir-se ao carro, casualmente, mas com um modo agressivo. Pensei “O que quer este tipo?” Dirigiu-se logo para a porta, que estava um pouco aberta para deixar entrar ar. Não ficou parado um pouco afastado para dizer “Desculpe”, como se fosse pedir ajuda. Pensei “O que se está a passar? Talvez alguém esteja ferido e ele precise de ajuda.” Segurava um jornal dobrado de onde saía um cabo preto, como um cabo de guarda-chuva. Aproximou-se logo da porta e disse – Não faça nada, tenho aqui uma arma.

O meu pensamento inicial foi “Bem, então mostre-a lá.” Não via arma nenhuma, apenas aquele cabo preto sinistro. O tipo olhou em volta, espalhando

vibrações bastante negativas, e pensei “Este tipo está mesmo a querer sarilhos e é melhor dar atenção ao que se está a passar.”

Por isso, disse em voz baixa – O que quer? Ele perguntou a gozar comigo – O que lhe parece? Pensei “Quais são as alternativas? O que tenho para dar a este tipo? Sexo? Dinheiro?” Então pensei “Dinheiro, é melhor.” Procurei no bolso e, por acaso, tinha duas notas de vinte dólares. Fiquei contente porque pensei “Bem, quarenta dólares é bem bom, então olhei para ele e disse – Aqui tem algum dinheiro. Ele agarrou as notas.

Nesse preciso momento, apareceu a minha irmã a contornar a frente do edifício, a cerca de seis metros do carro, eu dei uma espreitadela e ele também. Em seguida abriu a porta, tirou uma faca grande – cerca de 12cm o cabo e entre 15 a 17cm a lâmina, com serrilha na parte superior e ponta com um brilho prateado. Metia realmente medo. Disse – Desvia-te, e encostou-a junto do meu rim direito. Desviei-me para o banco do condutor e ele sentou-se no banco do passageiro com a faca na mão esquerda. Olhei instintivamente para ver como estava a agarrar a faca, porque pensei “Tenho que resolver esta situação, mas quando e como?”

Tecnicamente sabia como desviar a faca. Isso devia-se ao facto de ter sido duas vezes campeã nacional de judo kata e treinar judo há nove anos. Por isso estava a pensar “Este tipo é maluco. Será que sabe quem sou?” Mas também estava realmente muito assustada e pensei “Isto não é o mesmo que estar no recinto de treino de artes marciais”. Decidi que seria melhor aguardar, porque a minha irmã estava lá e o meu sobrinho estava preso na sua cadeira. Não queria fazer nada errado. O que me parecia mais correto, especialmente com a ponta da faca apontada ao meu corpo era fazer exatamente aquilo que ele queria na altura.

Tive algumas dúvidas sobre se iria sobreviver. Então apareceu a minha irmã. Nesta altura, senti que a situação era realmente séria, e pensei “É uma questão de vida ou morte”. Os olhos dele olhavam a toda a volta. Tentei olhá-lo nos olhos mas ele desviou o olhar. Estava a tentar aproximar-me dele como ser humano, mas ele não olhava para mim. Falava de forma arrastada, por isso deduzi que estivesse sob o efeito de drogas. Mas tinha movimentos bastante coordenados quando entrou para o carro.

Entretanto a minha irmã aproximou-se e tentei dizer-lhe com o meu rosto alguma coisa para a acalmar. Ela disse – Ei, o que se passa? Mais tarde disse-me que

pensava ser um amigo meu do secundário. Então olhou lá para dentro e viu a faca apontada ao meu corpo. Ela é enfermeira, por isso estava a pensar no meu fígado perfurado. Ele parecia saber onde apontar a faca, mesmo abaixo das costelas. Não estava por baixo da pele mas empurrando, numa pressão constante, o suficiente para concentrar ali toda a minha atenção. A minha irmã estava completamente pálida, e quase gritou, mas disse delicadamente – Não magoe a minha irmã, não faça mal ao meu filho, parecendo perdida e muito assustada.

– Dá-me o dinheiro – disse ele, com um gesto. Ela tinha sete notas de vinte dólares na mão que tinha levantado no multibanco. – Tome. Não lhes faça mal. Ele agarrou no dinheiro e perguntou – Quanto é?

– Cento e quarenta.

Então disse-lhe – Dá a volta para o outro lado do carro. Quando ela começou a dar a volta pela frente do carro, ele aumentou a pressão na faca. Pensei que ele se iria embora quando tivesse o dinheiro, mas de repente estava a empurrar com mais força. E subitamente pensei “Oh meu Deus, o meu corpo é sagrado”, e o medo que sentia transformou-se em raiva. Alguma coisa dentro de mim deu um clique e tudo ficou mais lento, como debaixo de água, em câmara lenta. O tempo parou e senti que podia viver ou morrer naquele momento.

Tive sorte por o cabo da faca ter cerca de doze centímetros de comprimento, e a mão dele ocupava talvez oito ou dez, por isso havia uma parte do cabo que sobrava e que eu podia agarrar. O dedo anelar e o mínimo estavam meio-descontraídos na faca – ele não a estava a agarrar com força. Pela forma como o cabo se encontrava sabia que conseguia alcançá-lo com a mão e retirá-lo por entre os dedos dele. Essa é uma técnica de autodefesa bastante comum, e fico contente por saber utilizá-la. Então quando senti aquele clique, virei o meu corpo para me desviar um pouco da ponta da faca, e ao mesmo tempo alcancei com a mão direita a parte da faca que aparecia logo a seguir ao seu dedo mínimo. Não era muito cabo, mas era melhor do que nada. Puxei, depois tentei com as duas mãos. Ele puxou-a novamente e lutou durante um segundo. Não me ia deixar ficar com ela sem mais nem menos, apesar de eu estar a fazer bastante força.

Quando tentei agarrar aquela faca, concentrei-me apenas no cabo – mal reparei na lâmina. Ele puxou-a para a sua frente, com ambas as mãos, e eu arranquei-a pensando “É agora ou nunca, tenho mesmo que a tirar.” E consegui. Penso que ele não se cortou, sei que não fiquei ferida. Fez-se uma breve pausa e senti-me eufórica – isto funcionou de facto, agora estou livre.

Ele abriu a porta do carro e saiu a correr. Entretanto a Susan gritava – Claire! Claire! Ela tinha visto a luta dentro do carro e pensou que ele me estava a esfaquear, por isso ficou histérica.

Eu estava tão irritada e enraivecida que abri a porta e comecei a persegui-lo. Deixei cair a faca no chão do carro. Nunca me passou pela cabeça usá-la.

– Vai-te foder, pedaço de merda, vai-te foder, deixa-nos em paz! – gritei, para libertar todos aqueles sentimentos de irritação e raiva.

Pensei “Bem, talvez ele tenha uma arma, talvez ele tenha amigos à esquina, talvez não deva persegui-lo até muito longe.” Então pensei “Vou mas é voltar para trás e tomar conta dos vivos, em vez deste cretino.”

Regressei ao carro, acalmei a minha irmã que continuava histérica. Mas eu ainda estava irritada, saltei para o banco do condutor e disse – Vamos lá buscar o nosso dinheiro. Subimos a rua por onde ele tinha ido e conduzi mesmo rápido tentando encontrá-lo, mas já tinham passado alguns minutos e ele tinha fugido. Vimos um tipo entrar num carro e partir e pensámos “Lá está ele”, e seguimo-lo durante alguns quarteirões, mas depois perdemo-lo.

A Susan disse – Bem, não vale a pena contarmos à polícia, isto deve acontecer todos os dias, não é muito grave, e eu disse – Nem pensar, claro que vamos contar. Temos que fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para recuperar a nossa confiança, e talvez apanhar o tipo, quem sabe?

Por isso liguei o 911⁵ e contei a história e a operadora disse – Ora deixe lá ver se entendi, consegui tirar a faca? Quem vos atacou era um miúdo? Eu disse que devia andar à volta dos vinte e oito anos, cerca de um metro e oitenta, 75 quilos. – Como é que fez isso? Perguntou. Respondi – Bem, sou cinturão negro de judo, por isso, sei tecnicamente o que devo fazer naquela situação. – Ah, estou a ver – disse ela.

⁵ Equivalente ao 112 - nº europeu de socorro.

O meu sobrinho manteve-se calmo e silencioso durante todo o tempo. Quando fala sobre isso agora diz – Oh, o homem mau, tirámos-lhe a faca e ele fugiu.

Parte VI

Trabalho de Equipa

Introdução

Temos que nos defender
Em grande número
Defender-me
Sozinha não consigo
Vamos defender-nos
Em grande número
Venham construir um lar seguro comigo

Holly Near, “A nossa defesa”
(tradução nossa)

Um dos mitos sobre ser atacada é que se trata necessariamente de uma experiência isolada. A imagem clássica de TV ou cinema retrata uma mulher só, descendo uma ruela escura de saltos altos e vestido que lhe limita os movimentos. Subitamente, é atacada por um estranho encapuzado, que muito provavelmente lhe aponta uma faca à garganta. Se ela conseguir gritar, ninguém a vai ouvir. Ou se houver pessoas por perto, são apenas espetadores indiferentes.

As histórias nesta secção são de mulheres que procuraram o apoio de outras pessoas para se defenderem ou lidam ativamente com as consequências de um ataque. As mulheres que usam trabalho de equipa recorrem a pessoas que por acaso se encontram por perto, bem como a amigos ou defensores.

Um ataque é sempre inesperado; mas isso não significa que as reações possíveis não estejam ensaiadas. Ninguém quer pensar em ser agredida. A violência é uma realidade terrível da sociedade contemporânea, e é compreensível que não tenhamos motivação para encarar esta realidade. Contudo, se estivesse a caminhar pela rua com a sua melhor amiga e fossem atacadas, sabem o que deveriam fazer? Por certo, gostariam de mostrar um grupo coeso a um atacante. Não significa que as vossas reações possam ser delineadas e seguidas como um guião quando chegar o momento; a sua melhor defesa é uma mente e um corpo flexíveis, munidos de um repertório de reações possíveis. Porém, a autodefesa também está relacionada com

preparação prévia. Quando está com outra pessoa, existem dois ou mais tipos de reações possíveis – bem como dois tipos de limitações.

Por exemplo, algumas mulheres acreditam na não-violência, enquanto outras de bom grado poderiam ferir gravemente ou até mesmo matar em autodefesa. É importante falar sobre estratégias com quem está mais tempo. Por exemplo, o que faria se um homem se dirigisse a si e tentasse dar-lhe um murro? Talvez recuasse e fugisse em seguida, enquanto a sua amiga ficava lá, defendia-se e contra-atacava. Se vive com outras pessoas, pode também criar uma estratégia de autodefesa na vossa casa. Por exemplo, podem tentar descobrir quais seriam os melhores percursos para fugir, ou como as características próprias de cada divisão poderiam ser usadas em vosso benefício.

Como em todas as áreas da autodefesa, não existem respostas certas ou erradas. O que é importante é comunicar com outros e descobrir quais são os seus pontos fortes e as suas limitações. Partilhem os vossos medos. Talvez tenha medo principalmente de ataques em grupo, enquanto a sua amiga fica aterrorizada com armas. Essas conversas podem dar-vos uma ideia clara daquilo que podem esperar de cada uma, e também podem quebrar os medos terríveis que temos só de imaginar um ataque. Ao visualizar um ataque e a sua reação eficiente, o ataque perde algum do seu poder. Ao imaginar-se a si própria e aqueles que ama a resistirem a uma agressão, consegue ver uma saída. Para além disso, elaborar estratégias com outra pessoa pode ajudá-la a enfrentar os seus piores medos e pensar em formas de os vencer. O medo é uma reação saudável ao perigo, e pode ser um forte estimulante – desde que seja *usado* e não congele a mente e os músculos.

E o que dizer dos transeuntes? É verdade que algumas pessoas – em especial em cidades onde é provável verem uma enorme quantidade de violência diariamente – podem não querer envolver-se se testemunharem uma agressão. Não pode estar à espera de ser salva por alguém que esteja perto. Mas existem histórias de heróis modernos, transeuntes que correm em auxílio de alguém em apuros.

Também existem formas de encorajar outras pessoas a envolver-se. Em “Duas Mulheres Corajosas”, Chris Weir e a amiga não obtêm no início uma reação por parte dos vizinhos ao serem ameaçadas na rua com uma faca. Contudo, as luzes dos alpendres começam a acender-se, quando começam a chamar os vizinhos pelo nome.

Isso significa, é claro, que se preocuparam em conhecer os vizinhos – uma importante tática de autodefesa comunitária.

Se for atacada, pense noutras mulheres e como pode protegê-las de uma agressão. Pode relatar o caso à polícia ou ligar para a linha de apoio à vítima. Algumas organizações colocam panfletos com a descrição de atacantes da zona que incluem a identidade e a residência (se for conhecida), o que fez, a descrição física e os locais que habitualmente frequenta. O panfleto poderá incluir um desenho ou fotografia do homem, e deve ser escrito de forma a não incluir informação que possa identificar as mulheres que agrediu.

Em “Fuga do Elevador”, Tamar Hosansky foge do seu presumível violador, mas apercebe-se rapidamente de que outras mulheres estão em risco e toma medidas para evitar que ele saia do edifício.

Mas existem outras formas de conseguir ajuda:

- * Grite “FOGO!” em vez de “SOCORRO!” Algumas pessoas poderão ter medo de se envolver quando um ser humano ataca outro, mas a maior parte das pessoas presta auxílio em caso de incêndio – especialmente se for no seu prédio. Não importa aquilo que grita – interessa é chamar a atenção das pessoas, depois diga-lhes o que é necessário fazer.

- * Se estiver na rua em apuros, corra para a casa ou o estabelecimento mais próximo. Bata à porta e diga às pessoas que lá estão que precisa de ajuda. Diga e faça o que for necessário para conseguir entrar. Se as pessoas estiverem relutantes em a deixar entrar, tente convencê-las a chamar a polícia.

- * Faça uma cena. A sua vida pode estar em jogo, e não é altura para se preocupar com boas maneiras. Se estiver na estrada, pode acenar a um carro para parar.

- * Faça um plano de autodefesa da casa com as pessoas que vivem consigo. Planeiem os locais de fuga, falem sobre o que fariam se ficassem separados, ponderem sobre as armas possíveis e quem na vizinhança iriam procurar para os ajudar. Mantenha uma lista de números de telefone importantes num local acessível.

- * Se o atacante for alguém conhecido, ou até um membro da família, fale sobre a situação com os outros. Conte à família, aos seus amigos e aos amigos dele. Diga-lhes

que não tolera o que aconteceu e peça para a apoiarem. Se está a ser assediada no trabalho, fale com as suas colegas. Pode não ser a única com problemas.

Esta última tática atinge a origem do ataque. Os homens que agredem mulheres não querem chamar a atenção de outras pessoas; querem fazer a sujeira a sós, escondidos do olhar da sociedade. Por isso as *confrontações* – um tipo de trabalho de equipa *planeado* – são tão eficientes.

Uma confrontação, explicada de forma simples, é o momento em que uma mulher vai com um grupo de apoiantes e diz ao homem que a atacou como se sente em relação à situação, e o que espera dele no futuro. Diz-lhe que não se irá safar novamente, que a comunidade o conhece e que está sob vigilância. O objetivo é dar poder à mulher que foi atacada e evitar que o homem continue a violar ou agredir.

O poder de uma confrontação é duplo: permite à mulher exprimir a raiva num contexto seguro e responsabiliza o homem pelas suas ações perante a comunidade – os seus pares. Idealmente, o homem deveria ser confrontado por pessoas que o conhecem, e pelas quais se sente responsável.

Uma confrontação é planeada ao mínimo pormenor, com total aprovação da mulher que foi atacada. Antes da confrontação, todos no grupo decidem como vão agir e o que vão dizer. É muito importante que todos saibam o que fazer, se, por exemplo, o homem tentar fugir ou ficar violento.

As confrontações geralmente envolvem pouco ou nenhum contacto físico; a maior parte dos homens que são confrontados ficam demasiado surpreendidos e humilhados para reagir. E porque uma confrontação é rápida – normalmente entre poucos minutos a meia hora – o grupo já foi embora antes que ele possa elaborar um plano para fugir ou ferir alguém.

Na maior parte das confrontações, as “confrontadoras” são todas mulheres. Isto contradiz o mito de que uma agressão a uma mulher só pode ser vingada por um grupo de homens “vigilante” – enquanto a mulher lesada fica em casa, incapaz de contribuir para a sua autodefesa. Os homens apoiantes podem ajudar à confrontação, talvez distribuindo panfletos com o nome do homem, morada, descrição física, e a natureza do crime. O objetivo de uma confrontação é dar poder à mulher; não se pretende que seja uma discussão entre o atacante e a sobrevivente. Nem deveria ser um fórum para o homem tomar consciência do seu comportamento. De facto,

normalmente é melhor não deixar sequer o homem falar. As confrontações mais poderosas são rápidas e objetivas.

Um resultado importante é o facto de o atacante deixar de ser anónimo; foi reconhecido, e não irá ser capaz de se safar novamente com este tipo de comportamento.

Existe um outro aspeto relacionado com a autodefesa, para além da reação ao próprio ataque: as sequelas. Quando uma mulher é violada ou agredida, tem de viver com as cicatrizes para o resto da vida. Mas nunca é demasiado tarde para obter ajuda de modo a sarar as feridas.

Também queremos convidá-la a sair do isolamento. Tal como as mulheres nesta antologia, pode partilhar a sua história. Conheça os seus vizinhos. Fale sobre a autodefesa com a sua família e amigos.

Fuga do Elevador

Tamar Hosansky nasceu e cresceu em Nova Iorque, tem trinta anos. Fez o seu primeiro curso de autodefesa quando tinha dezoito. Desde essa idade que pratica artes marciais. Foi cofundadora, juntamente com duas outras mulheres, da organização Safety and Fitness Exchange (SAFE), sediada em Nova Iorque. A SAFE viaja pelos Estados Unidos, organizando programas pessoais de segurança para mulheres e crianças. Juntamente com Flora Calao, Tamar é autora de um livro sobre autodefesa para crianças intitulado *Your Children Should Know*.⁶

“Tenho dedicado a minha vida a ajudar as pessoas a estarem mais seguras e a ajudá-las a recuperar se foram atacadas. O estudo das artes marciais ajuda a manter-me saudável e com a mente sã e ajuda-me a continuar a fazer o meu trabalho. Penso que não seria possível ouvir os milhares de histórias de abuso que oíço se não pudesse depois descarregar num saco de treino.”

Estava no elevador do prédio onde trabalho com um indivíduo que era lá estafeta. Algures a meio da subida, atirou-se a mim. Contorceu o rosto como se me fosse dar um beijo, mas com a expressão completamente fria. Eu estava de saia, com saltos e maquilhagem, por isso, tenho a certeza que ele pensou que eu era presa fácil e não fazia ideia daquilo em que se estava a meter. Bati-lhe no peito para o afastar e assim não me conseguir agarrar. Presumi que tinha mesmo que lhe bater a sério porque estávamos encurralados num elevador minúsculo. Mas ele afastou-se logo e disse – Desculpe, desculpe, não me bata. Fiquei em posição de combate e gritei – Saia já do elevador! Comecei a pressionar botões no painel de controlo incessantemente, enquanto ele dizia sem parar – Não me bata, não me bata. Enquanto olhava para ele pensava “Se dás um passo vou ter mesmo que te bater a sério.”

Ele saiu do elevador e eu continuei até ao andar do meu escritório. Comecei a ficar extremamente preocupada com o facto de ele poder atacar uma mulher que não soubesse como defender-se. Corri para o meu escritório e perdi o autocontrolo. A minha colega disse – Temos que chamar a segurança, temos que chamar a polícia. Isso fez-me voltar a ter forças. Liguei para a segurança do prédio no rés do chão. Eles

⁶ *As Vossas Crianças Deveriam Saber* (tradução nossa).

trancaram o edifício e pediram-me para descer e identificá-lo à saída, e foi o que fiz. Mantiveram-no lá até a polícia chegar. A polícia na realidade não podia fazer nada, porque ele não tinha posto as mãos em cima de mim. Bati-lhe antes de ele me tocar, e ele não tinha dito nada como – Vou violar-te, vou matar-te. Mas mais tarde disseram-me que ele estava em liberdade condicional, por isso, pedi-lhes para contarem ao oficial de condicional aquilo que tinha acontecido.

Há alguns anos atrás, houve uma série de ataques em elevadores de edifícios de escritórios no centro de Manhattan. Isso assustou realmente as pessoas porque muitas têm a ideia de que o centro é seguro; se estiver numa zona de negócios, está numa espécie de bolha de segurança. Acho que o homem tinha uma faca e andava a violar mulheres. Algumas delas escaparam por gritarem. Quando elas gritavam e faziam uma cena, ele supostamente ia-se embora. Houve uma série de reportagens nos meios de comunicação acerca destas mulheres conseguirem escapar – o que é, sem dúvida, pouco vulgar para os *media* de Nova Iorque. Uma situação semelhante para mulheres dos subúrbios é o caso das garagens de estacionamento público, que são espaços encurralados semelhantes aos elevadores.

Foi uma situação extremamente perigosa estar dentro de um elevador com alguém que podia estar armado. Uma amiga disse-me para não subestimar os efeitos do ataque. Apesar de me ter defendido, houve posteriormente alguns efeitos traumáticos.

Antes já me tinha defendido verbalmente, mas nunca tinha sido necessário bater em alguém. Com toda a certeza que o facto de acreditar naquilo que ensinava me ajudou. Reagi sem medo e com a certeza de que iria fazer o que fosse necessário para controlar a situação – não iria permitir que ele me violasse.

Duas Mulheres Corajosas

Chris Weir nasceu em Nova Jérnia em 1952, a segunda filha de uma família de operários. Depois da faculdade, trabalhou como professora primária e como organizadora de comunidade. Chris iniciou recentemente uma nova carreira em ciências da computação e tem participado ativamente na política local e em questões sobre os direitos dos homossexuais. Diz ser provavelmente “a única lésbica que não gosta de gatos, mas é louca por galinhas.”

“A minha experiência de autodefesa é mínima: alguns workshops de um dia e um verão com aulas de judo. Aprender a dizer não foi a lição mais importante que aprendi. Quer seja para pedir à pessoa da mesa ao lado para parar de fumar, ou ao enfrentar assédio verbal na rua, dizer não é o melhor primeiro passo que podemos dar.”

Tinha sido uma boa tarde de festa de Natal – animada com amigos e risos e boa comida. Eu e a Sally recusámos uma boleia para casa. Por volta das seis horas, a chuva tinha-se transformado em chuvisco leve e queríamos ir a pé para casa, que ficava a três quarteirões.

Depois de atravessarmos a movimentada rua principal, continuámos a andar de braço dado através do complexo médico escuro e deserto que antecede a rua que dá acesso ao nosso quarteirão. Ao passarmos do passeio iluminado para um trecho de estrada às escuras, reparámos numa figura que vinha na nossa direção e aparecia recortada pela luz do candeeiro do final do quarteirão. Continuámos a conversar e eu questionei-me vagamente sobre qual dos nossos vizinhos seria esta pessoa, e comecei a desviar-me para um lado da rua para ele passar pelo outro lado. Ele não se desviou. Veio diretamente ter connosco. Pensei “Oh não, este tipo vai chatear-nos por sermos lésbicas e andarmos de braço dado. O que vou dizer agora?”

Em vez de lançar o insulto esperado, agarrou subitamente no meu braço, levou uma coisa ao meu estômago e disse – Tenho uma faca. A Sally soltou o meu outro braço e afastou-se com um salto. Enquanto parte da minha mente tentava descobrir uma forma de voltar atrás no tempo e fazer este caminho de forma diferente, outra parte estava a concluir que devia ser um assalto, e a forma de lidar com a situação nesta altura era encarar a atitude dele como ridícula.

– Não temos dinheiro nenhum – declarei, num tom de voz que implicitamente dizia que ele não era muito esperto por nos ter escolhido, nós éramos demasiado pobres para valer a pena o assalto.

– Não me interessa. Vai para ali – disse ele calmamente, apontando com a cabeça para um maciço enorme de trepadeiras que ladeava a estrada. “Oh, trata-se de violação”, pensei, quando senti que o meu corpo ficava hirto com medo. “O que faço agora? Vou colaborar e espero não ficar muito magoada? NÃO!” Rejeitei esta ideia de forma enfática. No fundo da minha mente, podia ouvir partes de uma conferência dada por uma mulher da organização *Women Against Rape* dizendo que resistir dá resultado na maior parte das vezes, que a autodefesa normalmente é bem sucedida. Achei que ele podia esfaquear-me ali mesmo no meio da rua por resistir, mas sabia que ficaria ferida se fosse a qualquer sítio com ele. Não iria permitir que ele me levasse para os arbustos sem dar luta.

Respirei fundo. – Não, disse eu. Usando um tom de voz autoritário de professora o melhor que podia, continuei. – Não vou fazer nada daquilo que quer. Não vou a lado nenhum consigo. Este é o meu bairro e você não se vai safar. Vou gritar e as pessoas vão aparecer. É melhor que saia já daqui. Vá-se embora! Deixe-nos em paz!

A Sally agarrou na minha deixa e voltou a afirmar que era melhor ele partir. Eu sabia que a Sally estava provavelmente a pensar correr a pedir ajuda, tal como eu estava a considerar pedir-lhe para o fazer. Mas precisava dela ali para me ajudar a continuar a minha ofensiva. Ela era parte da minha força e uma peça fundamental perante a realidade que iríamos encontrar depois disto. Durante os cinco anos em que tínhamos estado juntas, tínhamos passado por alguns momentos difíceis. A confiança que tínhamos uma na outra e o conhecimento das reações e atitudes de cada uma fazia de nós boas companheiras. Iríamos conseguir sair desta situação.

Ele fez um movimento com a faca e disse à Sally para nos acompanhar, mas ela manteve-se à distância, por trás dele e continuando a falar e a distraí-lo. Ele tentou puxar-me para o lado, mas resisti. Ele parecia não saber o que fazer. Decidi que era a minha vez de fazer alguma coisa. Queria aproximar-me do candeeiro que conseguia ver por cima do ombro dele.

– Já estou farta, disse-lhe. – Vou-me embora. E andei no sentido da luz e para a faca. Ele desviou-se e largou o meu braço.

Mas ainda não tinha acabado. Colocando-se ao meu lado, agarrou no outro braço para andar ao meu lado e passou a faca para a outra mão. Essa foi a primeira vez que vi a faca – de caçador, com uma lâmina de quinze centímetros. Continuei a andar, sempre dizendo para ele se ir embora.

Quando cheguei perto da zona iluminada disse novamente – Já estou farta, e com um safanão consegui soltar o braço preso. Desta vez ele afastou-se um pouco mais, e agora que tínhamos algum espaço entre nós, já estava pronta para levantar a voz e até gritar. Enquanto ele estava muito perto, não o tinha querido assustar com gritos sonoros ou movimentos rápidos. Mas agora a Sally e eu começámos a chamar pelos vizinhos bem alto, e a dizer que havia lá fora um homem com uma faca. Ele começou a descer a rua em passo rápido, e nós seguimo-lo, gritando atrás dele. Nunca tínhamos gritado a pedir ajuda. Mantivemo-nos na ofensiva, optámos por tentar afastá-lo em vez de mostrar vulnerabilidade.

Agora parecia que ele se queria ir embora rapidamente. Quando a Sally gritou – Está aqui fora um homem com uma faca! Ele virou-se com a faca novamente apontada para nós. Decidimos que tínhamos que abordar os vizinhos de forma mais direta, já que nenhum deles tinha aparecido. Gritámos os nomes de alguns vizinhos e as luzes dos alpendres começaram a acender-se. O homem disparou a correr. Nós corremos atrás a gritar.

Quando as pessoas apareceram eu acalmei, dominada pelo alívio de que tudo tinha terminado e ele já mal se via. Mas a Sally continuava a persegui-lo, zangada porque ele ia conseguir escapar. Finalmente parou e voltou para trás quando ele dobrou uma esquina e avançou para uma zona de armazéns, completamente deserta. As pessoas estavam lá fora na rua, e nesta altura, o medo e as lágrimas começaram a aparecer à medida que íamos contando o que tinha acontecido.

Agarrámo-nos uma à outra, aterrorizadas com o que poderia ter acontecido, e espantadas com a forma como nos tínhamos salvado. Tínhamos procedido corretamente, defendemo-nos, perseguimo-lo e afastámo-lo do bairro. Dissemos não e funcionou.

Em jeito de *postscript* a este testemunho, gostaria de acrescentar que o homem foi apanhado e condenado a catorze anos de prisão. Quando nos atacou, estava fora da prisão apenas há alguns meses, depois de ter cumprido seis anos devido

a múltiplas acusações por violação. Quando o advogado de defesa pediu pena mínima, uma vez que não tinha realmente cometido a violação, o juiz retorquiu que ele certamente não devia ser recompensado por ter falhado na sua tentativa, apenas porque tinha “deparado nessa noite com duas mulheres corajosas e determinadas.”

Parte VII

Estratégias de Vida e Dicas sobre Autodefesa

Introdução

Nesta última secção de *Saber para Sobreviver*, as mulheres partilham o que aprenderam sobre a autodefesa a partir de uma variedade de experiências. As suas dicas poderão ser úteis a qualquer mulher, não apenas em ataques violentos, mas no dia a dia. A sua coragem ao escolherem estratégias que as ajudam a sobreviver vai para além da agressão sexual.

A experiência de vida provém de muitas circunstâncias, e todas as mulheres que foram atacadas aprenderam algo único sobre sobrevivência. A maior parte das mulheres sentiu-se indefesa ou foi avisada por amigos bem intencionados para tomar precauções que diminuem a liberdade. Mas os humanos são animais que arriscam, e de forma a viver uma vida completa, as mulheres agem livremente.

As mulheres que arriscam e são violadas são acusadas de provocar ou até mesmo de querer o ataque. Contudo, mesmo as mulheres que fazem todas as coisas “certas”, usam as roupas “certas”, ficam em casa à noite, e dependem dos homens para as proteger, são atacadas. A verdade é que nenhuma mulher, independentemente do estilo de vida ou atividades sexuais, quer ser violentada ou viver permanentemente com medo.

As mulheres nesta secção não fugiram de perigos suspeitos, mas tomaram medidas concretas antes e durante as agressões. Dicas e estratégias podem ser adquiridas a partir de amigas que as utilizaram, em aulas sobre autodefesa ou assertividade e com as autoras neste livro. Nunca se sabe demais sobre como travar um ataque – quanto mais hipóteses em mente, mais probabilidades tem de encontrar a mais útil quando for oportuno.

Pode treinar autodefesa com os olhos fechados ou com amigas, para que as estratégias surjam naturalmente. Muitas mulheres defendem-se usando o senso comum, mas não existe nenhuma lei contra o seu aperfeiçoamento.

Saber para Sobreviver foi escrito não apenas para ser uma boa leitura, mas para aumentar as hipóteses de escapar se for atacada. Acreditamos que há sempre uma saída, sempre uma possibilidade de fuga, mesmo nas situações mais ameaçadoras. Esperamos que todas possam usar os vossos conhecimentos e as ideias aqui expostas,

para reagir criativamente de modo a manterem-se fortes, seguras e livres. Lembrem-se que a autodefesa é um conjunto vivo e flexível de escolhas, não uma ou dez técnicas. Mantenham a mente aberta e façam o que for possível. Boa sorte! Defendam-se!

Autodefesa sobre Rodas

Sandi Collins contraiu poliomielite quando tinha três anos. Usa cadeira de rodas. Em 1986, Sandi fez um curso de autodefesa para mulheres com incapacidades físicas.

“Não sou de ficar em casa a lamentar, sem dúvida nenhuma. Sou mãe, apesar de me terem dito que isso era impossível. Vivo no campo, não obstante ser muito mais fácil na cidade, porque me divirto mais aqui fora no campo. Sou uma péssima dona de casa, mas não é por causa da minha incapacidade, mas sim porque detesto cuidar da casa.

A minha melhor defesa tem dado uma boa história. Gostei das aulas de autodefesa que tive. Já tinha pensado nalgumas das técnicas antes, mas não tinha a certeza de como as executar. Costumava ler livros sobre autodefesa, mas ajuda se de facto tivermos alguém que nos mostra que realmente funciona, mesmo numa cadeira de rodas.

Na mercearia, encontrei-me com uma das raparigas que ia às mesmas aulas. Perguntou-me se tinha sido atacada. Respondi – Não, tu já? E ela disse – Não, porra!”

De acordo com o referido em entrevista às responsáveis pela antologia: tive polio quando tinha três anos, por isso, cresci com uma incapacidade. As minhas pernas são muito fracas. Consigo usar muito pouco a perna direita, principalmente, apenas para guiar a cadeira. Os meus braços são mais fracos do que a média das pessoas, com exceção de certos músculos que uso sempre. Muitas pessoas que conheço, que não utilizam os músculos da cintura para baixo, são bastante musculados da cintura para cima.

Da primeira vez que tive problemas foi com um tipo que decidiu avançar um pouco mais do que aquilo que eu queria. Na altura eu estava mesmo a precisar de amor, mas não queria aquele tipo de amor.

Estávamos no seu atrelado, e ele ofereceu-me uma bebida. Disse que não queria; aos dezassete anos eu não bebia. Continuou a falar e em seguida só me lembro de ele estar por trás de mim com as mãos dentro da minha camisa. Comecei a falar sem parar.

Fingi ter muita experiência, como se fosse realmente uma rapariga da cidade. Disse que tinha apanhado uma infeção por causa do último tipo com quem tinha estado, porra para ele, era mesmo um verme, e falei e falei e falei. E disse – não queres apanhar esta infeção, estou assim agora, por isso, não vais querer ficar assim também.

Disse-lhe que ele era realmente um tipo apresentável, mas eu não queria que ele ficasse com o mesmo problema que eu, e consegui envaidecê-lo um pouco quando disse que de facto não me queria ir embora, mas achava que ele não ia querer ficar com o meu problema. Ele deixou-me partir.

Não sabia nada sobre herpes ou doenças venéreas, mas consegui fingir bem. Isso fez com me safasse dessa vez. Aprendi um pouco sobre os homens e o que dizer e não dizer.

Da outra vez que tive realmente um problema, estava na loja onde trabalhava. Era muito cedo, talvez sete da manhã, e estava a tentar pôr em ordem alguma papelada. A patroa não estava e já eram horas dela regressar, por isso, tinha que me despachar.

Encontrava-me na parte da frente da loja atrás de um balcão alto quando ouvi a porta dos fundos a ser destrancada. Presumi que era a outra rapariga que trabalhava connosco, então não prestei grande atenção. Na altura usava um lenço ao pescoço, uma bandana, e só me lembro de estar alguém a puxar o lenço para me sufocar. Empurrou-me para fora da cadeira e prendeu-me o braço num *armlock*.⁷ O meu braço direito é hiperflexível, por isso quando ele me fez o *armlock*, deixei-o fazer e logo de seguida, agarrei-lhe nos tintins.

Ele largou o lenço durante pouco tempo e pensei que tinha ficado finalmente livre, mas entretanto agarrou novamente no lenço e colocou-se numa posição diferente para eu não o conseguir alcançar. Mas ele só estava interessado em dinheiro ou naquilo que conseguisse encontrar.

O pior foi ele ter enfiado na minha boca um trapo velho, sujo e asqueroso, cheio de tinta, para não poder gritar por socorro. Andei durante dias a cuspir bocadinhos de tinta.

⁷ Golpe de jiu-jitsu, também conhecido por chave de braços, no qual o lutador agarra o braço do adversário e o coloca entre as pernas, ficando com o punho dele seguro entre as mãos, no centro do seu próprio peito, dominando-o com o polegar do adversário apontado para cima.

Desde então, a única pessoa que já tentou controlar a minha cadeira de rodas foi o meu marido. Uma vez de quatro em quatro, ou cinco em cinco anos, quando temos um bom combate que se arrasta, ele tem tendência a tartarugar-me; inclina a cadeira de rodas para trás sobre as rodas traseiras, e nessa posição não consigo mexer-me. Posso sair da cadeira, mas sem dúvida que fico no chão e mais vulnerável. Também já tive amigos que me tartarugaram, apenas por gozo, a armarem-se em espertos. É uma posição muito vulnerável.

Se estiver com os pés levantados no ar e apoiada nas costas, não consigo usar as pernas para dar pontapés, a não ser que esteja de lado. Se me estiverem a agarrar os pés, não consigo sair da cadeira, e se me virar para um lado ou para o outro, fico presa. Essa é uma forma realmente boa de me encurralarem. Sem dúvida que me faz ficar mais preocupada. Ainda assim, posso sempre usar os braços.

Há pouco tempo, fiz um curso de autodefesa para mulheres com incapacidades. Deu-me uma série de ideias sobre coisas que poderia fazer. Antes do curso, sempre me questionei sobre o que poderia resultar. Agora sei o que é eficaz. Como, por exemplo, se estiver no chão, agora sei várias formas de incapacitar alguém. Se ficar novamente nessa posição, sei como os colocar ao meu nível. Assim que estiverem no mesmo nível, estaremos em pé de igualdade. Se estiverem de pé, acima de mim e mais altos do que eu, sinto-me consideravelmente em desvantagem.

Se tivesse que dar conselhos a outras mulheres em cadeira de rodas, diria: façam um curso de autodefesa para terem alguma confiança, e depois pensem nisso antes de ser necessário. Se estivesse numa situação perigosa, o que faria? Torne-se uma boa mentirosa, uma mentirosa convincente. Na situação em que eu era uma adolescente, ele não sabia ao certo se eu estava ou não a mentir, mas seguramente não queria arriscar. Foi bastante eficaz. Mas se por acaso estivesse numa situação onde fosse necessária a autodefesa física, mentir não seria o indicado.

Por exemplo, em janeiro, tive uma disputa com uma vizinha que estava a ser muito desagradável; bloqueou o meu carro no fundo da colina e tentou agredir-me dentro do carro enquanto eu tentava afastar a mão dela. Pelo menos sabia que não ia ter problemas. Ela não podia dizer que tinha sido eu a começar. Então deixei a zona e dirigi-me para o lugar que encontrei mais seguro e próximo, que por acaso foi a igreja. Vi lá um dos diáconos principais. De contrário, ter-me-ia dirigido para o quartel dos

bombeiros. Deduzi que ela não seria capaz de começar a chatear-me à frente de um grupo de bombeiros altos e robustos.

Depois disso, pensei em todas as coisas que poderia ter feito. Poderia ter enfiado a cabeça dela por entre o volante e acabado ali o problema.

Não corro muitos riscos. Por exemplo, não vou às compras no centro com uma bolsa pendurada na cadeira de rodas. Normalmente tenho os cartões de crédito acondicionados num sapato ou noutra sítio pouco visível. Já houve alturas em que estava a trabalhar à noite e tinha que estacionar o carro num sítio qualquer e ir de cadeira de rodas; tenho perfeita consciência onde se encontram pessoas. Sei exatamente onde existem fendas, obstáculos, pedras, ou seja, o que está no caminho. Se estiver a tentar fugir de alguém, é muito melhor ter uma rampa à mão do que um passeio, porque uma rampa permite aumentar a velocidade. Também reparo nas janelas com luz, caso precise de ajuda.

Quando era adolescente, costumava fazer imensas coisas só por gozo. Como sair à noite e estacionar tão longe quanto possível do sítio onde ia trabalhar. Costumava correr esse tipo de riscos que agora já não corro. Aquela pequena lição com o tipo no atrelado, realmente, fez-me pensar. Pensava que estava imune, quer dizer, que numa cadeira de rodas ninguém me iria chatear.

Um Teste de Fé

Barbara Richmond nasceu em Nova Iorque. O seu percurso de vida levou-a a conhecer a América Latina, onde viveu durante oito anos. Os seus interesses, preocupações e compromissos estão relacionados com a paz e a justiça, com particular ênfase para a América Central.

“Agora, quando oiço falar de violência e espancamentos e confissões forçadas na América Latina, isso faz parte da minha própria história. E mudou a minha forma de ser.

Tenho agora a noção da força de que dispomos, independentemente de quem somos ou da situação em que nos encontramos. É quase como se a força de todas as lutas de todas as pessoas possa estar ao nosso alcance, sempre que for necessário.”

De acordo com o referido em entrevista às responsáveis por esta antologia: Estava no México desde 1966, e em 1974, quando se deu este incidente, tinha começado a trabalhar próximo de Temisco, não muito distante de Acapulco. Estava a trabalhar num movimento intitulado *comunidades de base* – comunidades Cristãs básicas. Trata-se de uma ferramenta de organização da comunidade; iniciado pela Igreja Católica no Brasil, o movimento espalhou-se pela América Latina. Tradicionalmente, nos países da América Latina, a igreja aliou-se aos poderosos, e a mensagem transmitida a muitas pessoas era “Agora és pobre, mas irás ser recompensado no céu.” As pessoas costumavam aceitar resignadas o seu destino. *Comunidad* é uma forma de criar um reino de justiça e amor *agora*.

Trabalhávamos nas vilas e íamos conhecendo pessoas, falávamos sobre o que se passava com elas, nas fábricas e nos campos.

Eu encontrava-me lá com a Lola, uma amiga *Chicana*⁸. O Crisoforo era outro amigo – meu compadre – e as suas duas filhas minhas afilhadas. Estávamos a trabalhar com o Padre Morfim, o padre da zona. Tinha havido algumas mudanças na diocese. O padre que lá tinha estado antes, o Padre Cornello, tinha ficado vinte e sete anos, e tinha sido cúmplice das autoridades locais e dos proprietários de terras ao extorquir as

⁸ Alguém que nasceu nos EUA (Sudoeste), mas cujas origens são da América Latina.

peessoas. Quer fosse Semana Santa, ou uma *fiesta* ou o Natal, o Cornello lá andava a fazer peditório, dinheiro que depois simplesmente desaparecia nos seus bolsos.

O Padre Morfim apoiava bastante as *comunidades de base*. Uma das primeiras coisas que ele dizia às pessoas na missa era que, durante a Semana Santa, não autorizava ninguém a andar de porta em porta a pedir dinheiro para flores ou outra coisa qualquer.

Os *caciques* – os grandes proprietários de terras – estavam todos furiosos porque tinham feito isto durante anos e tinham angariado muito dinheiro. Estavam determinados a expulsar o Padre Morfim e trazer de volta o Padre Cornello, para poderem continuar a fazer as coisas como nos últimos vinte e tantos anos. Começaram a lançar o boato de que o Padre Morfim estava a trazer estrangeiros para Temisco para acabar com a religião do povo, que ele queria destruir a forma de ser e de pensar das pessoas e os seus santos, que ele era comunista.

Uma noite estávamos a ter uma reunião na igreja em Temisco. Estávamos quase a terminar quando ouvimos bater à porta. Antes de qualquer um de nós se levantar, alguém de camisa branca e chapéu de palha entrou bruscamente. Eu consegui ver as pessoas juntando-se lá fora: homens com ar muito sério.

– O que estão aqui a fazer? – Perguntou o indivíduo.

Respondemos que estávamos em reunião.

– Oiçam, nós cá somos católicos, e não queremos nada disto, gostamos da nossa fé. Gostamos da nossa religião, e vocês estão a meter-se em sarilhos – disse ele.

Ele estava bastante convicto do que estava a dizer. Não o conhecia nem nunca o tinha visto. Era uma situação bastante assustadora, porque não fazia ideia do que ele estava a querer dizer.

– Não queremos correr convosco, mas... – acrescentou. E saiu e fechou a porta.

Pensei “Que estranho”. Tive um pressentimento horrível. Olhei para o Padre Morfim.

– Quem era aquele? – Perguntei.

– Jorge Sanchez.

Na altura não sabia quem era Jorge Sanchez, mas vim a saber que ele era o cabecilha dos *caciques* em Temisco.

– Acho que é melhor acabarmos a reunião – disse o Padre Morfim. Enquanto dizíamos uma oração que finalizava as nossas reuniões, ouvi o sino da igreja tocar. O Jorge Sanchez tinha subido à torre e o sino tocava TLIM, TLÃO, TLIM, TLÃO.

Estava a ficar escuro e o meu coração estava acelerado. Fomos para a rua, e de repente as pessoas começaram a correr. Podia ver as pessoas a descer as ruas a correr. Havia uma espécie de alvoroço. Ouvia pessoas a falar, toda a gente a falar ao mesmo tempo e dirigindo-se para nós.

Havia uma multidão, mas não saberia dizer quantas pessoas lá estavam. Mais tarde, chegaram à conclusão de que haveria à volta de quinhentas pessoas contra nós os cinco. Na realidade eu não sabia verdadeiramente o que se estava a passar, mas o pressentimento que tinha era horrível.

Havia multidões de pessoas a juntar-se em todo o lado. Estávamos a cerca de meio quarteirão de distância da estrada que vai para Acapulco. Naquela estrada passam autocarros. Por isso disse – Vamos embora. Pensei que talvez pudéssemos apanhar um autocarro e sair dali.

Uma mulher veio ter comigo e disse – Nós somos Católicos e gostamos da nossa fé, e não nos podem tirar a nossa fé.

Pensei “De que está ela a falar?” Naquele momento tinha uma Bíblia na mão e um caderno de apontamentos. Tentei falar com ela, perguntar-lhe o que queria dizer, se me podia dizer o que se estava a passar. Mas ela estava simplesmente furiosa. Havia uma raiva geral neste grupo de pessoas. À medida que se juntavam mais pessoas, a raiva ia aumentando até que explodiu. Comecei a sentir pedras a atingir-me e pessoas a bater-me com paus.

Mesmo antes de virarmos a esquina, vi o Padre Morfim a cerca de três metros à minha frente. De um lado tinha um *campesino*, um homem com *huaraches*⁹ e chapéu de palha, com uma daquelas *machetes* grandes para cortar a cana-de-açúcar por cima da cabeça do Padre. Do outro lado alguém lhe apontava uma arma junto ao corpo.

Passámos a esquina. O meu amigo Don Lupe mantinha-se perto do Padre Morfim, e a Lola e o Crisoforo estavam perto de mim. Quando chegámos à esquina, vi uma loja com luz do outro lado da rua e disse – Vamos atravessar a rua. Por outras palavras, vamos fugir da multidão.

⁹ Sandálias mexicanas.

Pensei que estava a atravessar a rua com a Lola e o Crisoforo, mas entretanto, apercebi-me de que apenas o Crisoforo me acompanhava. Virei-me e olhei e a Lola ainda estava do outro lado da rua, andando com a multidão, *na* multidão. Chamámo-la para vir ter connosco. – Lolita, Lolita, *vente acá, vente acá!* – Ela não estava assim tão longe de nós e nós estávamos a gritar. Continuava a andar, andar, andar. Parecia que não conseguia ver ou ouvir. Aquilo era demasiado para ela. O Crisoforo e eu olhámos um para o outro e voltámos a atravessar a rua, para a multidão.

Ouvimos um tiro mais à frente. Alguém veio a correr na nossa direção dizendo – O padre está aos tiros às pessoas. Outra pessoa disse – *Ustedes van a pagar. Vão pagar por isto.* As pessoas começaram mesmo a bater-nos, a dar murros e a agarrar-nos. Estavam a deixar-me sem forças e em desequilíbrio. Tentávamos tirar as mãos das pessoas de cima de nós. Tentei tirar as mãos das pessoas de cima da Lola. Parecia estar completamente aturdida, não tinha expressão no rosto. As pessoas estavam a torcer-lhe o braço até próximo do pescoço, e eu agarrei-lhes as mãos e tentei afastá-los. Num dado momento, várias pessoas estavam a sufocar-me e lembro-me perfeitamente de abrir a boca para morder a pessoa que me estava a sufocar, mas depois parar. Foi como se houvesse alguma coisa dentro de mim que me dizia “Não faças isso, porque lhes vais dar mais motivos para continuar”. Lembro-me disso claramente.

De repente, tomei consciência de que eles nos queriam matar. Não sabia porquê ou como isto tinha acontecido, mas eles estavam tão zangados que iam acabar connosco, ali mesmo, na rua.

Então vi um autocarro a descer a rua. Alguém gritou – Saiam do caminho, vem aí um autocarro. E uma das pessoas que me estava a agarrar disse – *Qué bueno.* Que bom que vinha aí um autocarro. Então atiraram-me para o chão para a frente do autocarro.

Lembro-me de ser atirada, depois olhar para cima e ver luzes. Ouvia pessoas arfar como ruído de fundo. Tentei equilibrar-me e pôr-me de pé. O autocarro ficou a cerca de trinta centímetros de mim, e sei que estava muito perto porque quando me levantei, apoiei-me nele. Bati na porta do autocarro e gritei – Deixe-me entrar, deixe-me entrar, estão a tentar matar-nos. Mas o motorista não iria abrir a porta porque viu o que se estava a passar, e levava passageiros.

Todas estas coisas aconteceram numa fração de segundo. Foi o tipo de situação em que não temos tempo para pensar, mas acaba por acontecer alguma coisa que vem de dentro de nós. Agimos simplesmente, fazemos o que tem de ser feito naquele momento. Continuei a bater na porta, e pelo olho direito vi alguém num carro branco vindo no sentido oposto, a olhar para esta multidão e a ouvir os gritos, deslocando-se devagar. Comecei a correr para a minha esquerda para dar a volta por trás do autocarro, com esperança de poder chegar àquele carro branco que vinha no sentido oposto. Assim que comecei a correr, ouvi pessoas a dizer – *Mátenla, mátenla*. Apanhem-na, apanhem-na, matem-na, não a deixem escapar.

Durante uma fração mínima de segundo, enquanto corria para aquele carro, o autocarro ficou entre mim e a multidão. A única coisa que me lembro de pensar na altura foi “Espero que a porta de trás não esteja trancada”. Corri para o carro, abri a porta de trás, atirei-me lá para dentro, fechei a porta e tranquei-a, depois disse ao condutor – Arranque, acelere, arranque.

Ouvi o baque das pessoas a aterrar em cima do carro, tinham vindo a correr mesmo atrás de mim para me apanhar. O condutor pôs o pé no acelerador e partiu, e quando me virei, senti uma onda de ansiedade. Tinha deixado a Lola para trás, a Lola e o Crisoforo. Não sabia onde estavam.

Enquanto o carro partia, ouvi mais tiros e vi, vi mesmo, uma explosão de armas a disparar. Aqui estava eu a fugir, mas tinha deixado os meus amigos. Não queria deixá-los, mas tinha que arranjar algum tipo de ajuda.

Então aqui estou eu no carro e vou falando, falando, falando, a tentar pensar alto e manter-me de alguma forma concentrada. O condutor ia dizendo – O que aconteceu, o que aconteceu? – E eu ia contando o que tinha acontecido.

Vi um carro patrulha e enfiei a cabeça pela janela e gritei-lhes para pararem. Depois disse ao condutor para não me deixar sozinha até ter a certeza de que os polícias iam regressar comigo, e ele disse que sim.

Então entrei no carro com os polícias, e foram comigo até uma estação de gasolina. O tempo parecia infinito. Tiveram que beber uma coca-cola, fizeram um telefonema, puseram gasolina, sempre dizendo para me acalmar. Finalmente chegámos até perto das instalações do governo. Sem sombra de dúvidas, lá estava uma enorme multidão. Fomos avançando, e quando as pessoas viram o carro da

polícia avançar comigo lá dentro, rodearam o carro, ainda empunhando paus. Queriam tirar-me de lá de dentro e acabar comigo.

Então ouvi uma sirene. Virei-me e vi a ambulância da Cruz Vermelha.

Queria ir ver o que se estava a passar e quem estava a ser colocado na ambulância, mas não consegui sair do carro, porque havia pessoas com paus mesmo ali a querer apanhar-me. Alguém estava a ser colocado na ambulância e as pessoas gritavam. Descobri mais tarde que era o padre, e a multidão ainda tentava acabar com ele. A ambulância partiu e o carro em que me encontrava fez o mesmo.

Apercebi-me nessa altura que estava a segurar o meu braço esquerdo. Tinha o ombro deslocado e o braço partido. Mas não tinha consciência disso. Quando penso na situação, estive a segurar o braço dessa forma o tempo todo, mas não senti dor e não me fez deixar de correr e fazer aquilo que tinha que fazer.

Então um dos polícias disse – Está a ser acusada pelas pessoas.

– De *quê*?

– Está a ser acusada de celebrar uma Missa Negra. Estas pessoas disseram que foram à vossa reunião e estavam a celebrar uma Missa Negra, e você estava a ter sexo com o padre, e havia drogas envolvidas.

– Mas isso não é verdade, não era isso que estávamos a fazer.

– Tem que dizer a verdade.

– Eu *estou* a dizer-lhe a verdade.

– Bem, isso não sei, disseram-me para vir cá e fazer com que você confessasse.

Estava no México há oito anos, e nesta altura sabia o que isso significava. Isso significa que se é espancado até se dizer o que eles querem que se diga. Encostou o carro à berma da estrada, estávamos num lugar chamado *Puente de la Muerte* – Ponte da Morte. Não sei como ganhou esse nome nem quero saber. Encontrávamo-nos numa estrada de montanha no meio do nada às dez ou dez e meia da noite, estava escuro, nada mais por perto. Parou o carro. Pensei “já sei que me vão bater”. No banco da frente, um dos polícias tinha um bastão grande de madeira, um cassetete. Saiu do carro, contornou-o e abriu a porta de trás do meu lado.

Foi algo incrível, mas nesse momento fiquei calma. Posso identificar com precisão aquele momento, porque sabia que não havia nada que pudesse fazer fisicamente, para sair daquela situação. Até ali, havia sempre alguma coisa que eu

poderia fazer. Podia falar com alguém, podia correr, havia um carro a aproximar-se, podia fugir, podia fazer isto ou aquilo. Mas agora não havia sítio para onde ir, nada que pudesse fazer. O meu coração parou de bater aceleradamente e a calma tomou conta de mim. Tinha a convicção de que *não* iria dizer que estávamos a celebrar uma Missa Negra e a fazer todas aquelas outras coisas. Não iria fazer isso.

Ele disse-me para sair do carro, e comecei a falar outra vez, mas agora de forma diferente. Antes, tinha sido o tipo de conversa nervosa sobre o que tinha acontecido. Nesta altura, comecei a falar muito mais calmamente sobre a experiência que tinha tido no México, de como tinha sido uma experiência tão enriquecedora e agradável, de como as pessoas tinham sido tão boas para mim, e eu tinha aprendido tanto, de como tinha tantos compadres e comadres. E percebi que enquanto eu falava, ele ia-me ouvindo. Ele não me estava a bater. Por isso continuei a falar.

Depois de tudo, ainda tinha a Bíblia e o bloco de notas na mão.

– Que livro é esse? – Perguntou.

– É a Bíblia. Abri-o para lhe mostrar que era realmente a Bíblia.

Ele estava a olhar para a Bíblia e não me estava a bater. Por isso continuei a falar. Nessa altura estava a tentar encontrar coisas para dizer.

Estava a falar sobre as *comunidades*, e a uma dada altura disse – *Mui pronto voy a regresar a mi tierra*. Muito em breve vou regressar à minha terra, ao meu país.

– De onde é?

– De Nova Iorque.

– É dos Estados Unidos?

– Sim.

Não me tinha ocorrido dizer isso. Imaginei que eles deveriam saber, mas não sabiam, talvez por causa do escuro, da confusão, e, às vezes em meu benefício, outras vezes não, eu falava Espanhol com o sotaque das pessoas daquela zona e até mesmo daquela vila.

– Tem passaporte?

Tinha comigo a autorização de residência e mostrei-lhe. Recuou, fechou a porta, deu a volta, sentou-se novamente no banco do condutor – Não sabia. Tem que nos perdoar. O meu povo é fanático – disse, desculpando-se.

Nesse preciso momento chegou um carro, outro carro da polícia. Abriram a porta e uma luz ténue surgiu lá de dentro, e vi a Lola e o Crisoforo no banco de trás. Agarrei numa lanterna que estava no banco e virei a luz para a minha cara, para que os meus amigos vissem que eu estava bem. Vim a descobrir que eles pensavam que eu estava morta, porque a última vez que me tinham visto, estavam a atirar-me para a frente do autocarro.

Em seguida foram colocados no carro comigo. O Crisoforo estava muito maltratado. A Lola parecia assustada, mas não me parecia que lhe tivessem batido. Levaram-nos para a esquadra da polícia na cidade e colocaram-nos numa cela. Perguntei ao Crisoforo pelo Padre Morfim, e ele disse-me que tinha sido atingido e espancado. O Don Lupe tinha a cabeça partida por lhe terem atirado pedras grandes. Libertaram-nos mais tarde, nessa noite.

O resultado de tudo isto foi bastante bom. O padre está vivo; ainda coxeia, mas está bem. Há dois anos atrás, deixou Temisco. Podia ter partido logo, mas disse que ia ficar. Se tivesse partido logo, seria admitir que estava a fazer algo errado, e ele sabia que não estava.

O bispo cancelou a missa na vila; não permitiu nenhum serviço religioso nem a Eucaristia. Isso teve um impacto tremendo nas pessoas. – Seria hipócrita celebrar-se a Missa aqui – disse o bispo. – A missa é um símbolo vivo de comunhão, de comunidade e amor entre as pessoas e isso não existe aqui em Temisco. Quando me mostrarem que o que procuram é comunidade e amor no reino de Deus, então eu próprio virei celebrar Missa convosco novamente.

Uma das coisas que ele exigiu às pessoas foi que elas descobrissem de que tratavam as nossas reuniões. Tinham-lhes dito que eram missas negras, mas ele disse que as pessoas deviam ir ver com os próprios olhos.

Algumas pessoas aconselharam-me a ligar para a Embaixada Americana e tentar arranjar alguma proteção, ou tentar pôr o Jorge Sanchez na cadeia. Mas pensei “Vamos imaginar que pomos o Jorge Sanchez na cadeia. Vamos imaginar que ligamos para a Embaixada Americana. Eu posso pedir à Embaixada Americana que me proteja, mas que tipo de exemplo vai ser para as pessoas naquela vila? A quem vão recorrer quando precisarem? Podem ir à Embaixada Americana? Podem contar com as próprias autoridades locais? Não. Temos que lhes dar o exemplo de que há outras formas de ter

poder e não temos que depender de alguém importante para nos ajudar e proteger. Se atirmos o Jorge Sanchez para a prisão e as pessoas em Temisco continuarem ignorantes sobre o que se está a passar, qualquer outro Jorge Sanchez poderá voltar e as pessoas irão acreditar nele.”

Quando parti, havia cerca de quatro reuniões diferentes todas as semanas. No espaço de um ano, eram vinte e cinco. Tudo o que aconteceu despertou muita consciência. As pessoas aperceberam-se de que tinham sido exploradas, de como lhes tinham mentido, durante gerações.

Se pudesse, teria evitado passar por estes acontecimentos, mas quando olho para o passado, foi uma honra fazer parte de algo que iria tornar as pessoas mais conscientes da opressão em que tinham vivido e adquirir o controlo das suas vidas. A minha fé na luta em que estou envolvida ficou muito mais forte. Penso que é uma daquelas situações em que ou se pensa “Esquece isto, é demasiado assustador e não quero mais”, ou se fica completamente convencido de que isto é o que se quer da vida. Foi isso que aconteceu comigo.